



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Davi da Silva San Gil

**Novos olhares sobre Viena: um estudo sobre o recente trabalho de
reavaliação do positivismo lógico**

Rio de Janeiro

2008

Davi da Silva San Gil

**Novos olhares sobre Viena: um estudo sobre o recente trabalho de reavaliação só
positivismo lógico**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Filosofia Moderna e Contemporânea.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Augusto Passos Videira

Rio de Janeiro

2008

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/ BIBLIOTECA CCS/A

G463n Gil, Davi da Silva San
Novos olhares sobre Viena: um estudo sobre o recente
trabalho de reavaliação do positivismo lógico/ Davi da Silva San
Gil. – 2008.
101 f.

Orientador: Antonio Augusto Passos
Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
Bibliografia.

1. Positivismo lógico - Teses. 2. Filosofia austríaca - Teses.
I. Passos, Antonio Augusto. II. Universidade do Estado do Rio
de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDU 1(436)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Davi da Silva San Gil

Novos olhares sobre Viena: um estudo sobre o recente trabalho de reavaliação do positivismo lógico

Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Filosofia Moderna e Contemporânea.

Aprovada em 08 de dezembro de 2008.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Antonio Augusto Passos Videira (Orientador)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

Prof. Dr. Edgar da Rocha Marques
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

Prof. Dr. Robson Ramos dos Reis
Centro de Ciências Sociais e Humanas - UFSM

Rio de Janeiro

2008

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Rosane San Gil.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Professor Antonio Augusto Passos Videira, agradeço pelo acompanhamento cuidadoso e a confiança no meu trabalho, auxiliando não só no amadurecimento desta pesquisa, mas no meu próprio enquanto pesquisador. Aos professores Edgar da Rocha Marques, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e Robson Ramos dos Reis, da Universidade Federal de Santa Maria, agradeço pela participação na banca de defesa deste trabalho, assim como pelas críticas que suscitaram a versão final que aqui se apresenta. Também agradeço à Professora Sílvia Figueroa, do Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), pela ajuda no provimento de valioso material bibliográfico, sem o qual o trabalho aqui proposto teria sido muito mais penoso.

Aos meus pais Luiz Pedro e Rosane, agradeço pelo apoio constante desde os meus primeiros passos na vida acadêmica. Aos meus afilhados queridos Alexandre e Arthur, pelas oportunas distrações. À minha prima Raquel, minha gratidão pelo carinho que perpassa todas as distâncias geográficas.

A Roberta Melo e Eycles Souza, antigas amigas dos anos de graduação no IFCS/UFRJ, que de modos distintos foram importantes fontes de auxílio ou motivação para que há pouco menos de três anos eu concorresse ao ingresso no mestrado que hoje concluo. A Fábio da Costa, Gabriel Leitão, Vítor Mauro Bragança, Taís Pereira, Bernardo Freire e Rommel Luz, por terem tornado a vida acadêmica dos últimos anos uma lembrança especialmente agradável. Um agradecimento especial aos meus amigos Paulo Taddei e Bruno Melo, por razões diversas que não se contabilizariam aqui. A Maria Clara Faria, meu carinho. Às minhas amigas Fernanda Miguens, Ana Cecília Reis, Juliana Falcão, Deborah Gratz e Nina Barbieri, que apesar de seus tantos focos e planos ainda se mostraram fontes de tranquilidade e motivação para mim. Aos melhores amigos de primeira hora Rafael Jatahy, Tiago Borges, Paula Vieira, Fabrício Tinoco, Ricardo Gomes, Leandro Martins e Bruno Hage, pela compreensão diante da inevitável ausência e, principalmente, por renovarem em mim ano após ano o apreço e a confiança nessa amizade. Minha gratidão a vocês tange o indizível.

A razão é evidentemente débil quando confrontada com sua infindável missão. Débil, sem dúvida, se comparada com as loucuras e paixões da humanidade, que, é forçoso admitir, controlam quase inteiramente nossos destinos humanos, nas grandes como nas pequenas coisas. No entanto, as obras do entendimento sobrevivem às gerações ruidosas e agitadas e difundem luz e calor através dos séculos.

Albert Einstein

RESUMO

GIL, Davi da Silva San. *Novos olhares sobre Viena: um estudo sobre o recente trabalho de reavaliação do positivismo lógico*. 2008. 101 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

A pesquisa que ora se apresenta consiste em uma investigação sobre o recente trabalho de reavaliação das obras de membros do chamado Círculo de Viena, que foi o primeiro e principal grupo representativo da perspectiva filosófica conhecida como positivismo lógico. Nossa pesquisa compreende três partes: a primeira parte voltada para a reconstrução histórico-conceitual do período entre o alvorecer das idéias neopositivistas e os primeiros momentos posteriores à recepção norte-americana da imigração intelectual vienense; na segunda parte do trabalho, por sua vez, lançaremos luz propriamente à natureza de tal perspectiva contemporânea, a partir de uma descrição sobre o método e o escopo temático de tal projeto revisionista; à terceira parte, por fim, além de tecer uma avaliação geral sobre o que foi feito nas duas partes que a antecedem, coube conjecturar as possibilidades de se encontrar em tal trabalho uma agenda filosófica e política própria.

Palavras-chave: História da filosofia analítica. Filosofia da ciência austríaca. Neopositivismo. Círculo de Viena. Revisionismo.

ABSTRACT

The present work consists on an inquiry concerning the recent re-evaluation in the works of members of the so-called Vienna Circle, which became the first and main representative of the philosophical movement known as Logical Positivism. Our research comprises three parts: the first one is devoted to a historical-conceptual reconstruction of the period between the uprising of the first Neopositivist ideas and the years immediately following the North-American reception of the intellectual immigration from Vienna; the second part of the work concerns the nature of such contemporary reappraisal researches on the positivists' legacy, through a description of the method and scope of such re-evaluation project; finally, the third part comprises a general review of the previous parts, and was worked out in order to conceive conjectures about the possibility of finding out in this re-evaluation project a philosophical and political agenda of its own.

Key-words: History of analytic philosophy. Austrian philosophy of science. Neopositivism. Vienna circle. Revisionism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 DA VIENA VERMELHA AO DECLÍNIO NA AMÉRICA: UMA BREVE HISTÓRIA DO POSITIVISMO LÓGICO DO CÍRCULO DE VIENA.....	13
1.1 O “primeiro” círculo de Viena: Neurath, Frank, Hahn.....	16
1.2 O “segundo” círculo de Viena em sua fase pré-pública.....	20
1.3 Neurath, Schlick, e as divergências ternas do círculo.....	22
1.4 O debate sobre sentenças protocolares como radicalização das posições internas.....	26
1.5 O Manifesto de 1929: o círculo de Viena em sua fase pública.....	29
1.6 O Movimento pela Ciência Unificada e a internacionalização da concepção científica de mundo.....	27
1.7 O <i>Anschluss</i> e a marginalização da <i>wissenschaftliche Weltauffassung</i> no território Pan-germânico.....	32
1.8 Da revolução na Filosofia para uma Filosofia da Ciência: A “americanização” do positivismo lógico e suas conseqüências.....	34
2. A RETOMADA CONTEMPORÂNEA: O MÉTODO, OS AUTORES, OS TEMAS.....	46
2.1 Thomas Kuhn e Rudolf Carnap: Uma relação revisitada.....	48
2.1 “Um papel para a História”? Sobre o trabalho de reconstrução histórica do positivismo.....	57
2.3 A recepção contemporânea da obra de Otto Neurath e suas contribuições para uma nova compreensão do projeto neopositivista.....	66
2.4 Carnap, Heidegger, Cassirer e a origem neo-kantiana das perspectivas filosóficas analítica e continental na primeira metade do século XX.....	71
3. AO FIM E AO CABO: O MOVIMENTO REVISIONISTA EM PERSPECTIVA.....	79
3.1 Das Dificuldades.....	79
3.2 Das alegadas razões para o revisionismo.....	87
3.3 Esboço de uma contextualização.....	90
4 CONCLUSÃO.....	91
REFERÊNCIAS.....	94

INTRODUÇÃO

A expressão “revisão” ganhou, ao longo dos últimos séculos, diferentes contornos, cada qual adaptado às intenções daqueles que a utilizavam para caracterizar seu método. Os primeiros trabalhos de tal natureza se remetem à revisão da doutrina marxista ensinada por Eduard Bernstein e Karl Kautsky ao final do século XIX. Já no governo soviético de Stálin, o trabalho revisionista era considerado crime, posto que acenava para o questionamento de uma interpretação oficial dos escritos de Marx e Lênin. Assim, podemos abrir o presente trabalho nos questionando em que medida o objeto de nossa pesquisa pode ser caracterizado como revisão.

Se aceitarmos a aceção de revisão enquanto a proposta de reler um determinado autor ou corrente de pensamento reconsiderando as concepções vigentes acerca de tais idéias e autores e propondo um novo modo de compreensão de um projeto político ou filosófico, vamos de encontro então com o que caracteriza o trabalho dos autores aqui examinados. Contudo, o que é reconsiderado neste projeto de reavaliação do positivismo lógico é menos o trabalho de um ou outro autor em particular, mas a concepção geral e ainda corrente de tal dada perspectiva filosófica. O leitor minimamente familiarizado com a história da filosofia contemporânea deve conhecer, ao menos superficialmente, o grupo de filósofos intitulado círculo de Viena, um grupo encabeçado por Rudolf Carnap e Moritz Schlick, que tinha por meta principal erigir uma nova filosofia, que, sustentada nas bases da lógica e da experiência sensível, conferiria a filosofia o status, se não de uma ciência natural como a física ou a biologia, antes de uma ferramenta de depuração lingüística e conceitual da própria ciência. Em suma: encerrar no bojo da filosofia da ciência a totalidade de problemas filosóficos. O revisionismo contemporâneo não se propõe a negar peremptoriamente tais intenções. A tarefa é, antes, a de investigar e apontar para a possibilidade de uma agenda muito mais rica e extensa do que se pensava – e acrescentar a tal corpo de idéias elementos até então obscuros. O método, as declaradas propostas e por fim, as motivações de tal revisão compõem, juntos, o escopo de nosso trabalho.

A primeira parte do trabalho devota-se a uma reconstrução do período histórico compreendido entre os anos de formação e amadurecimento intelectual do círculo vienense e os anos subseqüentes à imigração intelectual para os Estados Unidos. O foco aqui concedido reside na opção nos autores do círculo de Viena em detrimento de uma abordagem mais ampla que compreendesse também autores proeminentes como Carl Hempel ou Hans

Reichenbach, ambos pertencentes também a sociedades norteadas pelo projeto de uma filosofia científica – no caso destes últimos, a Sociedade de Berlim para a Filosofia Empírica. Tal opção não se justifica por questão de economia, tampouco por reduzir aos positivistas de Viena a autoria de todo o arcabouço conceitual do positivismo lógico. Enfocamos o neopositivismo vienense, antes, por defendermos que há nas idéias de alguns de seus membros uma especificidade que ultrapassa limites de um tal programa metodológico para a filosofia da ciência - um limite no qual confluem idéias de membros de todas as sociedades neopositivistas. Acreditamos ser possível a partir do foco no neopositivismo do círculo de Viena em particular revelar uma maneira própria de compreender o positivismo lógico, que não aparece nas obras e propostas de membros de outros grupos (ainda que afinados filosoficamente com Carnap, Neurath e os demais).

Mais do que simplesmente recontar uma história, objetivamos com esta primeira parte, por um lado, explicitar o contexto histórico sob o qual se fundamenta todo o trabalho recente de reinterpretação do legado filosófico do círculo de Viena; por outro, implicitamos a importância mesma de tal contexto para a compreensão do caráter inovador das pesquisas contemporâneas. Que grande parte dos autores engajados em tais pesquisas reforcem a importância de se ter em conta o momento em que vieram à luz as principais obras do positivismo lógico, assim como a biografia e seus autores, já seria razão suficiente para se empreender um trabalho que também perpassasse tal contextualização. Mas, além disso, é nos resultados de tal investigação histórica que se encontram elementos para respaldar a necessidade de uma revisão de tal natureza. Em outras palavras: não se trata somente de se dedicar a investigação de uma história que até pouco tempo atrás se restringia a alguns poucos relatos autobiográficos publicados, mas de expor o que as pesquisas mais recentes revelaram e a importância de tais descobertas.

Considerar o nosso próprio trabalho como diretamente voltado ao positivismo lógico não seria de todo correto. Como se poderá perceber em especial pelo segundo capítulo, nosso intento reside menos em tecer uma apresentação das idéias dos próprios neopositivistas que em reforçar o caráter inovador das recentes pesquisas. Assim, a segunda parte do trabalho se ocupa em elencar os autores, dividindo-os principalmente pelos focos. Considerando que há divisões nos focos tanto no que concerne os autores positivistas quanto nos aspectos do projeto do círculo de Viena.

Se o nosso objetivo aqui é traçar de modo panorâmico não só os métodos, mas o escopo de tais pesquisas revisionistas, é forçoso que indiquemos também os limites do alcance de tal pesquisa, e em certa medida justificar tais limites. Em primeiro lugar, houve

certa isenção de nossa parte nas informações que nos chegaram por meio dos comentadores. Em parte pela impossibilidade de acesso a muitos dos documentos referidos por tais pesquisadores tais como cartas e outros documentos não publicados, em parte por questões do próprio limite de tempo para a pesquisa, e em grande parte pelo próprio eixo que optamos seguir: é menos uma investigação sobre o positivismo lógico em si que uma pesquisa sobre o modo pelo qual se recorreu, uma vez mais, a tal perspectiva filosófica. E, na impossibilidade de conceder a mesma atenção ao que poderiam ser dois aspectos de uma pesquisa ainda maior, optamos pelo aspecto que nos foi mais acessível. A segunda limitação, de natureza distinta, corresponde ao grupo de comentadores aos quais concedemos maior atenção. De fato, tal trabalho revisionista é predominantemente histórico, e na maioria das vezes compreende o conjunto de características elencadas nesta segunda parte. Contudo, seria importante ressaltar que ainda há um trabalho de natureza mais técnica, que mesmo sem fazer uso dos recursos correntes em al trabalho, assumem uma postura igualmente renovadora – mas cujo caráter e interesse se restringe a aspectos específicos e técnicos da obra neopositivista. É o caso, por exemplo, de autores como Gary Hardcastle, que recentemente publicou sobre a importância de uma filosofia da Psicologia no projeto neopositivista, ou de Thomas Ryckman, cujos trabalhos se centram na relação entre o positivismo lógico e a filosofia da Física. Nossa decisão em não conceder atenção a tais trabalhos se deve não somente a dificuldades como tempo para pesquisa ou espaço no escopo de uma dissertação de mestrado. É, também, decorrente da proposta de nos concentrarmos em trabalhos que a partir de suas pesquisas aludem – ou nos permitam aludir - a uma discussão que escape do bojo específico de seu trabalho. E se por um lado tal decisão carrega consigo a possibilidade constante da acusação de um reducionismo de nossa parte na seleção do que deveria ou não receber a devida atenção, é igualmente importante reforçar que o corpo de trabalhos e temas aqui campeados corresponde ainda aos temas e questões mais presentes no conjunto total de trabalhos.

A terceira parte da presente pesquisa, dedicada por completo a uma consideração do que foi exposto em especial na segunda parte, culmina com considerações, em diferentes graus de justificação e embasamento, acerca da questão principal do trabalho. O caráter especulativo é inerente às respostas, e a justificativa de tal inerência é também tematizada nesta seção do trabalho. Não obstante, colocado em perspectiva e contextualizado no corpo de debates de filosofia da ciência, acreditamos prover o leitor, mesmo que não tão familiarizado com os trabalhos e aspectos mais detalhados daquilo que veio a se chamar positivismo lógico, uma compreensão acerca das propostas contemporâneas de sua reavaliação.

1 – DA VIENA VERMELHA AO DECLÍNIO NA AMÉRICA: BREVE HISTÓRIA DO POSITIVISMO LÓGICO DO CÍRCULO DE VIENA

Ainda que o primeiro capítulo deste trabalho se anuncie como uma reconstrução histórico-conceitual do positivismo lógico, seria errôneo afirmar que estamos dando conta de todos os aspectos ao longo da história deste movimento desde sua fase prematura, no início do século até seu “declínio”, ou seja, a época em que passou a ser visto como uma posição ultrapassada na filosofia da ciência contemporânea. Não por deixarmos de lado algum período em especial, mas antes porque o objetivo aqui não é traçar propriamente uma história do positivismo lógico como um todo, e sim o de percorrermos a trajetória de um ponto específico do que veio a caracterizar tal postura filosófica: o projeto de uma concepção científica de mundo (*wissenschaftliche Weltauffassung*). Destarte, nosso foco se ocupará tão somente dos membros do chamado círculo de Viena. Ademais, daremos atenção especial àqueles membros do círculo que buscavam, pelo projeto do estabelecimento de uma concepção científica de mundo, transformações nas esferas política, econômica e social de seu tempo.

Uma tal dissociação entre o desenvolvimento do positivismo lógico e o surgimento e declínio específicos da idéia de uma concepção científica de mundo se justifica de dois modos: por um lado, estamos explicitando a intenção de abordar um momento histórico que antecede a produção acadêmica pós-guerra dos neopositivistas refugiados, boa parte deles na América, a qual se voltou especificamente para a filosofia da linguagem e a lógica; por outro lado, restringimos não só o momento, mas os próprios membros do círculo de Viena que receberão enfoque, posto que, ainda que a *wissenschaftliche Weltauffassung* fosse, por vias públicas, um objetivo compartilhado por todos, internamente ela foi ponto de discórdia, em especial no que se remete ao caráter político implícito no documento que a divulgou (como veremos na seções futuras).

Buscamos, ao longo do texto, distinguir os diferentes momentos do desenvolvimento do positivismo lógico tal como proposto pelos membros do Círculo de Viena – um desenvolvimento que, embora se atenha a uma ordem cronológica e a um trabalho descritivo dos acontecimentos que circundavam todo o processo, também perpassa pelo desenvolvimento das próprias idéias que nortearam o neopositivismo

desde sua fase prematura, quando ainda não havia sequer um círculo de Viena na sua formação mais conhecida, até a emigração compulsória de boa parte de seus membros em meados da década de 1930.

Na tentativa inicial de ilustrar o período o qual nos propomos a descrever neste capítulo, assim como para ressaltar a importância de uma descrição deste gênero, faço uma breve comparação entre os dois prefácios escritos por Rudolf Carnap para o livro *Der logische Aufbau der Welt*¹ (traduzido em inglês como “*The logical structure of the world*”). O primeiro foi escrito para a edição de 1928, publicada ainda em Viena, e o segundo na edição em língua inglesa, lançada em 1969 pela University of California Press (traduzida de uma segunda edição alemã publicada oito anos antes). No prefácio à edição norte-americana, o autor enfoca basicamente o desenvolvimento do projeto do *Aufbau*, cuja questão central concerne, de modo sucinto, “a possibilidade de uma reconstrução racional dos conceitos de todos os campos do conhecimento sobre a base de conceitos referentes ao imediatamente dado.”² Ao longo de curtos parágrafos, o autor faz uma auto-avaliação, enfocando os aspectos técnicos do trabalho e os pontos do trabalho que foram abandonados por ele ao longo dos anos. Já quando nos voltamos ao prefácio à primeira edição, publicada em 1928, momento em que o positivismo lógico estava no ápice de seu desenvolvimento, tanto em Viena quanto em Berlim, nos deparamos com um texto que abre com o seguinte parágrafo:

Qual o propósito de uma obra científica? Convencer o leitor da validade das idéias que ele apresenta. Contudo, isto pode não satisfazer por completo o leitor; ele pode querer saber, também, de onde tais idéias se originam e aonde elas conduzem, ou se há movimentos em outros campos de investigação com os quais estas se conectam. Somente o livro como um todo pode demonstrar que tais idéias estão corretas. Aqui, fora do escopo da teoria, uma breve resposta à segunda pergunta pode ser esboçada: que posição este livro ocupa na filosofia contemporânea e na *vida contemporânea em geral*?³

As perguntas que abrem e fecham este primeiro parágrafo já refletem a preocupação do autor em situar seu trabalho em um contexto que ultrapassa o âmbito de uma comunidade científica, filosófica ou, em geral, acadêmica. Encontrar a posição que

¹ Daqui por diante, nos referiremos como *Aufbau*

² Carnap [1928 [1969]], p.v

³ Carnap [1969 [1928]], p.xv, grifo meu. A tradução para o português desta citação e das futuras ao longo da dissertação são de minha responsabilidade. Todas as citações foram feitas a partir dos originais em inglês ou de traduções inglesas e espanholas de originais em alemão. A referência das traduções está indicada na bibliografia, assim como os títulos originais.

um determinado livro ocupa não só na filosofia de sua época, mas na vida de modo geral, mostra que o livro era para seu autor mais do que uma proposta de argumentos válidos, mas sobretudo peça de um plano maior, ao qual deveria-se direcionar a atenção. Ao fim do prefácio, Carnap é ainda mais explícito em suas intenções:

Sentimos haver uma afinidade interna entre a atitude na qual se funda nosso trabalho filosófico e a atitude intelectual que se manifesta presentemente em diferentes âmbitos da vida; percebemos esta orientação em movimentos artísticos, especialmente na arquitetura, e em movimentos que lutam por significativas formas de vida pessoal e coletiva, de educação, e de uma organização externa em geral. Sentimos que há ao nosso redor a mesma orientação básica, o mesmo modo de pensar e agir. É uma orientação demanda clareza em todos os sentidos, mas que admite que o tecido da vida [*“fabric of life”*] não pode nunca ser reconhecido.(...)É uma orientação que reconhece os laços que unem os homens, mas que ao mesmo tempo luta pelo desenvolvimento livre do indivíduo. Tal trabalho é levado adiante pela convicção de que esta atitude será vitoriosa no futuro.⁴

Partimos da hipótese de que a marcante diferença entre os pequenos textos que abrem duas edições de uma mesma obra, as quais foram publicadas no intervalo de quase quarenta anos entre uma e outra não deve ser minimizada. Também deve sê-la a relação de cada um dos prefácios com o momento da vida do próprio autor, e com o que este almejava. Assim se mostra o propósito do presente capítulo: descrever como, no intervalo de quatro décadas, um movimento filosófico traduziu-se, de uma proposta de reestruturação política e cultural de uma sociedade, em uma superada vertente acadêmica do pensamento filosófico contemporâneo.

Encontra-se na literatura recente sobre a história do positivismo lógico duas formas distintas de se remeter às origens do círculo de Viena. Uma delas, certamente a mais difundida, parte da eleição de Schlick para a cátedra de Filosofia das Ciências Indutivas na Universidade de Viena, e do círculo que se formou a partir da iniciativa de alunos como Herbert Feigl e Friedrich Waismann. A segunda, bem menos conhecida, antecede em alguns anos este círculo em torno de Schlick e lança luz sobre personagens que, por sua vez, só se juntaram a este círculo da Universidade de Viena em um momento posterior: o matemático Hans Hahn, sua irmã Olga Hahn, o físico Philipp Frank e o economista Otto Neurath⁵. Esboçaremos em seguida, ainda que de modo

⁴ Carnap [1969 [1928]], p.xviii

⁵ Sobre esta primeira formação, encontram-se referências em Cartwright et al [1996], em Stadler [2007] e em Holton [1992]. Menciona-se também a participação, ainda que esporádica, do matemático Richard von Mises.

breve, a natureza de cada um desses círculos, e no que esta diferença pode nos auxiliar ainda na compreensão das posteriores divergências internas do círculo de Viena em sua formação mais conhecida, ou seja, aquele que se apresentou em 1929 imediatamente após o manifesto.

1.1. O “primeiro círculo” de Viena: Neurath, Frank e Hahn

Descrevamos primeiramente o que se chamou “primeiro círculo de Viena”⁶: esse pequeno grupo, em reuniões de caráter informal, realizadas em cafés, tinha com tópicos de discussão principalmente os recentes desenvolvimentos na Matemática, na Lógica e na Física, e ali já estava sendo semeada a idéia de uma organização para a promoção de uma concepção de ciência e sociedade livres de traços metafísicos. Eram temas correntes das discussões a relação entre razão e experiência e as possibilidades de aproximação entre filosofia e ciência, e ocasionalmente também se discutia temas políticos. No livro *A Viena de Wittgenstein*, de Janik e Toulmin fazem uma descrição da sociedade vienense da virada do século:

Em resumo: por volta do ano 1900, os problemas interligados da comunicação, autenticidade e expressão simbólica tinham sido enfrentados em paralelo em todos os principais campos do pensamento e da arte – por Kraus e Schönberg, Loos e Hofmannsthal, Rilke e Musil. Assim, estava preparado o terreno para uma crítica filosófica da linguagem, dada em termos completamente gerais.⁷

Nessa mesma esfera, nesse mesmo “terreno preparado”, se inseria a figura do físico Ernst Mach. A figura de Mach sempre foi vista como referência principal para a filosofia científica do círculo de Viena. Não só para os neopositivistas do século XX, mas para toda uma geração de estudiosos as relações entre as ciências naturais e demais campos do conhecimento, Mach parecia encarnar melhor que qualquer outro o espírito do cientista e filósofo contemporâneo. Podemos mesmo afirmar sem grande perigo que, se havia nos empiristas de Viena um auto-reconhecimento enquanto revigoradores de

⁶ Como ressalta Stadler [2007], o nome “círculo de Viena” foi utilizado oficialmente pela primeira vez no Manifesto de 1929 (cf. seção 5 deste capítulo). O termo aqui utilizado tem propósito tão somente ilustrativo, e encontramos referências a ele em Fleck[1996] e Haller[1996].

⁷ Janik e Toulmin [1991], *A Viena de Wittgenstein*, p.129

uma tradição positivista-empirista, esta era certamente muito mais próxima do positivismo machiano do que propriamente das idéias de Auguste Comte.

Como positivista, Mach opunha-se terminantemente a toda e qualquer espécie de especulação metafísica. Equiparou a metafísica ao misticismo e, por conseguinte, à ofuscação da ciência. Em psicologia, foi um incomparável adversário a todos que postulavam um “ego” como entidade; rejeitou qualquer posição que fizesse a mais leve insinuação de dualismo, pois dizia que todo dualismo culmina em metafísica. De fato, como ardoroso positivista, não dizia que a filosofia tivesse qualquer legitimidade independente da ciência, e insistia a todo instante que não era um filósofo.⁸

Já naquela ocasião, era grande a influência das idéias de Ernst Mach, em grande parte devida ao apreço pessoal que Frank tinha por ele – que residia menos em um acordo com as posições científicas machianas que na sua postura filosófica anti-metafísica por princípio:

Algo que o grupo aprovava por completo eram as tendências anti-metafísicas de Mach, a qual eles acreditavam ser não somente um requisito para uma lógica mais desenvolvida mas também de grande relevância para as esferas social e cultural da vida. Eles viam o papel de Mach análogo ao de importantes figuras do Esclarecimento setecentista, e falavam sobre ler Mach “embriagado de sobriedade” – expressão comumente aplicada a Voltaire.

Anos depois destas primeiras reuniões, já no *Manifesto* publicado em 1929, encontramos ressaltada em retrospectiva a importância do contexto histórico-social em que se encontravam para o surgimento e aceitação da concepção científica de mundo na sociedade:

É historicamente compreensível que Viena fosse um solo particularmente apropriado a esse desenvolvimento. Na segunda metade do século XIX, o liberalismo era, havia muito, orientação política ali dominante. Seu mundo intelectual provém do iluminismo, do empirismo, do utilitarismo e do movimento do livre-comércio da Inglaterra. No movimento liberal vienense, eruditos de reputação mundial ocuparam posições de liderança. O espírito antimetafísico foi cultivado.(...) ⁹

⁸ Janik e Toulmin [1991], p.149

⁹ Carnap et al [1929], p.6

Este grupo, que formado em 1907, se reuniu com freqüência até 1912, quando, por conta das obrigações profissionais de Hahn e Frank, os encontros passaram a rarear. Frank recebeu um convite para lecionar na Universidade Alemã de Praga. Lá assumiu até a ocasião de sua emigração a cátedra de Física sucedendo Albert Einstein – quem, por sua vez, foi o sucessor de Mach. Contudo, tal afastamento geográfico de Viena não deve ser entendido como um afastamento por completo do círculo, ou sequer do contexto cultural em que antes estava inserido. Como nos lembra Barry Smith,

(...)é importante lembrar que Praga era, de certo modo, uma cidade alemã e um centro de atividade intelectual quase tão importante quanto a própria Viena. As vias de comunicação entre as duas antigas capitais imperiais ainda eram fortes, e as mesmas figuras eram freqüentemente proeminentes nas duas cidades, ainda que em épocas distintas.

Ambas as cidades também compartilhavam uma predileção caracteristicamente austríaca (...) por formar clubes, sociedades e grupos de discussão. A vida cultural austríaca era de fato e em grande medida um tema para “escolas”, “movimentos” e “círculos de contemporâneos”, e pode-se parar pra pensar em que grau tais escolas e movimentos determinaram o mundo artístico, intelectual e político no qual vivemos hoje.¹⁰

A mudança para Praga, portanto, representava não o afastamento de Frank do contexto sóciopolítico no qual floresciam as primeiras propostas de uma filosofia científica, mas sobretudo uma oportunidade de ampliar os contatos com outros cientistas e movimentos engajados em projetos semelhantes¹¹. Pode ser compreendida, ainda, como o primeiro movimento do neopositivismo, mesmo em sua fase mais seminal, rumo à internacionalização.

Neurath, já afastado de Viena, se dedicou à vida política. Foi nesse ínterim, entre as primeiras reuniões e os encontros no grupo de Schlick, que amadureceram em Neurath as posições políticas e filosóficas que mais tarde se inseririam no escopo de

¹⁰ Smith [1989]. E o autor continua: “Considere, assim, e em nenhuma ordem particular, o movimento psicanalítico de Viena, o movimento Zionista fundado por Theodor Herzl, a ‘nova escola vienense’ de composição em torno de Arnold Schönberg, a escola de lingüistas e psicólogos em torno de Karl Bühler, a escola austríaca de Economia fundada por Carl Menger em 1871 e que envolvia, de certa maneira, o círculo em torno de Ludwig von Mises e o jovem Friedrich Hayek dos anos 1920. Ou considere o Prager Kreis de romancistas e críticos em torno de Max Brod, Felix Weltsch e Franz Kafka; ou o círculo lingüístico de Praga de Roman Jakobson, Jan Mukatofsky e Nikolai Trubetskoy; ou o assim chamado círculo de Louvre, um grupo de discussão de aderentes da filosofia brentaniana que se encontrava ao início da noite no Café Louvre em Praga, ao qual o jovem Frankz Kafka também pertenceu”pp.35-36

¹¹ Embora, como veremos posteriormente, não tivesse sido essa a impressão de Carnap, na ocasião de sua própria transferência para Praga, aproximadamente dez anos mais tarde.

projetos da chamada “esquerda do círculo de Viena”¹². Foi nessa época também que, pelo contato com obras de Comte, Poincaré, D’Alembert, que Neurath começou a desenvolver alguns dos pontos mais importantes de sua particular concepção empirista. Em 1910 já havia no autor, por influência da filosofia comteana, um interesse pelo modo como as ciências em geral se dividem e se relacionam. A idéia da unidade entre os saberes científicos, portanto, não foi pensada por Neurath primeiramente a partir de seus encontros e conversas com os demais membros do Círculo de Viena. Se não havia ainda uma idéia amadurecida de como se daria esta unidade entre os saberes, já estava presente ao menos a intenção de um projeto que congregasse os diversos campos do saber em torno de um fim comum. Como nos mostra Nemmeth,

Em seus escritos posteriores, ele se referia a esta unidade não-sistemática como “enciclopédia” e reforçava explicitamente as características que tal projeto compartilhava com aquele dos enciclopedistas franceses. Mas já nos seus primeiros escritos que remetem aproximadamente a 1910 – sobre economia política, história da economia, história da ciência e teoria da ciência social – foram desenvolvidos importantes aspectos da concepção de uma unidade não-sistemática a qual ele subsumia sob sua noção de Utopia, ao final da Primeira Guerra.¹³

Entre 1911 e 1913, com o apoio da Carnegie Foundation for International Peace, Neurath conduziu estudos sociológicos acerca do impacto das guerras sobre sociedades da Galícia, Bohemia e dos Bálcãs. Após os anos de serviço militar na Primeira Guerra, em 1917 Neurath passou a lecionar economia política pela Universidade de Heidelberg. Ao ser preso após o fracasso do governo socialista na república bávara – e, em seguida solto, com o auxílio de Otto Bauer – Neurath voltou a Viena em 1919, às custas de sua carreira acadêmica na Alemanha.

Uma vez de volta a Viena, e ao contrário de seus colegas que buscaram se instalar no meio acadêmico, Neurath afastou-se da universidade e se associou ao movimento liderado por Adolf Loos, a partir do qual se tornou secretário geral do *Verband für Siedlungs – und Kleingartenwesen*, o programa de habitação austríaco¹⁴. As idéias do

¹² Sobre esta subdivisão do círculo, se remetem diversos comentadores contemporâneos. Não obstante, encontramos sua origem em uma auto-referência de Carnap em sua auto-biografia. Cf. Carnap[1963], p.57: “Alguns de nós, em especial Neurath, chegaram à conclusão de que tínhamos de buscar um critério de significatividade mais livre do que a verificabilidade. Esse grupo era ocasionalmente chamado de esquerda do círculo de Viena, em contraste com a ala mais conservadora representada principalmente por Schlick e Waismann, os quais permaneceram em contato pessoal com Wittgenstein e eram inclinados a manter suas concepções e formulações”

¹³ Nemmeth[1996], p.7

¹⁴ Cf. Haller [1991] On Otto Neurath in Uebel[1991c]

autor sobre “socialização” já se direcionavam para muito além do âmbito econômico, de bens de consumo, serviços ou alimentos. Era, de fato, a proposta de uma socialização total, a qual, além de uma assistência à população, almejava uma socialização das próprias idéias e valores inculcados nessa sociedade. Em um período de efervescência tanto no âmbito político quanto no cultural, fazia-se mister tornar tais transformações compreensíveis e acessíveis ao homem comum¹⁵. Encontramos um exemplo desse empenho ao direcionarmos nossa atenção sobre o já mencionado programa de habitação. Tal programa compreendia um planejamento completo na estrutura urbana da cidade de Viena, de modo que houvesse uma total padronização na estrutura dos quarteirões e casas, e foi feito em associação com membros do Dessau-Bauhaus¹⁶. Ademais, tal projeto era acompanhado da construção de um museu, no qual a população tivesse acesso às estatísticas e maquetes relacionadas ao projeto. O objetivo não era somente fazer do museu um repositório do passado, mas principalmente atingir uma finalidade pedagógica específica¹⁷.

Já àquela época Neurath defendia uma concepção de ciência não como um apanhado de teorias sobre o mundo, mas sobretudo como um instrumento de formação do homem e transformação da sociedade. Para ele, o comprometimento do círculo com um posicionamento político – que também se refletisse em tomadas de atitude de caráter prático, era uma parte fundamental do projeto neopositivista tal como ele o compreendia.

1.2. O “segundo círculo” de Viena em sua fase pré-pública (1924-1929): as reuniões de quinta-feira e o círculo em torno de Schlick

¹⁵ Sobre tal período da história da cidade de Viena, em que se instaurou um regime social-democrata com influências marxistas, convencionou-se chamar “Viena Vermelha”. Não obstante, lembre-se que apesar do adjetivo, havia um distanciamento ideológico do socialismo soviético. Para referências detalhadas sobre esse momento, ver Grubber[1991]: *Red Vienna: Experiment in working-class culture 1919-1934*

¹⁶ Sobre esta aproximação, ver Galison[1991], Galison[1996] e o segundo capítulo deste trabalho.

¹⁷ De modo geral, a concepção neurathiana sobre museus sempre se opôs ao papel destes enquanto meros informativos de uma tradição ou expositores de um patrimônio histórico específico. Ao contrário: eram formas de educar a sociedade por inculcar nos visitantes os valores de uma nova cultura pelo recurso que Neurath julgava ser o mais acessível - a linguagem visual. A idéia de reproduzir em outros países o modelo implementado na Viena de 1924 acompanhou Neurath por toda a vida. Para uma descrição detalhada do trabalho de Neurath no museu de Viena e a expansão de seu modelo, ver Fleck[1996] (em especial pp.63-72) e Paul Neurath[1996] (em especial pp.22-3)

Em 1922, Moritz Schlick foi convidado a assumir a cátedra de Filosofia das Ciências Indutivas na Universidade de Viena. Havia algo de especial nesta escolha. Dos três ocupantes anteriores, dois tiveram sua formação acadêmica nas ciências naturais, e o terceiro foi um filósofo de assumida orientação anti-metafísica: a cadeira foi fundada e ocupada primeiramente por Ernst Mach em 1895; o sucederam o também físico Ludwig Boltzmann e Adolf Stöhr. Nos seminários de Schlick, eram discutidas obras como a *Introdução à Filosofia Matemática* de Bertrand Russell e o então recém-publicado *Tractatus Logico-Philosophicus* de Ludwig Wittgenstein. A partir de 1924, por iniciativa de dois alunos de Schlick - Friedrich Waismann e Herbert Feigl - foram promovidas as primeiras reuniões, nas noites de quinta-feira, na Biblioteca de Filosofia da Universidade de Viena, onde Waismann trabalhava. Durante os primeiros anos o círculo ainda era pequeno, e os debates eram prioritariamente direcionados às questões do *Tractatus* e sua leitura à luz dos recentes avanços científicos. Também participava desse primeiro grupo o matemático Hans Hahn. Hahn na ocasião já era uma figura de renome no meio acadêmico de Viena, e foi quem indicou Schlick para ocupar a cátedra. A convite de Hahn, sua irmã Olga e Otto Neurath se juntaram ao círculo no mesmo ano. Só a partir de 1926, a convite de Schlick, Rudolf Carnap assume uma posição como *privatdozent* na Universidade de Viena, logo participando também das reuniões das noites de quinta, que naquele momento já contava com um número maior de membros: além dos nomes mencionados, eram presenças freqüentes Gustav Bergmann, Kurt Gödel, Philipp Frank, Karl Menger, Theodore Radakovic, Viktor Kraft, Marcel Natkin, Henrich Neider, e Edgar Zilsel¹⁸. Dadas as diferenças entre os ramos da ciência em que atuavam cada uma dessas pessoas, poucas – mas importantes – posições pareciam alinhá-los:

Nenhum deles é o que se denomina um filósofo “puro”: todos trabalharam em um domínio científico particular, e na verdade provém de diferentes ramos da ciência e originariamente de atitudes filosóficas. Com o correr dos anos, porém, aflorou uma crescente unidade, efeito da atitude especificamente científica.(...)Se há diferenças de opinião, um acordo é afinal possível e, portanto, também requerido. Mostrou-se cada

¹⁸ Esta versão foi baseada na lista de membros publicada no Manifesto e no livro de Viktor Kraft sobre o círculo (Kraft [1950]). Contudo, em Cartwright et al [1996] e Stadler [2007] uma versão um pouco mais extensa aparece, baseada em efetivas participações de Rose Rand, Felix Kaufmann, Löwy, Karl Bühler - então colega de Schlick em Viena - e de Robert Reininger, Brunswik e Hollitscher, que eram na ocasião estudantes de graduação. Como também podemos reparar, era também idiossincrático do círculo a presença expressiva de alunos trabalhando em conjunto com seus professores. Lembremos que, além dos alunos anteriormente citados, Gödel e Menger eram, eles mesmos, alunos de Hahn.

vez mais nitidamente que o objetivo comum a todos era não apenas uma atitude livre de metafísica, mas também antimetafísica.¹⁹

Em 1928, portanto quatro anos depois das primeiras reuniões, e quando os principais membros já haviam se juntado ao círculo, foi fundada a Sociedade Ernst Mach (*Verein Ernst Mach*). Embora não fossem exatamente o mesmo grupo, de fato a Sociedade Ernst Mach pode ser vista como o “braço institucional” do neopositivismo vienense. Era a forma como projetos intimamente ligados à concepção científica de mundo, tais como o projeto de educação de adultos ou os congressos internacionais, eram promovidos. Ainda que não seja possível estabelecer uma relação completa de identidade entre os membros de um e de outro grupo, a Sociedade Ernst Mach atuava como intermediária entre as reuniões privadas de quintas-feiras e os contatos políticos e principalmente acadêmicos mantidos entre os membros do círculo e outros que compartilhassem parcial ou totalmente dos projetos e idéias do empirismo lógico de Viena. Note-se, também, o corpo administrativo da Sociedade: Schlick era o presidente, e tinha Otto Neurath e Rudolf Carnap como secretários – ou seja, os três principais membros do círculo, uma associação de caráter informal, representavam formalmente a liderança da sociedade responsável por representar nas esferas política e acadêmica os interesses dos membros deste mesmo círculo.

1.3. Neurath, Schlick e as divergências internas do círculo

Característico do círculo era a atitude aberta e anti-dogmática assumida nas discussões. Todos estavam constantemente dispostos a submeter suas visões a uma revisão por outros e por si mesmo. O espírito comum era cooperação no lugar de competição. O propósito comum era trabalhar juntos na luta por clarificação e novas idéias.²⁰

Assim Carnap, em sua *Autobiografia Intelectual*, apresenta o círculo de intelectuais do qual fez parte durante sua estadia em Viena entre meados dos anos 20 e 30 do século XX. No entanto, o aparente clima de um respeito mútuo e busca constante

¹⁹ Carnap et al [1986 (1929)], p.9

²⁰ Carnap in Schilpp [1963], p.20

por uma revisão crítica das próprias posições não deve ofuscar o fato de que havia no círculo divergências que ultrapassavam ao largo os limites. Apesar de ser comum a referência ao Círculo de Viena como “um círculo em torno de Schlick”, as presenças de Carnap – e, principalmente, Neurath – ganharam com o tempo cada vez mais importância, de modo a polarizarem com Schlick não só em aspectos essencialmente técnicos, mas principalmente, em pontos concernentes ao que consistiria a agenda de um movimento ao mesmo tempo homogêneo no que diz respeito a fincar-se sobre idéias de uma tradição empirista e na promoção de uma filosofia essencialmente científica, e heterogêneo no que diz respeito ao caráter político que essas idéias porventura assumiriam no meio em que estão imersos.

Embora, por vias públicas, essas divergências internas fossem vistas como naturais e constitutivas de uma mesma concepção de mundo, como caminhos distintos almejando um mesmo fim, nas reuniões internas estas se faziam verdadeiramente presentes. Como nos reporta Carnap, uma vez mais,

Uma das importantes contribuições dadas por Neurath consiste em suas freqüentes observações acerca das condições históricas e sociais para o desenvolvimento de concepções filosóficas. Ele criticava fortemente a visão comum, defendida por Schlick e Russell, entre outros, de que uma ampla aceitação de uma doutrina filosófica depende primordialmente de sua validade. Ele enfatizava que o contexto sociológico de uma dada cultura e em um dado período histórico é favorável a certos tipos de ideologia ou atitude filosófica e desfavorável a outros.²¹

Ao tocarmos em divergências internas do círculo neopositivista dos empiristas vienenses, podemos tomar como pólos duas proeminentes figuras: Schlick e Neurath. A escolha dos dois, ainda que não esgote os pontos de divergências internas, ilustram de modo razoável extremos opostos de posição tanto política e filosófica, quanto divergências naquilo mesmo que, em um sentido não tão fraco do termo, podemos chamar de “atitude”. Neurath é o que, sob a vista de seus próprios companheiros e demais pessoas que tiveram um contato com ele, um “homem de ação”.

Pode nos parecer um pouco estranha a imagem de um filósofo, ainda mais um membro de um dos círculos formadores do que hoje entendemos por filosofia analítica, se remetendo ao proletariado como um grupo de interesse de seu projeto, ou escrevendo panfletos populares, e participando ativamente de projetos sociais. E essa figura, que de

²¹ Carnap [1963], p.21

forma mais branda poderia aparecer nas personalidades de outros membros do Círculo, como Frank ou Carnap, encontrava em Neurath sua posição mais radical. Ao que Schlick parecia se remeter como “a virada da Filosofia” para Neurath era uma transformação de caráter muito mais abrangente. Não se restringiria ao escopo de uma postura de cientistas de modo geral no desenvolvimento de suas futuras hipóteses. Tal “virada” não se acomodaria nos limites de uma depuração lingüística de trabalhos científicos, mas se constituiria em uma reforma completa nas expressões artísticas, científicas, e políticas de uma sociedade. A “virada” não seria na Filosofia - mas na cultura.

Schlick, por sua vez, era um apolítico, que, ainda que tenha se tocado pela dedicatória a este feito no Manifesto de 1929, manifestou claramente seu desconforto em ver o círculo representado como um grupo de engajamento político. Nas palavras de Henrich Neider:

À extrema direita do círculo de Viena estava Schlick. Tendo sido um realista, só recentemente convertido por Wittgenstein ao positivismo, ele negava qualquer relação entre ciência e desenvolvimento social. “A verdade prevalecerá, o que quer que se interponha em seu caminho” era sua opinião repetida freqüentemente. “Deveria-se permitir expressar todas as opiniões, mesmo as mais absurdas. O progresso da ciência fará a seleção.”²²

Acreditar que a aceitação de uma concepção de mundo em uma determinada cultura dependeria tão somente de uma coerência interna das idéias que a compõem era um ponto que Neurath certamente não compartilha. Mas não era só politicamente – ou na opção de se posicionar como tal – que se esgotavam as diferenças extra-filosóficas entre ambos os autores. Como nos lembra Lola Fleck,

O engajamento político de Neurath não era compartilhado por todos os membros do círculo de Viena. Ele se auto-proclamava um marxista e não raro proferia palestras sobre o marxismo e a ciência unificada. Schlick não comparecia a estas palestras. Como nota Heiner Rutte em sua história do positivismo, Schlick era “uma pessoa apolítica e ideologicamente considerada um liberal burguês”. Neurath acreditava que não era somente sua convicção política que o desfavorecia em relação a alguns membros do círculo de Viena. Ele era também a única das lideranças que não conquistou uma posição acadêmica; mais ainda, ele havia sido demitido de sua cadeira. Neurath sempre buscou criar uma unidade citando os trabalhos de outros e reforçando as conquistas do grupo e seu intento comum. Mas se considerava diminuído por outros,

22

Shneider in Neurath ,O. [1973], p.47

em especial por Schlick. Ele no máximo se sentia parte de um grupo menor, consistindo de Carnap, Frank e Hahn.²³

Se havia, por assim dizer, uma “luta de classes” interna ao círculo, esta se refletia na radicalização de posições intimamente ligadas àquilo mesmo se projetava ser o objetivo maior das reuniões, mesmo em seus detalhes mais técnicos. No que tange às questões de natureza filosófica, Schlick e Neurath encontravam-se em pólos igualmente opostos. Neurath nunca compartilhou com seu colega da simpatia pelo trabalho de Wittgenstein (na primeira fase de seu trabalho, quando ainda mantinha relações com os membros do círculo), ou a influência que seu fundacionismo exercia sobre alguns de seus colegas. Schlick, por sua vez, certamente não compactuava das aspirações políticas que Neurath intentava incutir ao projeto.

Por outro lado, uma figura se sobressai também no meio-termo entre ambos: Rudolf Carnap. Se em Otto Neurath encontramos a voz que chama a concepção científica de mundo “receber a vida e ser acolhida por ela”, e em Schlick encontramos a tendência de um isolamento em “gélidas montanhas”, senão puramente da Lógica, mas certamente da esfera acadêmica, na figura de Carnap é possível encontrar justamente uma síntese de ambos os fatores: Carnap, como Schlick, almejava um respeito entre pares na restrita esfera acadêmica, e tinha um interesse genuíno no magistério. Isso pode ser explicitado, por exemplo, não somente na sua formação neo-kantiana, mas nas suas relações com importantes figuras alheias aos debates concernentes ao neopositivismo, mais próximos antes com a herança neo-kantiana do século XX, como os filósofos Ernst Cassirer e Martin Heidegger²⁴. Ao mesmo tempo, compartilhava com Neurath a importância concedida a um projeto que englobasse tanto o âmbito acadêmico – pelas instituições e sociedades científicas – quanto, e principalmente, uma transformação cultural.

Carnap acreditava que as convicções pessoais, fossem elas de natureza política, religiosa, ou pessoais, de modo geral, poderiam – e deveriam – se manter fora do escopo dos debates, de modo que tudo fosse discutido em termos que, por uma rigorosa análise, pudesse ser resolvido. Essa possibilidade era, aliás, um dos pontos que o autor considera fundamentais na distinção do círculo do qual fazia parte e da filosofia almejada ali. Não obstante, Carnap compartilhava pessoalmente as convicções de seu colega Neurath e,

²³ Fleck[1996], pp.78-9.

²⁴ Sobre tais contatos e sua importância histórica, ver Friedman[2000] e a segunda parte deste trabalho.

mais que uma mera afinidade de princípios, Carnap também participou ativamente de projetos sociais na Viena Vermelha, tais como o programa de educação de adultos e o programa de habitação do governo vienense. Era de Carnap, do mesmo modo, a iniciativa de manter relações com movimentos que guardassem afinidades com o positivismo lógico dos empiristas de Viena. Exemplo disso foi a fundação da revista *Erkenntnis* com Hans Reichenbach, em Berlim (aonde em 1927 havia sido fundada uma sociedade com vistas à promoção e divulgação de uma filosofia científica) e os contatos com membros da.

Assim, se por um lado podemos tomar as figuras de Schlick e Neurath como pólos diametralmente opostos de um círculo, pelos mais diversos motivos (filosóficos, políticos, pessoais), podemos por outro encontrar em Carnap o epicentro deste círculo. Talvez por não ter o mesmo temperamento de seu colega, nem manifestar publicamente suas convicções políticas com o mesmo fervor, Carnap teve menos em encontrar uma boa receptividade mesmo entre pessoas de posições diametralmente opostas às suas. Com veremos posteriormente, isso facilitou bastante sua adaptação ao meio acadêmico norte-americano na ocasião de sua emigração, embora não o tenha de todo.

1.4. O debate sobre sentenças protocolares como radicalização de posições internas

Aos olhos públicos, havia um consenso no círculo: elementos metafísicos deveriam ser expurgados do corpo de enunciados, tanto da linguagem científica quanto da linguagem ordinária. Esse pode ser visto como o aspecto “negativo” do positivismo lógico, e o qual em linhas gerais se apresentava como consenso entre os membros do círculo vienense. Por outro lado, quando chegou-se à ocasião de determinar então que tipo de sentenças fariam parte do discurso científico, vieram à luz três concepções distintas, cada qual defendida por um dos três principais membros do círculo, sendo que Neurath e Schlick de fato radicalizam também as duas posições mais divergentes. O debate sobre as chamadas “sentenças protocolares”, ou “proposições fatuais” (*Protokollsätze*), teve seu ápice em 1932. Mais do que pequenas divergências, as diferenças que vieram à luz a partir dos três trabalhos são elementos de suma importância, posto que refletem posturas filosoficamente opostas ocultas sob a bandeira da *wissenschaftliche Weltauffassung*. Contudo, não entraremos em detalhes sobre a forma

como cada autor se coloca, mas sobretudo reforçaremos os pontos de discórdia entre estes.

Em Schlick permanecia a influência tanto do *Tractatus* wittgensteiniano quanto de um realismo do qual o autor não parecia abrir mão. Para o autor, enunciados observacionais sobre o mundo externo seriam capazes de uma descrição que pressupunha a existência dos objetos descritos. Uma sentença do tipo “há um livro vermelho sobre a mesa” já pressupunha a existência de um livro, de uma mesa, da cor vermelha desse livro e da correspondência direta entre os termos da sentença e os objetos da experiência. Conferir verdade a este enunciado dependeria tão somente de uma verificação empírica, e tal verificação asseveraria ao mesmo tempo a existência do livro sobre a mesa. As sentenças protocolares, por serem primárias no corpo de sentenças de qualquer teoria científica, deveriam para Schlick assumir a forma mais simples, enquanto enunciados factuais. A título de exemplo, seja a sentença protocolar “Há um cubo azul sobre a mesa.” A existência ou não de um cubo azul sobre a mesa estaria condicionada à verificação de um conjunto de observadores mas a sentença, em sua estrutura, seria a mesma. A verificação da sentença implicaria, por sua vez, na afirmação da existência de um cubo azul, existência essa que independe inteiramente da nossa observação. A existência de objetos independentes da nossa observação é um ponto que Schlick reforçava a todo instante, e na ocasião do debate acerca dos enunciados observacionais, nos deparamos com o trabalho *Positivismo e Realismo*, no qual Schlick enumera pontos centrais de sua posição, aonde lê-se que “o positivismo lógico não contradiz(...)o Realismo. Quem aceitar o nosso princípio deve até ser um realista empírico.”²⁵

Para Neurath, por sua vez, as sentenças protocolares assumem papel inteiramente oposto. Primeiramente, Neurath rejeitava a afirmação da existência de uma realidade, enquanto um ponto fixo ao qual os enunciados pudessem ser comparados ou na qual estes pudessem ser verificados. Falar de uma realidade, ou em um mundo como a totalidade dos fatos (usando aqui a definição wittgensteiniana do *Tractatus*), eram pra Neurath conceitos metafísicos, sobre os quais não se deveria erigir conhecimento algum.

A imagem mais famosa da forma como o autor vê o conhecimento se encontra na sua famosa “metáfora do barco”, cunhada por Neurath ainda antes de sua associação ao

²⁵

Schlick [1932(1973)], p.69

círculo de Schlick, na ocasião de sua estada na república bávara. De acordo com esta, Neurath defende que

Somos como marinheiros que no mar aberto precisam reconstruir seu barco, sem nunca poderem começar novamente do início. Quando uma vau é tirada é preciso que outra seja posta no lugar imediatamente, e para isso o resto do navio é usado como suporte. Desse modo, o barco pode ser remodelado por completo, mas somente por meio de uma reconstrução gradual.²⁶

Sentenças protocolares só poderiam ser confrontadas com outras sentenças, não havia um mundo real ou uma realidade com as qual poderia-se asseverar a verdade de um enunciado²⁷. A imagem neurathiana do barco se aplica a diferentes aspectos de sua atitude diante da linguagem, da ciência e do conhecimento de modo geral, e aí reside sua importância. Ela radicaliza contra qualquer epistemologia que se proponha fundacionista, na mesma medida em que se contrapõe a projetos de construção de linguagens ou sistemas conceituais ideais.

Ensejar uma superação da metafísica que ultrapassa o caráter lógico-lingüístico de proposições acena não só para um novo caráter do projeto do empirismo lógico, mas também apresenta a metafísica de uma forma mais extensa do teorias meramente assignificativas. Fosse tão somente o fato de se constituírem desse modo, talvez não fosse sequer necessário um empreendimento científico filosófico em prol de sua superação, posto que a qualquer indivíduo seria possível racionalmente destituir qualquer significado de tais preposições. O verificacionismo (ou sua revisada versão, o confirmabilismo) como método seria, desse modo, tão somente o ato de atestar aquilo que, a qualquer pessoa familiarizada com termos de uma gramática, pareceria óbvio.

Assim, para o positivismo lógico se justificar como um projeto e para a superação da metafísica ser tida como um fim, é necessário que nos questionemos as causas pelas quais seria necessário uma empresa determinada à superação daquilo que, analisado sob o ponto de vista estritamente lingüístico, já se apresentaria superado. Em outras palavras, mais do que simplesmente atestar a assignificatividade de discursos de

²⁶ Neurath[1921(1973)], p.199. Cabe lembrar que essa não é a única ocasião em que tal metáfora aparece na obra de Neurath. É possível recordar pelo menos mais um momento, em que a imagem do barco aparece, com pequena alteração descritiva, mas o mesmo sentido, no artigo *Ridikaler Physicalismus und "wirkliche Welt"*, publicado no quarto volume da revista *Erkenntnis*, de 1934.

²⁷ Ressaltando aqui que tal afirmativa não corresponde à negação da existência de um mundo real, mas sim a uma contraposição à tese de que há uma realidade independente de nós a partir da qual as sentenças de uma linguagem seriam confrontadas e valoradas.

natureza metafísica, era preciso ter em conta a forma como esse discurso se inseria nas diversas esferas da cultura de uma sociedade, seja nas línguas naturais, seja na política, seja nas artes. A idéia de que a metafísica estava presente não somente em livros que constituem uma tradição filosófica ou teológica, mas que se incorporava diretamente à sociedade, é importante para a compreensão do que motivaria o positivismo como um projeto voltado, em última instância para a ação. Urgia, no momento a que se referiam os autores, reconhecer que havia então um conflito, um conflito em que o que se colocava em jogo não só os caminhos da ciência, mas da sociedade. Havia uma metafísica presente na vida prática tanto quanto nas ciências – e, como um todo, na esfera acadêmica - e nos é possível questionar o quanto um âmbito não influencia o outro. Como ressaltam os autores no início do Manifesto:

Muitos afirmam que o pensamento metafísico e teologizante hoje volta a crescer, não apenas no âmbito da vida como também no da ciência. Trata-se de um fenômeno isolado ou somente de uma mudança limitada a determinados círculos? A própria afirmação confirma-se facilmente se atentarmos aos temas dos cursos nas universidades e aos títulos de publicações filosóficas. Todavia, também o espírito oposto, iluminista e de pesquisa antimetafísica dos fatos, se fortalece atualmente, tornando-se consciente de sua existência e de sua tarefa. Em muitos círculos, o modo de pensar calcado na experiência e avesso à especulação está mais vivo do que nunca, fortalecido precisamente pela nova resistência que se lhe oferece.²⁸

1.5. O Manifesto de 1929: o círculo de Viena em sua fase pública

Em um extenso artigo publicado recentemente, intitulado *Writing a Revolution: On the Production and Early Reception of the Viena Circle's Manifesto*²⁹, Thomas Uebel descreve o contexto em que se deu tanto a elaboração do Manifesto de 1929 quanto a recepção deste pela comunidade científica à qual ele foi apresentado pela primeira vez e pelos colegas do grupo que parecia se formar. A importância deste trabalho reside em dois aspectos: o primeiro seria a clarificação de determinados equívocos na corrente história do Círculo (mesmo aquela brevemente exposta no Manifesto e nos registros de biógrafos-membros como Viktor Kraft); o segundo é uma

²⁸ Carnap et al. [1929], p.6

²⁹ Uebel[2008]

exposição detalhada das controvérsias internas do círculo, as quais, na mesma medida que tornaram trabalhosa a elaboração de um documento que abarcasse as diferentes posições, se mantiveram ocultas sob as referências ao grupo como um esforço coletivo com propósitos comuns.

Em 1929, Schlick foi convidado a proferir uma série de palestras no exterior, em especial na América do Norte, durante um período prolongado. Foi pela ausência de um de seus membros fundadores e mais proeminentes que o círculo cujas reuniões até então tinham um caráter ainda informal auto-reconheceu-se como algo maior. Durante este período, Schlick havia recebido um convite a para lecionar nas universidades de Bonn e Stanford. No entanto, recusou o convite, o que para os demais foi entendido como um reconhecimento por parte deste, também, de que havia mais entre aquelas pessoas do que um grupo de discussão científica e filosófica: havia um projeto. Em homenagem a Schlick, por sua decisão de permanecer em Viena, Carnap, junto com Neurath e Hahn, escreve o texto *A Concepção Científica de Mundo – O Círculo de Viena* (*Wissenschaftliche Weltauffassung – Der Wiener Kreis*). O texto, também conhecido como “Manifesto do Positivismo Lógico”, é um documento de suma importância para a compreensão mais extensa do projeto do positivismo lógico como originariamente pensado. Neste, não somente são explicitados em termos gerais o alcance do interesse dos positivistas nas mudanças pelas quais passavam as ciências exatas e naturais de sua época, mas expunha-se ali também – e com considerável expressividade - Em setembro daquele mesmo ano, em um congresso realizado em conjunto pela Universidade Ernst Mach e a Neste texto, os três ensejaram uma apresentação geral das idéias comuns à maior parte dos membros do Círculo de Viena, de suas influências e, ainda que de modo resumido, de suas motivações. A relevância deste documento para o presente trabalho reside no fato de que nele é possível encontrar, ao mesmo tempo, tanto referências a figuras conhecidas no âmbito das ciências naturais e da Lógica da época, como Ludwig Boltzmann e Bertrand Russell, como pensadores mais relacionados a uma proposta de análise e transformação da ordem social, como Auguste Comte e Karl Marx.

1.6. O Movimento pela Ciência Unificada e a internacionalização da concepção científica do mundo

Se por um lado, podemos identificar a Sociedade Ernst Mach como o “braço institucional” do círculo de Viena, pelo qual o positivismo lógico organizaria seus congressos e estreitaria os contatos com demais movimentos e associações científicas, o movimento pela Ciência Unificada seria, em última instância, ao menos aos olhos de seu idealizador Otto Neurath, a encarnação do propósito último da concepção científica do mundo: uma comunidade de cientistas, de diferentes nacionalidades e áreas de atuação, trabalhando juntos em um projeto cujo fim é a possibilidade de estabelecer parâmetros conceituais que perpassem os mais distintos âmbitos da pesquisa. Representava, deste modo, um vínculo que permitisse que historiadores, economistas, matemáticos, biólogos e físicos, por exemplo, pudessem em conjunto abordar os mesmos problemas, ainda que dentro dos seus limites, de modo que não mais estivesse comprometida a compreensibilidade mútua sobre os conceitos envolvidos.

A ciência unificada era, assim, o caráter positivo do empirismo lógico. Como é de conhecimento comum, a análise lógica da linguagem sobre expressões da filosofia tradicional ou seus reflexos contemporâneos, tal qual ensaiou Carnap no seu famoso artigo sobre Heidegger, tinha por objetivo esvaziar do discurso científico tudo o que remeta à vagueza ou não permita por princípio uma compreensão mútua de seu significado. A ciência unificada, por sua vez, tinha por meta a elaboração e promoção de uma linguagem que, difundida entre cientistas tanto das ciências exatas quanto das humanas, possibilitasse essa comunicação.

Em 1935 teve lugar, em Paris, o primeiro Congresso Internacional de Filosofia Científica. Em tal ocasião o círculo de Viena já contava com o apoio da comunidade científica. Por iniciativa de Carnap, foi criado um comitê para a unificação internacional do simbolismo lógico, e foram dados os primeiros passos para a elaboração da Enciclopédia Internacional de Ciência Unificada. Desde o ano anterior já haviam sido estabelecidos contatos com representantes da filosofia norte-americana, como Charles Morris, que foi a Praga encontrar Carnap, e mantinha na época uma constante troca de correspondências com Otto Neurath, pelas quais o último já revelava a intenção de elaborar uma enciclopédia. Em 1934 Neurath havia emigrado para a Holanda para trabalhar junto ao Mundaneum Institute, onde dois anos mais tarde fundou o Unity of Science Institute como um de seus departamentos. Este também foi o ano do segundo Congresso Internacional para a Unidade da Ciência, em Copenhagen. O congresso, que tinha como centro temático a questão da causalidade, também foi a oportunidade para se pôr em questão dois elementos importantes do projeto da ciência unificada: o estatuto

das ciências sociais em relação às ciências naturais (temas expostos por Neurath, com o trabalho *Soziologischen Prognosen* e John Sommerville, com o trabalho *Scientific Empiricism and The Problem of Causality in Social Science*) e a proposta, implícita na apresentação de Philipp Frank, de elaboração de uma língua unificada como tentativa de sanar as controvérsias correntes e futuras, mesmo entre cientistas de uma mesma área³⁰.

Uma vez colocadas tais questões, o terceiro e quarto congressos, em Paris e Cambridge (Inglaterra), respectivamente lidaram com a proposta de elaboração da Enciclopédia e a linguagem unificada. A essa época boa parte dos positivistas de Viena já se encontravam emigrados. Em 1938 o território austríaco foi anexado à Alemanha hitlerista, e já não havia mais uma Viena para a filosofia científica.

1.7. O *Anschluss* e a marginalização da *wissenschaftliche Weltauffassung* no território Pan-germânico.

Em 1934, Moritz Schlick foi assassinado por um de seus alunos no corredor da Universidade de Viena. O crime teve motivações pessoais, mas a forma como ele foi recebido por movimentos de caráter político – que tomaram o assassino por herói – já era sinal claro de que não havia mais lugar seguro em Viena para a promoção de uma filosofia científica. Na ocasião da morte de Schlick, alguns dos membros do círculo já haviam emigrado, ainda que por razões distintas e não necessariamente políticas. Desde a publicação do manifesto em um congresso internacional e a fundação da Sociedade Ernst Mach, já eram freqüentes os contatos de membros do círculo de Viena com grupos de outros países. Além das naturais relações com a Sociedade de Berlim para a Filosofia Empírica, comandada por Hans Reichenbach, já estreitavam-se os laços com cientistas de todas as áreas, tanto da Europa quanto da América do Norte.

Em 1931, Carnap aceita o convite de Philipp Frank em Praga para assumir a cátedra de Filosofia Natural, criada recentemente por sugestão deste. No mesmo ano, Feigl emigra para os Estados Unidos. É o começo da dissolução do Círculo de Viena enquanto um grupo fechado, ao mesmo tempo em que o positivismo lógico e a Concepção Científica de Mundo passam a expandir sua influência não mais somente por

³⁰ Para maiores detalhes sobre os trabalhos e seus participantes, ver Werkmeister [1936]

ocasionais encontros, mas pelo estabelecimento de adeptos desta nas esferas acadêmicas além do eixo Viena-Berlim. A dissolução de um círculo fechado, por sua vez, parecia um processo mais do que natural se o círculo de noites de quinta-feira almejasse assumir de fato o caráter internacionalista que parecia disposto a tomar no seu manifesto de dois anos antes. À época, a emigração parecia portanto um processo voluntário, de certo modo até natural na continuidade do que seria um movimento em cujas aspirações constava justamente o caráter internacionalista. Não obstante, podemos notar que o afastamento de Carnap de Viena, segundo o próprio filósofo, representou também um isolamento da atmosfera política e cultural na qual se encontrava imerso até então, a mesma que dois anos antes havia sido mencionada no Manifesto como um importante fator para o desenvolvimento da concepção científica de mundo. Com sua mudança de Viena, Carnap se concentrou no trabalho mais técnico, em especial na sua obra *Sintaxe Lógica da Linguagem*, que ainda se encontrava em fase de elaboração.

Com a crescente influência do nacional-socialismo alemão sobre a Áustria, não parecia haver mais em Viena o mesmo ambiente propício para o projeto originalmente concebido pelo positivismo lógico, ou mesmo para os demais movimentos contemporâneos, com os quais os membros do Círculo de Viena mantinham contato. Não é difícil responder por que uma política nacional-socialista rechaçaria um movimento como o Círculo de Viena. Ainda que muitas das preocupações dos positivistas de Viena aparentassem condizer tão somente com questões relativas a fundamentos das ciências naturais e exatas, o círculo em sua estrutura mesma já se apresentava como uma afronta ao ideal nacional-socialista. Entre seus membros havia judeus e mulheres, presenças incomuns em sociedades científicas da época. Além da diversidade religiosa, o movimento defendia do mesmo modo o internacionalismo, uma cooperação entre indivíduos das mais diversas origens em torno de objetivos comuns. Tal postura ia encontro direto com os ideais do nazismo, a busca pela identidade nacional e étnica na cultura – o que acabava por perpassar a filosofia e a ciência da sociedade germânica.

Em 1938, com o *Anschluss*, a Áustria foi anexada à Alemanha, formando um único território pan-germânico. Logo em seguida o círculo de Viena se dissolve por completo, e a Sociedade Ernst Mach é fechada pelo novo governo. Friedrich Waismann emigra para a Inglaterra, para onde também emigra Otto Neurath (que à ocasião já se encontrava na Holanda). Zilsel e Kauffman vão para os Estados Unidos, para onde antes

já haviam emigrado Feigl³¹, Carnap, Frank, Menger e Gödel. Para lá, também, emigraram os empiristas da Sociedade de Berlim, como Reichenbach e Carl Hempel. É na América do Norte, portanto, que o positivismo lógico encontrou, com maior expressividade, seu lugar a partir da década de 30, e onde se deu o desenvolvimento de seu trabalho pelas décadas seguintes. Em Viena, os únicos membros remanescentes do outrora “círculo em orno de Schlick” foram Heinrich Neider e Viktor Kraft. Contudo, ainda que não estivessem diretamente ameaçados, ambos não tiveram como dar continuidade aos seus trabalhos. Como nos relata Kraft,

Em Viena não havia mais um círculo de Viena. Mas sua orientação se defendia agora no estrangeiro, onde havia ganhado cada vez mais terreno, sobretudo nos Estados Unidos, onde existia já uma orientação semelhante com Morris, Langford, Lewis, Bridgman, Nagel, onde Reichenbach e Richard von Mises encontraram espaço e onde agora Carnap em Chicago e Feigl em Minnesota continuam o trabalho.(...) Deste modo, os que então pertenceram ao círculo de Viena não permaneceram em sua antiga posição, e sim continuaram avançando e em parte a superaram.³²

No capítulo seguinte nos ocuparemos com o que aparece em especial na última parte da citação de Kraft, ou seja, esta mudança de posição. Discorreremos sobre sua natureza, e em que medida tal mudança pode ser compreendida enquanto um “avanço” ou “superação”.

1.8. Da revolução na Filosofia para uma Filosofia da Ciência: A “americanização” do positivismo lógico e suas conseqüências

³¹ Feigl, como lembram Kraft e Stadler, foi o primeiro membro do círculo a emigrar e se estabilizar no meio acadêmico norte-americano, já em 1931. Foi inclusive em um artigo daquele mesmo ano, publicado em parceria com Alan Blumberg, que foi cunhada a expressão “positivismo lógico” para designar os membros do Círculo de Viena e da Sociedade de Berlim para a Filosofia Empírica: “Para facilitar a crítica e evitar tentativas ainda mais infelizes de nomear esse aspecto da filosofia contemporânea européia, empregaremos o termo ‘positivismo lógico’. Ainda que este seja talvez o melhor entre tantos outros piores, o nome pode sugerir uma mera reformulação do positivismo tradicional. Contudo, este não é o caso. De fato, é precisamente a união do empirismo com uma concisa teoria da lógica que diferencia o positivismo lógico dos tradicionais positivismo, empirismo e pragmatismo.”.(Feigl & Blumberg [1931], p.282)

³² Kraft [1950 (1966)], pp.17-8

Ao tratar especificamente do período da emigração e adaptação do positivismo lógico na América do Norte no período que compreende basicamente a década de 30 do século XX, propomos duas questões, assim como as hipóteses de suas respostas: 1. Por que a América do Norte – entenda-se aqui os Estados Unidos - foi vista como o melhor lugar para emigrar; 2. que repercussões essa mudança de ambiente teve no projeto original do neopositivismo.

A resposta para a primeira pergunta pode ser, ao menos em parte, encontrada no supramencionado artigo de Gerald Holton (ver capítulo 1 desta seção). Neste trabalho, o autor nos mostra que a relação entre a filosofia científica alemã e austríaca – e, de certo modo, também tcheca – e as duas principais correntes do pensamento norte-americano, a saber, o pragmatismo e o behaviorismo, remete a um período ainda anterior ao surgimento do positivismo lógico. Nos voltamos aqui, uma vez mais, à figura de Mach. Holton nos mostra que o físico tcheco foi um precursor das relações entre os dois continentes, senão cientificamente, certamente no diálogo entre as concepções filosóficas subjacentes ao desenvolvimento científico de ambos os continentes³³.

Em um artigo de 1996 intitulado *From Wissenschaftliche Philosophie to Philosophy of Science* Richard Giere expõe o que parece ser uma das hipóteses para o declínio, no contexto norte-americano, do neopositivismo como concebido em Viena anos antes:

No contexto europeu, os filósofos científicos eram tão radicais quanto os pragmatistas norte-americanos. Muitos mantiveram laços com partidos comunistas e socialistas europeus. Isso pode inicialmente ter sido parte da ligação entre membros dos dois movimentos. Mas tais fatos foram deixados enterrados no passado. Uma vez na América, os filósofos da ciência empiristas lógicos de modo geral se ativeram aos seus “p”s e “q”s. Sua recente experiência, afinal, certamente os convenceu do poder destrutivo de movimentos políticos nacionalistas.³⁴

Se assumirmos a posição expressa principalmente na última frase deste parágrafo, ou seja, a tese de que foi o fracasso do regime social-democrata na Áustria que desmotivou

³³ Para uma abordagem detalhada das relações entre o positivismo lógico e o behaviorismo, em especial a correlação cronológica do desenvolvimento e declínio dos dois movimentos, ver Laurence Smith[1988]; *Behaviorism and Logical Positivism: A Reassessment of the Alliance*. Note-se também que o inspirador do neopositivismo vienense chegou a ser convidado pelo físico Robert H. Lowie, em 1911, para ser membro da Academia de Ciências de Nova York. Na carta de recomendação, Lowie afirma que “Mach não confinou suas atividades aos limites convencionais de uma única ciência. Ele é um físico profissional que deu notáveis contribuições à Psicologia, e ainda que repetidamente recusasse o título de filósofo, nenhuma consideração sobre problemas fundamentais estaria completa se negligenciasse a visão de Mach sobre a causalidade”(Mach & Lowie [1947], p.65)

³⁴ Giere [1996], p.348

Carnap e os demais membros do círculo a dar continuidade ao projeto da *wissenschaftliche Weltauffassung* após a emigração, teríamos também de admitir que uma vez situados em território norte-americano não haveria em nenhum destes autores uma intenção de se engajar de algum modo no contexto político e cultural. Por tal hipótese, o fracasso político da social-democracia austríaca foi por si só suficiente para colocar por terra as ambições políticas do projeto neopositivista. A partir daí, poderíamos inferir que o neopositivismo, como pensado em seus primeiros anos, já parecia condenado pelas próprias transformações que o forçaram a se deslocar para a América do Norte, independente da situação que lá encontrasse.

Em 2005, George Reisch publicou um extenso ensaio³⁵ pelo qual se pretendia descrever todo o processo desde o que afirmou ser uma calorosa recepção do positivismo lógico (que aqui o autor compreende como uma recepção conjunta ao Movimento pela Ciência Unificada) pelos intelectuais norte-americanos, passando pelas investigações do FBI, na era do macartismo, sobre os envolvimento dos membros do Movimento pela Ciência Unificada com atividades subversivas, e as perseguições aos intelectuais de esquerda dentro da própria esfera acadêmica, até o enfraquecimento do próprio Movimento pela Ciência Unificada – o que culminou, por fim, na redução do positivismo lógico a um projeto filosófico tão somente relacionado à filosofia e à lógica da ciência.

A tese de Reisch parece se contrapor, em seu cerne, à posição de Giere: ao descrever a adaptação do positivismo lógico no meio acadêmico norte-americano como um processo de profissionalização, o qual se iniciou bem após a imigração intelectual européia, contesta-se a idéia do último de que já na ocasião da chegada aos Estados Unidos os neopositivistas refugiados estivessem despojados de propostas de uma filosofia científica politicamente engajada. A diferença entre as duas teses na justificativa da transformação pela qual passou o positivismo lógico uma vez imerso na vida universitária norte-americana é de fundamental importância. É por essa diferença que cabe pensarmos se tal transformação foi um processo interno, um amadurecimento natural do neopositivismo que já se colocou em direção à América com uma diferente perspectiva sobre si mesmo, ou se foi um processo motivado por influências externas, como o contexto político da América do Norte nos anos 40 e 50 – ou, ainda, se não foi, em certa medida, uma mistura de ambos. Discutiremos a seguir, portanto, alguns dos

³⁵ How The Cold War Transformed Philosophy of Science – To the Icy Slopes of Logic, daqui por diante indicado por Reisch[2005]

pontos que, para o autor, evidenciam o fato de que havia ainda na América do Norte, a partir do Movimento pela Ciência Unificada, a proposta de continuidade do ideário político “socialista” da Viena Vermelha, que encontramos aqui expressos nas palavras de Reisch:

Há mais do que meros paralelos entre este objetivo da ciência unificada e movimentos por socialização econômica, reforma educacional, internacionalização e a “unificação da humanidade”. Eles compartilhavam um “vínculo interno” e tinham como interseção a idéia de que as ciências, despojadas da metafísica e fortalecidas prática e teoricamente por conexões que as unificassem, seria a ferramenta mais eficaz nesta transformação consciente e racional do mundo.

É por isso que quando Carnap, Frank e outros trouxeram o empirismo lógico e o movimento pela unidade da ciência para a América do Norte, eles conscientemente trouxeram consigo mais do que um projeto filosófico específico. Seus projetos filosóficos se diferenciavam, e do mesmo modo os valores políticos que estes associaram a tais projetos e as implicações políticas decorrentes destes.³⁶

Afirmar que, uma vez situados nos Estados Unidos, operou-se uma brusca mudança nas posições políticas dos empiristas de Viena seria ofuscar o período de aproximadamente uma década em que se mantiveram estreitos os contatos destes com a esquerda intelectual norte-americana – não somente composta por políticos, mas especificamente por pessoas preocupadas com a relação entre a filosofia, as ciências, e os valores de uma sociedade. Como nos reporta uma vez mais o autor:

Uma filosofia da ciência que almejasse um engajamento em questões políticas e reformas sociais progressistas não era única do círculo de Viena e do movimento pela unidade da ciência na Europa. Anteriormente e concomitante com a emigração do movimento para a América nos anos 1930, muitos diferentes grupos de filósofos – tanto de nativos quanto de exilados da Europa – seguiam programas reformistas e progressistas que buscavam, como nas famosas palavras de Marx, não somente entender o mundo, mas transformá-lo.³⁷

Se nos propomos aqui a definir o positivismo lógico ou o Movimento pela Ciência Unificada como movimento de orientação marxista, é também importante ressaltarmos em que sentido esse marxismo se alinha ou afasta do que, na época, era a

³⁶ Reisch[2005], p.28

³⁷ Ibidem, p.56

expressão máxima da filosofia marxista posta em prática: o socialismo soviético. Como vimos nos primeiros capítulos dessa seção, o positivismo lógico em sua fase inicial era intimamente relacionado aos princípios políticos nos quais se fundou o austro-marxismo das décadas de 1920 e meados de 1930. Ainda que baseada no pensamento marxista, tal governo se distanciava do modelo soviético em aspectos distintos, dentre os quais se destaca justamente a manutenção de um regime democrático – um ponto caro para os positivistas vienenses. E se por um lado não é tão clara a posição destes sobre o regime então vigente na União Soviética³⁸, por outro são conhecidas as críticas ferrenhas de Lênin, referência central do socialismo soviético, diante projetos de aproximação do marxismo com idéias de Mach³⁹. Não é absurdo, portanto, pensar que, aos olhos dos comunistas de orientação marxista-leninista, o positivismo lógico não fosse bem visto.

Compreender o contexto político norte-americano – mesmo aquele restrito ao âmbito acadêmico e intelectual – como uma divisão entre direita e esquerda ofusca as divergências internas, em especial da esquerda, diferenças essas que ultrapassavam os pormenores de um projeto político. Reisch nos oferece amplo material respectivo à reação dessa esquerda radical ao positivismo lógico. Como figuras centrais dessa extrema esquerda, Reisch menciona os nomes de Isaac Jerome, Earl Browder e Philip Carter, e parte do questionamento posto pelo filósofo britânico de orientação marxista Maurice Cornforth: uma vez que seja consensual entre a esquerda que há necessidade de superação da religião e da tradição como um todo no âmbito dos valores que norteiam uma sociedade, o que portanto seria posto em seu lugar – ou, posto de outro modo, qual seria então o norteador do “homem comum”? Nas respostas a tal questionamento, Reisch enumera tal divisão de posições:

Os positivistas lógicos propuseram sua *Wissenschaftliche Weltauffassung*, a qual Morris complementou e estendeu para seu “empirismo científico” semioticamente estruturado. Mais à esquerda, filósofos que publicavam na *Science & Society* ou a *Philosophy for The Future* de Sellars propunham versões de Materialismo, dialético ou outro. À extrema esquerda, contudo, Browder, Jerome e Carter respondiam à demanda de Cornforth de modo tanto diferente: o “homem comum” deveria ser provido

³⁸ Como pode-se perceber por Cartwright et al [1996] e Cartwright et al [1996a], as relações entre o neopositivismo – e aqui restrinjo a abordagem ao caso de Neurath – e o governo soviético se deu de modo instável. Neurath, como se sabe, foi preso quando o governo soviético assumiu o poder da República Bávara em 1919; por outro lado, também são registradas contribuições suas na construção de museus em Moscou voltados à educação visual.

³⁹ Nos remetemos aqui à obra *Materialismo e Empiriocriticismo*, publicada primeiramente em 1908.

não de uma teoria ou concepção teórica do mundo, mas de uma forma de vida definida por diversas práticas e instituições. Tal forma de vida era o Partido Comunista.⁴⁰

Percebemos, portanto, que enquanto proposta política a concepção científica do mundo encontrou oposições não somente na direita, mas na própria esquerda intelectual, que se por um lado concedia o acordo com o positivismo lógico no que diz respeito a uma superação da metafísica que perpassasse o âmbito dos valores, por outro colocava a responsabilidade da reconstrução de valores não mais nas mãos dos círculos filosóficos e intelectuais de um amaneira geral, mas nas do partido.

Assim, encontramos o movimento pela ciência unificada ao final da década de 1940 em uma situação politicamente adversa: seus membros eram vistos com ressalvas pela esquerda intelectual, que contestava a eficácia da concepção científica de mundo como norteadora na construção de novos valores; da direita norte-americana, sob a sombra do macartismo, recaía sobre o movimento as suspeitas de subversividade e a ameaça à carreira acadêmica de seus membros; por fim, do próprio movimento vinham críticas internas que, de tão fortes, poderiam bem fazer coro com os demais adversários.

Como dissemos anteriormente, Carnap, ao mesmo tempo que pode ser alinhado junto ao que se chamou de “esquerda do Círculo de Viena”, também manteve estreitos vínculos acadêmicos, e teve grande importância da divulgação do positivismo lógico pelas vias institucionais.

Conforme os intelectuais influentes de Nova York se afastaram em diferentes graus do Marxismo, do socialismo soviético e de Stalin ao final da década de 1930 e início da década de 1940, alguns se mostraram suspeitos sobre os valores e métodos que viam – ou acreditavam ver – incorporados ao movimento da ciência unificada.⁴¹

Com a desconfiança lançada pela esquerda norte-americana sobre os regimes soviéticos, o Movimento pela Ciência Unificada – em especial, de Carnap, Reichenbach e Frank, nos Estados Unidos, e Otto Neurath, em Londres – pelas suas aspirações políticas alinhadas, ainda que com certa distância, ao socialismo soviético⁴² não mais era

⁴⁰ Reisch[2005], p.138

⁴¹ Reisch [2007], p.76

⁴² Como afirma Reisch [2007], era de conhecimento comum as relações de Neurath com o governo soviético, embora Fleck[1996] também ressalte que a natureza específica dessa relação ou a forma como o neopositivista se posicionava diante do regime soviético não são tão claras. O que se sabe é que Neurath de fato foi a Moscou trabalhar em projetos relacionados à

vista com bons olhos, em especial na esfera acadêmica. O fato de Neurath sempre ter explicitado sua afinidade com o marxismo, quando nos situamos no contexto de meados da década de 40 e a política norte-americana de propaganda anti-comunista, levantou ao menos suspeitas sobre os demais membros do Movimento pela Ciência Unificada sobre suas posições sobre o marxismo, que à época era diretamente relacionado às sua encarnação no regime totalitário da União Soviética. Mas das críticas, certamente a mais incisiva foi a de Horace Kallen:

Em 1939, teve lugar na Universidade de Harvard o Quinto Congresso para a Unidade da Ciência. A ocasião coincidiu com a invasão alemã na Polônia e o início da Segunda Guerra Mundial, o que de fato afetou negativamente o ânimo dos participantes. Foi nesse congresso, também, que vieram à luz pela primeira vez as críticas de Horace Kallen acerca do suposto caráter totalitário do Movimento pela Unidade da Ciência, na forma de um texto intitulado *The meanings of “unity” among the sciences*. A revista *Time* publicou, na ocasião, a matéria intitulada *Unity at Cambridge*, na qual constava as impressões gerais sobre o evento:

O Doutor Horace Kallen da New School for Social Research de Nova York acusou alguns cientistas de usarem “expressões profissionais” com vistas a mistificar ao invés de clarificar, e opôs-se ao movimento pela linguagem unificada declarando: “O senso comum adverte que uma linguagem comum não garante nem uma paz comum nem uma compreensão comum.” Uma dificuldade no caminho de uma linguagem comum é o fato de que a química, a física, a biologia, a astronomia e dúzias de outras ciências e subdivisões necessitam cada uma carga de termos precisos para uma comunicação precisa, de modo que se uma linguagem comum tomar o lugar do vocabulário técnico especial, teria de ser um vocabulário monstruoso o qual requeriria uma vida inteira para conceber. Dr. Neurath sente que esta Torre de Babel pode ser contornada desenvolvendo-se uma gramática comum da ciência – um modo unificado de exposição científica – de modo que um erudito possa entender o outro⁴³

Ainda que, na ocasião, fossem dirigidas internamente aos demais participantes do congresso e membros do movimento da ciência unificada em geral, as críticas de Kallen chamam a atenção por duas razões. A primeira delas é o momento em que estas

promoção do ISOTYPE naquele país. O ISOTYPE, abreviação de International System of TYpographic Picture Education, consistia em um projeto cultivado por Neurath desde o final da Primeira Guerra, baseado em um sistema de linguagem visual, constituído tão somente por figuras. Tal projeto incluía, do mesmo modo, a criação de museus onde a linguagem do ISOTYPE pudesse chegar ao conhecimento do público. No período em que Viena foi governada sob o regime social-democrata, foi construído o Museu de Artes Visuais de Viena. Ainda na década de 1930, já como imigrante na Holanda, Otto Neurath, em conjunto com sua esposa Marie, produziram lá o museu, e lá permaneceram até a invasão germânica em 1940.

⁴³

Revista Time, 18 de setembro de 1938

apareceram: o autor afirmava que havia tendências totalitárias em um movimento cujos principais idealizadores são imigrantes recém refugiados de regimes totalitários. O segundo motivo é o fato de no caso de Kallen não se tratar de um representante da direita intelectual ou um conservador. O filósofo era, além de membro do Movimento pela Ciência Unificada, um amigo pessoal de Neurath, o que lhe permitiria conhecer o idealizador e principal líder do movimento a contento para reconhecer o caráter pluralista e antitotalitário presente nas idéias deste. As críticas de Kallen, assim, não só pareciam impróprias do ponto de vista político, dado o momento de sua publicação, mas - em especial quando foram reavivadas sete anos mais tarde em forma de artigo, assumindo assim um caráter público – podem ser vistas como um ataque interno, pelo qual os demais membros do Movimento pela Ciência Unificada certamente não esperavam. Tais críticas, cuja discussão permaneceu em suspenso durante os anos da guerra, foram reiteradas no momento imediatamente posterior ao final desta. A edição de 1946 da *Philosophy and Phenomenological Research* foi em grande parte ocupada pelo debate envolvendo, além de Kallen, os nomes de Charles Morris e Otto Neurath⁴⁴. No artigo de Kallen (*The meanings of “unity” among the sciences - once more*) eram reforçados os pontos do artigo anterior. A diferença não estava nas críticas, mas no momento de sua publicação. Ao final da Segunda Guerra, o “inimigo da democracia” não era mais o nacional-socialismo germânico, e sim o socialismo soviético com seu regime totalitário – ao qual Kallen identificou ideologicamente o movimento pela ciência unificada:

O movimento pela unificação das ciências vem à luz no contexto de outros movimentos por unificação. É uma tendência entre outras: na ordem econômica a tendência à formação de cartéis, trustes e monopólios; no governo a tendência à centralização; na religião a tendência à confederação; entre as artes o movimento pela sindicalização. Os limites práticos e lógicos de tais tendências são *de facto* totalitarismos da Rússia, Itália, Alemanha, Espanha, e da Igreja Católica Romana.

⁴⁴ Otto Neurath faleceu em dezembro de 1945, vítima de um enfarte, poucas semanas antes da publicação da edição com o debate em questão. É de se surpreender, portanto, que a amizade entre os dois e a admiração pessoal só tenham se mostrado no obituário que se segue às réplicas e tréplicas entre os participantes. Nesse texto, de autoria do próprio Horace Kallen, são tecidos elogios justamente à postura pluralista e democrática de Neurath, enquanto “um veterano colega na luta pela liberdade em cuja coragem sacrificante mesmo os menos dispostos poderiam contar” (Kallen[1946c], p.529). Para mais informações sobre Horace Kallen e seu envolvimento com o movimento pela ciência unificada, ver Reisch[2005] (em especial o capítulo 9); para uma abordagem completa do debate, ver Neurath[1946, 1946a], Morris[1946] e Kallen[1946, 1946a, 1946b, 1946c]

Considerando que, ao emigrarem para o outro lado do Atlântico, os empiristas de Viena, Praga e Berlim tinham em vista a continuidade de uma carreira acadêmica, manter publicamente determinadas convicções já começava a parecer uma atitude perigosa. A conturbada situação política dos Estados Unidos no ápice da Guerra Fria se estendeu ao ambiente acadêmico, e qualquer possível associação de professores e instituições com o socialismo, seja política ou ideologicamente, justificativa para investigações.

Outro fator, de natureza diferente do anterior, também é exposto por Reisch: o falecimento de Otto Neurath. É verdade que o Movimento pela Ciência Unificada curiosamente não tenha contado nunca com uma conformidade total nas posições de seus membros. O esforço de Neurath para, mesmo longe da favorável atmosfera política da Viena Vermelha, reforçar o comprometimento do empirismo lógico e do Movimento pela Ciência Unificada com uma atitude não só mais prática mas voltada à sociedade em geral, se já não era compartilhado por todos os seus colegas na sua terra natal, certamente não o seria em um ambiente diferente como o norte-americano.

Ainda que não seja reconhecida como fator preponderante para o enfraquecimento do Movimento para a Unidade da Ciência nos Estados Unidos e na Europa pós-guerra, a morte de Otto Neurath teve implicações diretas na forma como o movimento se estruturava. De fato, a presença de Neurath era o que garantia a insistência por um comprometimento deste movimento com seu caráter político já pensado vinte anos antes, quando dois dos três principais membros ainda se encontravam em Viena. Como dissemos, para Carnap, o exílio, se por um lado foi motivado por um contexto político hostil ao neopositivismo na Europa do fim da década de 30 e início da década de 40 do século XX, por outro a América do Norte se apresentava, do ponto de vista acadêmico, como um ambiente bastante propício para o desenvolvimento de seus trabalhos, em especial concernentes à filosofia da linguagem, da ciência e da lógica – visto a receptividade com que foram recebidos anteriormente outros membros do círculo, como Feigl e Gödel, cuja afinidade com as propostas de Neurath eram pequenas, quando não nulas (como no caso de Gödel, especificamente). A aproximação firmada ao longo de anos com acadêmicos de diversas instituições respeitadas na América do Norte seria capaz de garantir à emigração intelectual germânica um porto seguro para a continuidade de seu trabalho:

Assim, em Carnap, o afastamento cada vez maior de um projeto politicamente engajado em direção a uma profissionalização de sua filosofia da ciência se deu de um

modo que, até onde se pôde perceber por publicações, relatos e pela própria biografia de Neurath, seria inviável a este último. A insistência, na visão neurathiana, por uma unidade dos saberes que fosse parte de um projeto maior de reordenação política e social era ponto de discórdia em especial com Charles Morris. Ainda assim, mesmo entre aqueles que discordavam de Neurath, era admitida a importância de sua participação para que o projeto tivesse continuidade mesmo em ambientes politicamente adversos.

Foi a vitalidade e o entusiasmo de Otto que levaram a cabo a Enciclopédia e os congressos. Ele ensejou planos extensos para estes (e outros) empreendimentos a serem levados adiante após a Segunda Guerra. Sua morte foi uma lamentável perda de sustentadora liderança.⁴⁵

Se por Neurath tinha seu trabalho sediado em Londres, e a esquerda do círculo de Viena não mais era vista como um grupo nos Estados Unidos, por outro lado podemos dizer que Philipp Frank rogou para si o papel que, em Viena, era de Neurath. Uma vez nos Estados Unidos, Frank tornou-se a representação mais politicamente engajada dentre os antigos colegas, mesmo dentro do ambiente acadêmico – no qual figuras como Carnap pareciam manter uma certa austeridade.

Pouco menos de dois anos após a morte de Neurath, Philipp Frank fundou o *Institute for The Unity of Science*, pelo qual pretendia dar continuidade ao projeto do idealizador do movimento – e, de certo modo continuar pelas vias institucionais da Universidade de Harvard uma agenda de publicações e encontros tal qual se ensejava na Sociedade Ernst Mach de Viena. Mas é importante notar-se que tal continuidade se deu de modo bem específico, posto que, embora compartilhassem posições políticas, Frank e Neurath tinham focos de ação bem diferentes mesmo na época do círculo vienense. Em Neurath o projeto da ciência unificada se manifestava pela associação com museus e movimentos políticos e artísticos, manifestos públicos, posto ser ele mesmo, mais do que propriamente um cientista ou acadêmico, um tipo específico de “*homo politicus* intelectualizado”. Já para Frank, a vida acadêmica sempre foi uma prioridade, e desde jovem já era tido como um físico de renome, prestígio esse que foi fundamental na forma turbulenta como teve de emigrar para os Estados Unidos e assegurar em uma grande universidade norte-americana o espaço para dar continuidade a sua carreira⁴⁶.

⁴⁵ Morris [1945] in Neurath [1973], p.64

⁴⁶ Holton, no seu trabalho sobre a vida acadêmica de Philipp Frank após sua imigração para os Estados Unidos (Holton[2006]), relata como a alocação relativamente rápida deste no corpo docente de Harvard foi fruto de um esforço

Na ocasião da fundação do Instituto Frank já gozava de ótima reputação acadêmica⁴⁷. Com o respaldo que lhe era conferido, as intenções de Frank eram continuar o projeto vislumbrado por seu falecido colega de um modo bem específico, ou seja, dentro dos domínios de um ambiente acadêmico. Tal qual Carnap menciona ao final de sua autobiografia, nessa ocasião Frank via na esfera acadêmica norte-americana um solo fértil para a divulgação e proliferação de idéias cunhadas em uma Viena já distante:

A transposição para os Estados Unidos significou a mudança radical para uma atmosfera muito mais favorável. Havia naquele novo país a antiga tradição do empirismo britânico e a nova tradição da moderna filosofia analítica britânica. Mas havia também tendências especialmente americanas congênicas ao empirismo lógico. Basta pensar no pragmatismo, na sociologia empírica, e na atenção generalizada depositada no significado operacional dos conceitos gerais. Sob tais circunstâncias alguns proeminentes cientistas norte-americanos tem se mostrado dispostos a cooperar com os recém-chegados da Europa.

Ao explicitar as pressões que praticamente todos os principais membros do *Unified Science Movement* sofreram tanto dentro quanto fora do âmbito acadêmico (com investigações do FBI e dossiês tanto de imigrantes como Carnap e Frank a norte-americanos como Morris), dadas as suspeitas da relação do ideário deste movimento com o comunismo que, na ocasião, encontrava-se em sua fase mais totalitária, com o governo de Josef Stálin na União Soviética. Pelas vias acadêmicas, é importante também mencionar os desentendimentos internos entre os então afiliados ao instituto, como Hans Reichenbach e Herbert

Um retrato geral desse momento final da *wissenschaftliche Weltauffassung* pode ser representado nas palavras de Holton, citadas do artigo supramencionado:

A transformação foi um tanto súbita. Em 1955 (...) o Instituto de Frank se tornou moribundo por falta de fundos. E 1959 (...) uma nova imagem do positivismo lógico começou a aparecer. Em um anúncio de página inteira na revista *Science* um estilizado retrato de Hans Reichenbach fluuava por sobre citações de seus escritos e a marca da corporação RAND, o primeiro “*think-tank*” patrocinado pelo governo para recrutar talentos intelectuais para pesquisas militares. O anúncio convidava matemáticos,

conjunto de colegas seus, entre eles o Prêmio Nobel Paul Bridgman, sob cuja orientação o próprio Holton concluiu seu doutorado.

⁴⁷ É importante ressaltar que, como nos reporta Reisch [2007], durante aproximadamente dez anos (entre 1947 e 1957) Frank presidiu a Philosophy of Science Association após o falecimento de seu fundador, William Malisoff.

lógicos e analistas de todo tipo a buscar emprego trabalhando em projetos relacionados à segurança nacional.⁴⁸

Nesta parte final, assim, a imigração do neopositivismo para o contexto norte-americano encontra duas situações concomitantes e aparentemente opostas: a primeira revela a boa receptividade do positivismo lógico no âmbito acadêmico, graças às aproximações encontradas entre sua filosofia científica e a tradição pragmatista de Dewey e Pierce, entre outros, além do interesse que já havia nas universidades norte-americanas pelas aproximações entre as ciências exatas e naturais; por outro lado, a receptividade do neopositivismo como movimento político, aí já nos referindo especificamente ao Movimento pela Ciência Unificada, não só encontrou obstáculos de natureza acadêmica, em especial pelas divergências entre Morris e Neurath, mas sobretudo políticas, pelas suspeitas lançadas ao movimento quanto ao teor político de seu projeto. O fato de este ter sido, na América do Norte, dirigido por um membro mais moderado como Carnap, o qual já nutria uma aspiração acadêmica que não era compartilhada por Neurath, e que por isso mantinha alguma cautela quanto à explicitação de convicções políticas em um ambiente claramente desfavorável ao socialismo, também não deve ser menosprezado. É por fim, na América do Norte, que o positivismo lógico encontra seu fim, tanto enquanto um projeto filosófico superado pelas vias acadêmicas quanto como um projeto político sufocado pela impossibilidade de reproduzir-se em um contexto muito maior e mais adverso que a Viena onde teve sua origem.

⁴⁸

Holton [1992]

2 – O REVISIONISMO CONTEMPORÂNEO: O MÉTODO, OS AUTORES, OS TEMAS

O positivismo lógico é um dos fios condutores centrais na formação do pensamento do século vinte. Originado na Áustria e na Alemanha nos anos 1920, durante o exuberante “modernismo” do período Weimar, o positivismo lógico estava intimamente ligado a alguns dos mais importantes desenvolvimentos daquele novo século(...). O positivismo lógico teve ativa participação em movimentos revolucionários de caráter político e sócio-cultural – em particular, no movimento por uma *neue Sachlichkeit* tanto na sociedade quanto nas artes (aqui tipificada pelo Dessau Bauhaus). Otto Neurath, um dos membros líderes do círculo de Viena, estava especialmente envolvido com tais lutas: ele representava uma versão cientificamente orientada do austro-marxismo e chegou ainda a assumir o cargo de ministro da Economia na breve república soviética bávara em 1919. O movimento positivista lógico portanto não era somente identificado com a física einsteiniana e a moderna matemática abstrata, mas também com o socialismo, internacionalismo e a “Viena vermelha”.⁴⁹

O parágrafo acima abre o livro *Reconsidering Logical Positivism*. O livro é na verdade um compêndio de trabalhos publicados pelo filósofo norte-americano Michael Friedman ao longo da década de oitenta e início da década de noventa do século vinte. Pelo período em que foram publicados, esses trabalhos tem um caráter seminal em relação às demais publicações, posto que boa parte dos trabalhos só veio à publicação a partir da década de 90. Em um momento um pouco posterior a esta passagem, o autor reforça:

Nossa compreensão do positivismo lógico e sua importância intelectual deve ser fundamentalmente revisada quando re inserimos os positivistas em seu contexto intelectual original – dos revolucionários desenvolvimentos científicos – em conjunto com os igualmente revolucionários desenvolvimentos filosóficos de sua época. Como resultado, nossa compreensão do significado da ascensão e queda do positivismo lógico para o nosso tempo deve também ser fundamentalmente revisada.⁵⁰

As duas passagens supracitadas podem ser vistas como um resumo, se não dos propósitos, ao menos dos pressupostos e métodos dos autores estudados no nosso trabalho: a referência à importância de se adotar uma contextualização histórica, ressaltando a importância do contexto em que veio à luz o positivismo lógico enquanto concepção

⁴⁹ Friedman [1999] p.xi

⁵⁰ Friedman [1999], p.xv

filosófica; e a necessidade de se desfazer a visão caricaturada e ainda predominante do positivismo lógico enquanto uma filosofia da ciência movida por um empirismo e cientificismo ingênuos. Não por acaso, os pontos centrais do argumento de Friedman não raro aparecem reiterados em artigos de outros autores, como Nancy Cartwright e Thomas Uebel (como veremos na seção seguinte). Também a respeito da caracterização deste movimento a partir de seus autores, nos chama igual atenção o fato de que, observadas suas posições filosóficas e seus focos de interesse alheios a essa proposta de revisão histórica, percebe-se um distanciamento entre eles.

A pergunta norteadora do nosso estudo, como dissemos, é a natureza e o contexto de uma retomada do positivismo lógico ao final do século XX. Contudo, nos parece de grande importância, para que a questão principal tenha sua pertinência explicitada aos olhos do leitor minimamente familiarizado com a história da filosofia da ciência, que nos proponhamos a expor o modo como se dá essa retomada, posto que o positivismo lógico já parecia, desde décadas antes, se apresentar como uma postura superada, dada a virada pós-positivista da década 60, a partir da qual os aspectos contextualistas, antropológicos e retóricos do saber científico passaram a receber especial atenção.

Se o trabalho não se propõe a ensinar uma triagem completa de toda a produção das últimas duas décadas relativas ao positivismo lógico para então determinar qual delas de fato faria parte de um processo de reinterpretação da filosofia neopositivista, é porque nosso intento consiste em buscar os principais eixos temáticos, e as principais características comuns percebidas nos esforços de diferentes autores. Assumimos, assim, que não se trata de estudos completamente dissociados, mas que este trabalho, se por um lado não pode ser qualificado como um trabalho em equipe propriamente dito, por outro explicita uma cooperação mútua entre autores. Tal assunção se pauta por fatores simples, mas não irrelevantes: o primeiro é o fato de boa parte das publicações relativas ao assunto, afora as revistas acadêmicas, ser na verdade coletâneas de artigos; o segundo é o fato de que todos os trabalhos parecem remeter-se a trabalhos de outros comentadores, seja por referências bibliográficas, seja por notas de agradecimento em introduções e prefácios. O foco deste estudo, portanto, é diretamente voltado para os trabalhos que mostraram de fato lançar luz sobre aspectos até então obscurecidos da produção e da agenda neopositivista.

Assim se apresentam as seções seguintes: o primeiro se ocupa em analisar as recentes reinterpretações que visam uma aproximação entre as perspectivas filosóficas de Rudolf Carnap e Thomas Kuhn; o segundo enfoca recentes trabalhos de George Reisch, Gerald Holton e Peter Galison, cujo caráter descritivo do contexto histórico em que se desenvolveu o

neopositivismo de Viena é ainda mais acentuado; o terceiro tópico concerne o esforço conjunto de autores diversos como Lola Fleck, Nancy Cartwright, Thomas Uebel e Jordi Cat – para citar os mais proeminentes – no revisionismo da obra de Otto Neurath, ainda que se estendendo a um contexto um pouco maior de seu pequeno grupo interno ao círculo de Viena conhecido como “a esquerda do Círculo de Viena”; por fim, nos ateremos às relações entre o positivismo lógico – mais especificamente as posições de Carnap – e a divisão, no século XX, das perspectivas filosóficas analítica e continental, a partir do recente trabalho de reconstrução histórica do filósofo norte-americano Michael Friedmana

2.1. Thomas Kuhn e Rudolf Carnap: Uma relação revisitada

Em uma das últimas passagens do prefácio de seu *Reconsidering*, Friedman afirma:

A tentativa dos positivistas lógicos de articular esta nova concepção do que podemos chamar de “princípios a priori relativizados” e de descrever, em detalhes, como tais princípios tornam possível em primeira instância a experiência científica é, ao meu ver, o legado permanente desse movimento, posto que a idéia subjacente de um a priori relativizado constitutivo das estruturas dos avanços empíricos das ciências naturais é ainda, em minha opinião, de importância filosófica central. *(na concepção kuhniana de regras ou “paradigmas” de um dado episódio da “ciência normal”, por exemplo, encontramos um claro reflexo contemporâneo desta idéia)*⁵¹.

Apesar de a passagem que marcamos em itálico ser uma colocação aparentemente fortuita no texto em que se insere, e Friedman não ter se dado ao trabalho de desenvolver esta posição no mesmo momento, se a tomarmos seriamente as implicações se mostram bem relevantes para aquilo a que no início desta parte do trabalho nos referimos por uma concepção “fundamentalmente revisada” do positivismo lógico. A sugestão de que o positivismo lógico antecipou idéias de um autor que, sob uma visão amplamente aceita, é tido como um dos responsáveis pela superação deste movimento, é no mínimo bastante curiosa. Ainda mais curioso, acredito, é o fato de que tal colocação não é uma comparação pequena ou inconseqüente – pelo contrário: a afirmação entre parênteses na passagem supracitada remete-se a uma das teses mais fortes do movimento revisionista contemporâneo. Colocando em

⁵¹ Friedman [1999], p.xvi

linhas gerais, o que se entende por superação do positivismo não raro pode ser compreendido como uma continuidade, quando não uma apropriação, de idéias que décadas antes já eram defendidas por aqueles a quem se propunha detratar.

O que nos propomos fazer aqui, portanto, é apontar elementos do trabalho de Friedman que podem nos servir de explicação para fundamentar tal tese no que diz respeito à relação entre Thomas Kuhn e Rudolf Carnap. Do mesmo modo, apresentaremos os trabalhos de outros autores, como George Reisch, igualmente preocupados com tal relação, a partir de duas vias: a evidência histórica (nosso “contexto de descoberta”) e a explicação conceitual (nosso “contexto de justificação”). Podemos afirmar de antemão que o esforço para aproximar Carnap da “virada histórica” consagrada por Kuhn na metodologia da filosofia da ciência se apóia em uma reinterpretação do conceito de analiticidade em Carnap, perpassando por uma reconsideração das relações entre os conceitos de “analítico” e “a priori”. Concluiremos a presente seção com uma recente crítica levantada a esta parte do projeto revisionista, e as implicações de aceitarmos ou não tal crítica.

Friedman, que como já foi dito é um dos precursores deste trabalho revisionista, explicita em seus demais trabalhos um interesse específico na filosofia kantiana e aproximação das ciências e filosofias pós-kantianas com o filósofo de Königsberg. Mesmo os trabalhos respectivos ao positivismo lógico têm como norte a relação entre o positivismo lógico e a filosofia kantiana. Nas palavras do próprio autor, no prefácio do supracitado *Reconsidering...*:

Característica de minha abordagem é a idéia de que quando levamos em conta o contexto científico e filosófico no qual o positivismo lógico se desenvolveu, vemos que seu caráter filosoficamente inovador não consiste em uma nova versão de um empirismo radical, mas antes em uma nova concepção de um conhecimento a priori e seu papel no conhecimento empírico. Os positivistas, ao meu ver, eram norteados pelos desenvolvimentos científicos, ao fim do século XIX e início do século XX, nos fundamentos da geometria, da lógica e da física matemática, ousando promover uma profunda transformação na concepção kantiana de princípios sintéticos a priori.⁵²

Embora não nos prolonguemos pelo momento nos detalhes da tese de Friedman sobre a transformação engendrada pelos neopositivistas no conceito kantiano de sintético a priori, não obstante podemos afirmar que a forma como este conceito assumiu os contornos do que o próprio Friedman chamou de “a priori relativizado” (*relativized a priori*) é de grande

⁵² Ibidem

relevância para a compreensão do caráter inovador dos recentes estudos. Tal reavaliação desse caráter, inclusive tematizando-o mesmo no escopo do primeiro momento da filosofia carnapiana (exposta no *Aufbau*), é ponto-chave de grande parte do trabalho de Friedman⁵³. Uma explicação clara, ainda que breve, sobre esse conceito de Friedman, pode ser encontrado em Richardson[2007]:

No escopo do trabalho de Carnap, a idéia geral se traduziu em um tipo de reatividade lingüística do conhecimento científico: as sentenças analíticas que constituem uma linguagem bem-formada servem para estipular os significados empíricos dos termos daquela linguagem. Em conjunto com os princípios formais da lógica dedutiva e da teoria da confirmação tais princípios primeiro induzem a uma noção de consequência lógica e, assim, de confirmação e desconfirmação à luz da experiência. Desse modo, o que pode ser dito e conhecido na ciência é relativizado em um sistema lingüístico – um sistema constituído por sentenças analíticas. Tais sentenças analíticas são assim as pré-condições do conhecimento científico para aquela linguagem. Contudo, a multiplicidade de possíveis linguagens indica que o a priori não é compreendido aqui como algo absolutamente necessário ou imodificável.⁵⁴

Tomemos a importância que o autor concede, nos trabalhos de *Reconsidering...*, à contextualização do positivismo lógico em seu primeiro estágio no desenvolvimento científico de sua época, especial na Matemática e na Física, o qual implicou em transformações de natureza conceitual no escopo dessas ciências. Este princípio a priori relativizado a que Friedman se reporta, ainda que resguarde a característica de servir como base de conceitos para futuras teorias e garantir o caráter de objetividade destas, se encontra sempre subscrito a um determinado momento histórico:

Revoluções na Matemática e na Física matemática mostraram que nenhum destes princípios [*sintéticos a priori, como propunha Kant*] está absolutamente fixado independentemente da época, assim pensavam os positivistas, mas ainda precisamos de princípios caracteristicamente não-empíricos, os quais, apesar de sua tendência a serem revisados em períodos de profunda revolução conceitual, são ainda assim constitutivos do ambiente de investigação científica (ou as regras do jogo, por assim dizer) de uma dada época, posto que é a tais princípios, de qualquer época, que a investigação científica deve sua validade subjetiva e comunicabilidade intersubjetiva.⁵⁵

⁵³ Para ilustrar este ponto, basta recorrer aos trabalhos de Friedman [1999], Friedman[2004], e Friedman[2007], todos eles devotados em grande parte à forma como o positivismo lógico buscou superar a concepção kantiana de sintético a priori e as influências da teoria da relatividade de Einstein e das transformações nos fundamentos da Geometria em tal projeto.

⁵⁴ Richardson[2007], pgs.355-356

⁵⁵ Friedman [1999], p.xv

Em detrimento de boa parte dos revisionistas, o trabalho de Friedman, incluso aí o caráter anti-fundacionista implícito no conceito de princípios sintéticos a priori, não se restringe à esquerda do Círculo de Viena. Ao invés de ressaltar aspectos políticos até recentemente obscurecidos do neopositivismo de Viena, Friedman parece antes preocupado em estabelecer uma correção na forma como o neopositivismo é compreendido nos próprios aspectos filosóficos e metodológicos. Isso se percebe no capítulo dedicado ao trabalho de Schlick – que representou justamente o contrapeso às posições de Carnap e, mais fortemente, de Neurath. Ou seja: em uma aparente diferença em relação às tendências contemporâneas de focar as ambições de caráter político de alguns representantes do positivismo de Viena, Friedman parece priorizar as aproximações filosóficas entre eles – as quais seriam, por sua vez, respectivas à recepção que pólos divergentes do Círculo tiveram sobre as transformações conceituais na Física, com especial foco à teoria da relatividade de Einstein e ao desenvolvimento de geometrias não-euclidianas.

Fôssemos ainda esboçar uma aproximação completa entre as diferenças opções de foco temático de Friedman, por exemplo, talvez fosse importante nos reportarmos assim ao comentário que Alan Richardson faz em seu próprio artigo relacionando Kuhn e o positivismo lógico:

Estas conexões entre o trabalho de Carnap e o de Kuhn tornaram-se cada vez mais visíveis no início dos anos 1990 quando Kuhn começou a discutir seu trabalho em termos neo-kantianos. Em sua palestra de 1990 para a Philosophy of Science Association Kuhn afirmou que sua posição era “um tipo de kantismo pós-darwiniano”.⁵⁶

A esta auto-declarada influência kantiana, ao que Kuhn se refere como “categorias lexicais”⁵⁷ (*lexical categories*), correspondem a um tipo especial de categorias, as quais podem e devem mudar de acordo com o período histórico e a comunidade que o aceita. Mas, como bem observa Richardson no supramencionado trabalho, “*Kantianism with movable categories was (...) the philosophical point of view upon which Reichenbach and Carnap cut their teeth in the early 1920s*”. O que nos parece, assim, é que quando Friedman cunha a expressão “a priori relativizado” no prefácio de seu *Reconsidering*, como característica da posição carnapiana desde a primeira fase de sua filosofia - e que o próprio Richardson estende

⁵⁶ Richardson [2007], p.357

⁵⁷ Cf. Kuhn [1990], p.104: “Assim como as categorias kantianas, as categorias lexicais oferecem pré-condições da experiência possível. Mas diferente das categorias kantianas, as lexicais podem mudar e de fato mudam, tanto com pelo tempo quanto pela passagem de uma comunidade à outra.”

como constitutiva das idéias de Reichenbach⁵⁸ - já há uma referência implícita ao que, poucos anos antes, Kuhn veio a chamar de categorias lexicais.

Mas isso não seria suficiente para dar conta da expressão que se mostra aparentemente jogada no texto de Friedman, sem ser desenvolvida em qualquer um dos capítulos da obra em questão. Para tanto, teríamos também de levar em conta que o autor ali não estava falando tão somente por si, mas sob seu comentário já havia o amparo prévio de outro importante trabalho – ao qual o professor Pinto de Oliveira se referia em sua crítica – de autoria de George Reisch. O artigo de 1991, intitulado “*Did Kuhn Kill Logical Positivism?*”, era uma forma de o autor expor sua tese segundo a qual havia algo de muito importante subjacente à publicação da obra kuhniana na *Encyclopedia*. A partir de tal evento, que o autor pontua com correspondências de Carnap a Kuhn, havia um agudo interesse do autor pelas sugestões ali expostas acerca da importância da história para a compreensão do progresso científico. Do mesmo modo, Reisch ressalta que a ausência de comentários críticos de Carnap às sugestões metodológicas propostas por Kuhn no que tange a metodologia da filosofia das ciências⁵⁹. Todavia, à parte os eventos aludidos por Reisch, em que medida seria possível aproximar conceitualmente os dois projetos para uma filosofia da ciência?

Como por fim nos mostram os autores, em especial Friedman e Richardson, a aproximação de Carnap com Kuhn demanda, por sua vez, uma revisão do conceito de analiticidade na filosofia carnapiana. Que o autor de fato tenha estipulado uma diferença entre enunciados analíticos (as chamadas regras lógicas ou “*L-rules*”, grupo ao qual também pertenceriam enunciados da matemática como a geometria euclidiana) e enunciados sintéticos (regras empíricas ou “*P-rules*”, como por exemplo a teoria da relatividade ou a mecânica newtoniana) em seu *Logical Syntax of Language* tornaria, ao menos a primeira vista, problemático espóliar de tal projeto a suspeita de que se está sugerindo a aprioridade de uma linguagem formal. É conhecida na história da filosofia a crítica tecida por Quine à divisão carnapiana entre enunciados analíticos e sintéticos no artigo *Os Dois Dogmas do Empirismo*. A crítica contemporânea sobre a crítica de Quine, por sua vez, não toca na questão da divisão entre enunciados analíticos e sintéticos. O que se coloca em questão, como reflexo de uma má interpretação quineana, é o status conferido ao que se remeteriam como enunciados analíticos:

Era precisamente esta filosofia carnapiana de sistemas lingüísticos que formaram o espaço para a articulação quineana de uma forma radicalmente oposta de holismo epistemológico, segundo o qual não é possível ser traçada nenhuma distinção fundamental entre a priori e a

⁵⁸ Cf. Richardson [1991]

⁵⁹ Reisch [1991], p.276

posteriori, entre lógico e factual, ou entre verdades analíticas e sintéticas. Como vimos, foi no artigo de 1951 de Quine, “Dois Dogmas do Empirismo”, onde sua contestação à distinção analítico/sintético se tornou amplamente conhecida, que a visão holística do conhecimento enquanto uma vasta rede de crenças interconectadas também apareceu primeiramente. Todavia é importante notar aqui que é precisamente o ataque de Quine à distinção analítico/sintético, e não simplesmente a idéia de que nenhuma crença está para sempre imune a revisão que é base da nova forma de holismo proposta por Quine, posto que a filosofia carnapiana de domínios lingüísticos é toda predicada na idéia de que princípios lógicos ou analíticos, tanto quanto os princípios sintéticos, podem ser revistos durante o progresso da ciência empírica.⁶⁰

Conhecidas as posições anti-metafísicas do positivismo lógico e de seu critério de verificabilidade – ou, pra usar a expressão mais corrente, seu verificacionismo. Assim, os empiristas logo teriam que lidar com o problema do estatuto da matemática e da lógica, posto que estas por princípio não seriam verificadas empiricamente, sem precisar recorrer admitir uma metafísica mínima que sustentasse todo o restante do projeto. A questão passa ser toda sobre uma interpretação sobre a forma de contornar tal problema, isto é, assegurar o sentido a uma ciência que não pode ser verificada pelo próprio critério de atribuição de sentido. Aqui chegamos ao cerne da questão: um crítico de Carnap asseveraria com isso a intenção de conceder a tais ciências um primado epistemológico sobre as demais; um revisionista afirma, aqui, uma expressão do convencionalismo lingüístico carnapiano. Em Richardson[2004], lemos

Toda lógica e matemática consiste em expressões de convenções para os significados dos símbolos e as conseqüências lógicas de tais convenções. Isso resolve a preocupação empirista por mostrar que a matemática é a priori justamente devido à sua falta de conteúdo empírico. Seu caráter de certeza não se deve a qualquer intuição racional de um mundo das idéias platônico nem ao papel da matemática como constituinte do mundo da experiência, mas é,

⁶⁰ Friedman [2002], p.176. Para uma sumarização da crítica quineana em questão, Cf. &6 de “Dois Dogmas do Empirismo” em Quine[1951(1973)], p.252: *“A totalidade daquilo a que chamamos de nossos conhecimentos ou crenças(...)é uma construção humana que está em contato com a experiência apenas em suas extremidades. Ou, mudando a figura, a ciência total é um campo de força cujas condições de contorno são constituídas pela experiência. Um conflito com a experiência, na periferia, ocasiona reajustamentos no interior do campo. Os valores de verdade devem ser redistribuídos entre alguns de nossos enunciados. A reavaliação de alguns enunciados acarreta a reavaliação de outros, por suas interconexões lógicas – sendo as leis lógicas, por sua vez, simplesmente alguns enunciados adicionais do sistema, certos elementos adicionais do campo. Tendo reavaliado um enunciado, devemos reavaliar alguns outros, que podem ser enunciados logicamente relacionados com o primeiro ou podem ser eles próprios enunciados de conexões lógicas. Mas o campo total está de tal modo determinado por suas condições de contorno, a experiência, que existe larga margem de escolha de quais enunciados avaliar à luz de qualquer experiência individual contrária.(...)”*

Se esta visão é correta, é enganoso falar em conteúdo empírico de um enunciado individual, especialmente se se trata de um enunciado completamente distante da periferia experimental do campo. Além disso, passa a ser um desatino buscar uma fronteira entre enunciados sintéticos que se baseiam contingentemente na experiência, e enunciados analíticos, válidos aconteça o que acontecer.”

antes, um modo expressivo de um conjunto de escolhas sobre o que significam os signos que usamos.⁶¹

O ponto de Richardson é, de certo modo, uma proposta de despojar, no caso de Carnap, o caráter dogmático daquilo mesmo que Quine defendeu como um dos dogmas do empirismo. O autor, por sua vez, é embasado pelas palavras do próprio Carnap no chamado “Princípio de Tolerância”, exposto no §17 de seu *Logical Syntax of Language*. De acordo com tal princípio, a opção por um ou outro sistema de conceitos, e, de modo ainda mais extenso, de uma estrutura lingüística qualquer, não está fundada em alguma instância epistemológica superior, mas consiste basicamente em uma opção, ou ainda, em convenções. Na passagem mais forte deste parágrafo, Carnap afirma:

Em lógica, não há morais. Todos têm a liberdade de construir sua própria lógica, isto é, sua própria forma de linguagem, do modo que desejar. Tudo o que se pede é que, caso deseje discuti-la, seu autor deve expor seus métodos de modo claro, e oferecer regras sintéticas no lugar de argumentos filosóficos.⁶²

Se em Friedman a aproximação entre os dois autores se dá por meio de uma reconstrução conceitual que sustentasse a presença da obra de Carnap por um convencionalismo lingüístico, e que por sua vez a este convencionalismo, em Reisch o trabalho parece se fundar majoritariamente em uma revisão histórica. O ponto-chave de seu argumento, embora não dê conta de todo ele, é a importância conferida à publicação da primeira grande obra kuhniana, *A Estrutura das Revoluções Científicas*, no segundo volume da *International Encyclopedia of Unified Science*. Por outro lado, se em *Logical Syntax* encontramos inicialmente a proposta de uma lógica “livre”, a ser construída por qualquer pessoa, deriva-se de tal ponto a questão: se há um convencionalismo, isto é, se há uma questão de escolher entre uma ou outra linguagem, ou mesmo entre uma ou outra lógica, de que modo é feita tal escolha?

Em um ensaio posterior, “*Empirismo, Semântica e Ontologia*”, mais especificamente na passagem que o encerra, que encontramos mais explicitada as funções de tal linguagem aberta no escopo do desenvolvimento científico, e ainda uma sugestão de critério que resolva à questão do parágrafo acima:

⁶¹ Richardson [2004]; “Tolerating Semantics: Carnap’s Philosophical Point of View”, in: Carnap Brought Home p.65
⁶² Carnap [1937], p.52

A aceitação ou rejeição de formas lingüísticas abstratas, assim como a aceitação ou rejeição de quaisquer outras formas lingüísticas em qualquer outro campo da ciência, será finalmente decidida por sua eficiência enquanto instrumento, a razão entre os resultados alcançados e a quantidade e complexidade dos esforços requeridos. Decretar proibições dogmáticas de certas formas lingüísticas em vez de avaliá-las pelo seu sucesso ou fracasso no uso prático, é pior do que fútil: é positivamente alarmante porque pode obstruir o progresso científico. A história da ciência mostra exemplos destas proibições baseadas em prejuízos derivados de fontes religiosas, mitológicas, metafísicas ou de outras fontes irracionais, que diminuem os desenvolvimentos durante pequenos ou grandes períodos de tempo. Aprendamos as lições da história. Atribuíamos àqueles que trabalham em algum campo especial da investigação a liberdade para usar qualquer forma de expressão que lhes pareça útil; o trabalho nesse campo conduzirá mais cedo ou mais tarde a eliminação daquelas formas que não possuem nenhuma função útil.⁶³

Nos detemos nesta última passagem, posto que ela não só aprofunda em que condição se dá tal convencionalismo lingüístico, mas também lança atenção especial àquilo que, sob a visão recebida, pareceria inconcebível no escopo do projeto filosófico neopositivista – em especial o carnapiano: a importância da história como algo mais do que um repositório de anedotas e cronologias. Mas é possível, a partir desta passagem, legitimar um ponto ainda mais forte, isto é, de que há um aspecto histórico implícito no convencionalismo lingüístico de Carnap?

Cabe aqui uma ponderação, que nos parece sugerida implicitamente por Oliveira em seu recente trabalho respectivo ao revisionismo sobre tal relação entre Carnap e Kuhn⁶⁴: focando-se o trabalho de Carnap que medida existe uma tal aproximação *per se*, e em que medida ela não dependeria de um esforço dos próprios revisionistas? O autor ataca o revisionismo por duas vias: a primeira, expondo a circunstancialidade dos documentos utilizados como evidências. As cartas em que Carnap elogia o trabalho de Kuhn ressaltando sua importância para o projeto no qual este se insere não seriam suficientes para demonstrar uma aproximação concreta entre as duas perspectivas; a segunda via, ainda mais incisiva, defendida por Oliveira, é a de que Carnap nunca chegou a abandonar a distinção entre contexto da descoberta e contexto da justificação, e a constância de tal divisão tornaria inviável uma tese que propusesse a aproximação concreta entre os dois autores⁶⁵.

⁶³ Carnap [1956/(1973)], p.134

⁶⁴ Oliveira[2007]

⁶⁵ Para isso, Pinto de Oliveira aponta o trecho que abre o artigo de Carnap na *International Encyclopedia, Logical Foundations of the Unity of Science*, (Carnap[1938], pp.42-3), no qual o filósofo enumera diferentes métodos de se abordar uma teoria da ciência, dentre eles o histórico, e a lógica da ciência. Como parece ressaltar o Professor Oliveira, subentende-se

A pergunta não seria, portanto, se Carnap concede alguma importância à história da ciência enquanto campo de estudos. O convite para a publicação do trabalho de Thomas Kuhn na *Encyclopedia*, e as cartas, por mais breves que sejam, sustentam esse ponto. Mas se há uma intenção específica do editor da *Encyclopedia*, na posição de filósofo da ciência, de desenvolver um programa para a filosofia das ciências que seja historicamente fundamentado de modo similar ao que foi proposto por Kuhn. Assim, tal consideração, no corpo de projetos da *Encyclopedia*, não entra em desacordo com o trabalho de Kuhn, posto que tal projeto ultrapassaria os limites do que então era o campo de interesses dos positivistas, já situados nos Estados Unidos.

Conceder ou não crédito à tese de Friedman e Reisch, e aceitar ou não as refutações de Pinto de oliveira, implicam por sua vez em assumir uma posição diante de tal movimento revisionista, ao menos no que tange as reconsiderações sobre a obra carnapiana: por um lado, pode-se conceder o crédito a tal trabalho enquanto um projeto de retificação conceitual – aceitando assim que a “visão recebida” é propriamente equivocada, e que a reconstrução que os autores fazem do caráter apriorístico do trabalho carnapiano suplantaria a consagrada divisão entre contexto da descoberta e contexto da justificação; por outro lado, mesmo se adotamos a crítica de Pinto de oliveira, teríamos então de admitir que apoiar a hipótese de aproximação entre os autores excede mesmo as disposições destes em se aproximarem, o que exige um voluntarismo em tomar como suficientes as evidências históricas de um contato entre os autores, mesmo que boa parte desse contato tenha se dado no específico contexto da relação de um editor com um autor. A favor de Pinto de Oliveira conta o fato de que, como este mencionou, não há referências diretas ao trabalho de Kuhn em qualquer dos escritos carnapianos, e há evidências na própria obra carnapiana que reforçam claramente como este compactuava com a divisão descoberta-justificação estabelecida por Reichenbach.

O cerne da questão, assim, não é a presença de Kuhn em uma obra de natureza supostamente neopositivista – o que de fato esta obra não é⁶⁶ - ou mesmo os contatos de Carnap com este. É, dadas as evidências – históricas e bibliográficas - de que Carnap ocasionalmente chama a atenção positiva para a importância da pesquisa sobre a história da ciência, enquanto em contrapartida reafirma - também com amparo bibliográfico - uma distinção clara entre os dois campos de pesquisa, pensarmos de que modo o autor diferencia a

a partir da passagem de Carnap que, se por um lado a abordagem histórica riguarda seu papel no corpo geral da teoria da ciência, o aparato metodológico da filosofia da ciência é conferido pela lógica da ciência.

⁶⁶ Lembremos que o trabalho, muito mais do que uma publicação exclusivamente voltada para a perspectiva neopositivista, teve a colaboração de importantes nomes da ciência da época que não eram diretamente próximos dos círculos positivistas, a exemplo do físico Niels Bohr e do filósofo John Dewey, que publicaram ambos no primeiro volume.

atividade científica da lógica da ciência, e em que medida tal diferença norteia o comportamento do filósofo da ciência. A divisão entre contextos de descoberta e justificação não precisaria assim ser interpretada como um despreço pelo aspecto histórico do desenvolvimento científico, mas antes como uma prescrição de limites para a atividade do pesquisador dentro do todo que abarcaria a atividade científica.

Mas ainda que tenhamos em conta os pontos levantados por Pinto de oliveira, e não possamos fundamentar a existência de uma aproximação de Carnap com a proposta kuhniana, não seria também a possibilidade de compreendermos tal projeto enquanto um projeto próprio de aproximação dos dois autores que não dependa das intenções destes em se aproximarem?

2.2. “Um papel para a História”? Sobre o trabalho de reconstrução histórica contemporânea do neopositivismo

Como vimos, uma das características do movimento de retomada é o recurso à reconstrução do período histórico entre os anos imediatamente anteriores ao surgimento do círculo de Viena e os anos imediatamente posteriores ao final da Segunda Guerra. Boa parte deste trabalho, a qual foi utilizada na elaboração da primeira parte da presente dissertação, se encontra nos principais trabalhos de Friedrich Stadler, George Reisch, Lola Fleck, Nancy Cartwright, Gerald Holton e Peter Galison. De maneira geral, pode-se dizer que a quase totalidade de autores contemporâneos recorre em maior ou menor medida a uma contextualização histórica, mesmo quando o foco do trabalho se afasta propriamente de um relato de tal natureza. Nos ocupamos nesta parte, em especial, com os trabalhos exclusivamente devotados à descrição histórica do surgimento e declínio do projeto neopositivista tal qual defendido pelo círculo de Viena. Não só analisaremos os diferentes focos escolhidos, mas ensinaremos, quando possível, associações entre as opções por tais focos e o contexto da obra dos autores.

Vistos em conjunto, os trabalhos parecem nos fornecer uma ampla visão sobre não só o contexto específico da filosofia desta época, mas principalmente, dos aspectos políticos e culturais nos quais se situava o positivismo de Viena em suas diferentes fases.

A pergunta que se faz ao enfocarmos tal abordagem é: qual é a importância da perspectiva histórica para uma nova compreensão do positivismo lógico? Ou, a partir desta, podemos nos perguntar de outro modo: qual seria a importância de se fazer uma história da

filosofia da ciência enfocando um movimento filosófico que parecia propor justamente um programa metodológico para a filosofia da ciência que independesse de contextos históricos específicos?

A resposta para essa pergunta parece partir de três pontos: **1.** apesar dos recentes estudos, ainda permanece em voga uma chamada “visão recebida” (*received view*⁶⁷), pela qual o positivismo lógico é compreendido como um movimento que, apesar de ter sua origem na Europa continental, teve o ápice de seu desenvolvimento na América do Norte; **2.** de acordo com essa mesma visão recebida, é ponto central da filosofia neopositivista a elaboração de um programa que pautasse pela depuração do método científico, almejando assim uma ciência absolutamente neutra e não só despojada de conceitos tomados como vagos ou metafísicos, mas também apolítica; **3.** ambos os pontos anteriores, por não atentarem para a história do positivismo lógico, e principalmente para a história do Círculo de Viena, não são capazes de oferecer uma visão correta acerca das diferenças internas tanto do Círculo de Viena quanto do Movimento para a Unidade da Ciência, e tampouco explicitam modo como estas se moldaram, a partir de meados da década de 40, em uma concepção única sumarizada nos pontos 1 e 2.

Em 1990, a revista *Critical Inquiry* publicou um artigo do filósofo Peter Galison intitulado *Aufbau/Bauhaus: Logical Positivism and Architectural Modernism*. O trabalho, cujo tema àquela época ainda era inédito, apresentava uma tese forte: em um mesmo período, vertentes da filosofia e das artes – em especial, da Arquitetura – compartilhavam uma mesma agenda. Tal acontecimento, de fato, não causaria estranheza, não fossem os filósofos e artistas envolvidos: no campo da Filosofia o autor se remetia ao positivismo lógico ou, mais especificamente, ao Círculo de Viena⁶⁸; ao passo que na esfera das artes, o autor se referia ao Bauhaus, escola de arte fundada por Walter Gropius ao final do século XIX em Berlim, de onde se mudou posteriormente para Dessau, mudança essa que implicou também em mudanças nas características da própria Bauhaus:

O modernismo da Bauhaus se estedia por diversos estilos, orientações políticas, orientações, líderes e artistas – desde seus esforços quase expressionistas a República Weimar no período anterior à Primeira Guerra até a orientação técnica de caráter marxista nos anos de Dessau.

⁶⁷ O termo é recorrentemente usado por praticamente todos os autores deste movimento de retomada, como forma de explicitar o contraste com os próprios trabalhos. Para exemplos em que isso aparece enfaticamente, ver Friedman[1999] e Richardson & Uebel[2007]

⁶⁸ Dentre os neopositivistas, o único não pertencente ao círculo vienense que Galison reporta ter mantido contato com o Bauhaus foi Hans Reichenbach, da Sociedade de Berlim

É na mudança para Dessau, e nas transformações que esta teve nos princípios norteadores da Bauhaus, que Galison se concentra, posto que é a partir dessas transformações que a Bauhaus começa a se aproximar de uma atitude científica diante da arte:

Com a mudança para Dessau e a pressão vinda de diversos lados, incluso os geômetras espartanos do De Stijl, os *bauhäusler* deram início a uma profunda reorientação, afastando-se de qualquer traço de um caráter ‘místico’ e em direção à produção em linha de caráter industrial. (...) Como reflexo dessas novas prioridades, o corpo docente do Dessau Bauhaus mudou seu título de “mestres” para “professores” [*Professors*], e substituíram o design gráfico pela propaganda. Sua adoção de uma postura técnica e científica ganhou cada vez mais espaço. A arte atuaria como ciência e serviria como um catalisador no âmbito da produção industrial.

Esse movimento em direção à aproximação com as ciências chamou a atenção dos positivistas de Viena, e começaram então a ser travados os primeiros contatos entre os dois movimentos. Não seria exagerado dizer que já havia previamente uma relação entre os dois, posto que Josef Frank, irmão do físico Philipp Frank, era um arquiteto intimamente familiarizado com as propostas da Bauhaus de Dessau. Do mesmo modo, Carnap, Neurath e mesmo Herbert Feigl foram convidados a palestrar para alunos e professores. Tais palestras tinham por objetivo, das duas partes reforçar as aproximações políticas e filosóficas entre as duas associações. Havia entre os positivistas de Viena a convicção de que compartilhava-se, ali, mais que um mesmo espaço geográfico, mas um mesmo projeto cultural:

Para Carnap, pelo ano de 1929 a arquitetura avia se firmado como um representante exemplar da cultura moderna. Seu novo estilo de construção era motivo de discussão não somente em seus encontros com Wittgenstein mas em suas conversas com Neurath e nos próprios seminários da Verein daquele ano, dos quais Carnap participou. (...)

Em sua versão final, a *Wissenschaftliche Weltanschauung* remetia mais a manifestos de arte, arquitetura e política que a sóbrios volumes de obras filosóficas. Até mesmo a forma do texto, com suas declamações e conclamações a ações, paralelavam com os ousados pronunciamentos dos futuristas italianos ou os construtivistas russos, bem mais que com o denso trabalho filosófico dos hegelianos britânicos ou os neo-kantianos alemães.⁶⁹

Em outro trabalho, publicado em 1996 sob o título de *The Cultural Meaning of The Aufbau*, o autor explora a expressão que intitula a primeira grande obra da filosofia carnapiana. Para tanto, enseja uma contextualização da época de publicação e elaboração da

⁶⁹ Galison [1990], p.731

obra-prima carnapiana, de modo semelhante ao que fez no trabalho de aproximação do positivismo lógico com o movimento artístico liderado por Klimt e Klee. Galison nos lembra que a expressão *Aufbau* denota não “estrutura” (structure), como apareceu na tardia tradução em língua inglesa, mas antes, como “construção”, e que era um termo-chave de uma série de movimentos sociais e políticos da época. Como afirma no trecho que abre o artigo supramencionado:

Entre o final da Primeira Guerra e o período imediatamente após a Segunda Guerra quase uma centena de revistas e volumes multiautorais apareceram no território pan-germânico com a palavra *Aufbau* em seus títulos. Praticamente nenhum destes havia antes da Primeira Guerra, e só um punhado destes permaneceu após 1947.⁷⁰

Que o período descrito por Galison para a delimitar a profusão de publicações com uma mesma palavra-chave coincida com o que a literatura recente delimita com o período entre a ascensão e declínio da *wissenschaftliche Weltauffassung* dificilmente pode ser visto como uma mera coincidência à primeira vista, e ao longo do trabalho em questão Galison faz questão de mostrar como a cadeia de eventos entre a situação política austríaca e a recepção norte-americana contribuíram diretamente para que o caso da versão inglesa da obra carnapiana se revelasse como algo a mais do que um mero equívoco de tradução. O ponto central do argumento de Galison nesse trabalho é que, quanto nos voltamos ao sentido inculcado em tal termo por um contexto político específico, em que se assenta o que alguns anos antes, em *Aufbau/Bauhaus*, ele defendeu como um vínculo interno entre diferentes esferas de uma mesma cultura – respaldando-se no curioso trecho final do supramencionado prefácio à primeira edição de *Der Logische Aufbau der Welt*:

Mais especificamente, a palavra [*Aufbau*] pode nos auxiliar em uma melhor compreensão acerca das conexões entre domínios culturais no período entre guerras, posto que seu elemento era de fato emblemático de um momento no qual arte, arquitetura, política, educação e filosofia apareceram a muitas pessoas como participantes de um comum e projeto essencialmente *modernista*.⁷¹

A tradução de *Aufbau* como “construção” evoca, por si só, a aproximação de uma obra aparentemente voltada para uma discussão estritamente filosófico-científica com a imagem de

⁷⁰ Galison [1996], p.17

⁷¹ Galison [1996], p.18

um projeto maior a ser levado a cabo. O projeto do autor, no que diz respeito a esse trabalho de revigoração e reavaliação do neopositivismo pode ser compreendido como a investigação – e, nesse caso, bastante profícua – a partir de um fragmento de um prefácio. Caso se ativesse tão somente aos limites da obra carnapiana pelo que ela mesma diz, tal investigação não seria possível. O que o autor faz, portanto, é valer-se da reconstrução histórica e assim mostrar que o que parece dito fortuitamente em uma obra dedicada à epistemologia é chave para a ampliação da compreensão de um projeto filosófico.

Note-se aqui que o trabalho de Galison não se restringe a traçar paralelos entre um movimento filosófico e um movimento artístico. Informar simplesmente que havia uma coincidência de propostas não seria suficiente para expressar o caráter inovador de seu trabalho, em especial se consideramos o movimento filosófico ao qual o autor se remete. A aspiração, ainda maior, é reunir as esferas da ciência das artes e da filosofia em um âmbito único, ao qual o autor se remete como forma de vida (*Lebensform*). Tal expressão assume grande importância a partir do século XVIII, sendo tomado com tema desde Herder, passando por Hegel (tanto o jovem quanto o maduro da *Fenomenologia do Espírito*), chegando ao século XX pela obra *O Declínio do Ocidente*, de Oswald Spengler, e ecoando ainda no trabalho do chamado “segundo” Wittgenstein. É de se esperar, portanto, que tal expressão tenha assumido diferentes contornos e significados ao longo dos séculos. Não obstante, chama-se a atenção que autores distantes como Hegel e o Wittgenstein tardio tenham feito uso deste de modo menos distinto do que se esperaria. Se no último a expressão assumiu seu papel enquanto o domínio no qual estariam inextricavelmente imersos o que o autor das *Investigações Filosóficas* chamou de jogos de linguagem⁷², no Hegel de sua primeira fase, mais especificamente nos *Teologischen Jungenschriften*, encontramos no conceito de *Lebensform* o ponto de agregação dos diversos elementos de uma determinada cultura. Considerando que um dos elementos de uma tal cultura, para o jovem Hegel, é propriamente a religião, seria descabido pensar que a concepção científica de mundo tal qual ensejada pelos positivistas de Viena reproduzisse *strictu sensu* o que se encontra nos escritos hegelianos. Contudo, como Galison parece nos sugerir, não é de todo absurdo considerar no projeto revolucionário do neopositivismo de Viena a proposta de se estabelecer, de fato, um novo modelo de sociedade, modelo tal que abarcaria valores não só científicos, e nem somente políticos, mas um todo reunido sobre concepções como o que se chamou de “nova objetividade” ou, mais especialmente, “nova sobriedade” (*neue Sachlichkeit*).

⁷² Como nos aponta Glock[1997], existe uma interligação entre jogos de linguagem e as comunidades em que estes se aplicam, que se explicita quando Wittgenstein assume a hipótese de criação de uma linguagem fictícia.

A concepção científica de mundo, reforçados os pontos de Galison, se propunha a ser mais que uma revolução científica ou mesmo filosófica, mas uma proposta de construir uma sociedade na qual a ciência, ou ainda, a atitude científica, está imersa no corpo específico da academia e dos centros de pesquisa, mas também na política e nas artes de tal sociedade. A “construção” que se propõe, seja ela de um sistema de conceitos, seja de conjuntos habitacionais, responderia a uma mesma orientação. Se adotarmos o ponto de Galison tal qual exposto nos dois trabalhos, as palavras de Neurath, Carnap e Hahn no manifesto de 1929, assim como as últimas linhas do prefácio à primeira edição do *Aufbau* de Carnap ganham força até então desconhecida. A Viena Vermelha, mais do que um ambiente politicamente favorável ao surgimento e desenvolvimento do positivismo lógico, foi ela mesma encarnação prática do ideário político e filosófico neopositivista.

Dois autores cuja produção recente focou especificamente as relações entre o positivismo lógico e suas transformações no contexto da emigração para os Estados Unidos são George Reisch e Gerald Holton. Ainda que não tenha havido qualquer intenção dos autores de elaborar uma obra conjunta, o fato é que os dois trabalhos se completam, na medida em que o escopo de um parece se encerrar aonde se iniciam os limites do trabalho do outro.

Tal qual parte dos trabalhos de Galison, o foco que Reisch concede à figura de Rudolf Carnap não mais enquanto um filósofo, mas principalmente como um acadêmico politicamente engajado, é um dos pontos que o destaca o trabalho deste autor. Se em Neurath o que encontramos é um resgate a partir das obras do próprio filósofo neopositivista, citando as incontáveis passagens em que se faz explícito o intento de conceber uma atitude científica ao invés de uma proposta metodológica para a ciência, não podemos dizer o mesmo da obra carnapiana. À exceção do mencionado prefácio à primeira edição do seu *Aufbau*, e algumas poucas passagens de sua autobiografia intelectual, não encontramos outra publicação do autor que se remeta, mesmo que indiretamente, a algum aspecto político implícito em seu trabalho. Mesmo os esforços do resgate contemporâneo de apresentar a filosofia de Rudolf Carnap - e aqui nos remetemos tanto aos intentos de seu primeiro livro quanto ao *Princípio de Tolerância* tal qual exposto em *Logical Syntax of Language* - como uma proposta filosófica que abre possibilidades para aproximações da filosofia da linguagem carnapiana com contextos históricos e culturais consistem, em última instância, no estabelecimento de vínculos que, em sentido estrito, não aparecem no trabalho do próprio filósofo de Jena⁷³. O

73

Para tal abordagem e as discussões sobre sua pertinência, ver seção anterior.

trabalho de resgate do papel de Carnap também na América do Norte, que complementa aqueles que se ocuparam especificamente do período da Viena Vermelha ou de modo geral do território germânico pré-*Anschluss*, assume junto com estes o papel de fundamentar historicamente as hipóteses de outros filósofos contemporâneos. Mostrar um Rudolf Carnap não somente empenhado em um programa de filosofia da ciência, ou de uma ciência neutra, equivale a mostrar em que convicções pessoais podem estar fundadas tal proposta de neutralidade filosófico-científica que se encontram explicitamente defendidas do trabalho do autor.

A obra de Holton, por sua vez, nos chama especial atenção por ser ele mesmo uma figura presente no meio acadêmico norte-americano no período em que os intelectuais europeus imigrantes nos Estados Unidos estabilizavam sua situação nas universidades, assumindo postos definitivos e mesmo dirigindo instituições. A biografia de Holton é notavelmente próxima de alguns dos importantes membros do círculo de Viena. Sendo ele próprio também um cidadão vienense que emigrou na ocasião da anexação da Áustria à Alemanha, Holton encontrou nos Estados Unidos o abrigo aonde começou e deu seguimento a toda sua vida acadêmica. Holton defendeu o doutorado em 1948 em Harvard sob a orientação do prêmio Nobel Paul Bridgman. Seu trabalho de reconstrução histórica da situação acadêmica norte-americana na ocasião da imigração intelectual européia, portanto assume um caráter autobiográfico que o distingue de boa parte dos demais trabalhos, em especial no que diz respeito à carreira de Philipp Frank, de quem foi assistente durante seus cursos em Harvard. Mais do que um contemporâneo do período em que o positivismo passou pela transformação de que trata George Reisch, Holton esteve no olho do furacão na ocasião das mudanças que levaram a tomar o neopositivismo, hoje, como sua *received view* há muito superada no escopo da filosofia da ciência.

Mas não só o contexto histórico aproxima Gerald Holton dos positivistas vienenses. Sendo ele também um físico por formação, a carreira de Holton esteve intimamente relacionada a projetos de aproximação da Física com as ciências humanas, em especial a História e as ciências sociais. O trabalho de Holton, no que diz respeito ao resgate histórico do neopositivismo, concede especial atenção à carreira norte-americana de Philipp Frank. Nos detenhemos, uma vez mais, a figura de Frank e sua participação no Unified Science Movement, na forma como este se instalou nos Estados Unidos.

Como vimos na primeira parte, Philipp Frank foi certamente o último membro do antigo círculo vienense a promover o movimento pela unidade a ciência na América do Norte. Dentre seus antigos colegas, é também o único que manteve até o final da vida como diretor

do Institute for the Unity of Science a postura politicamente engajada deste. Por engajamento político não está-se fazendo referência específica a um alinhamento específico com o socialismo ou a esquerda de modo geral, mas sim a uma atitude de preocupação em conferir ao cientista e à atividade científica como um todo sua importância política dentro da sociedade em que este se insere. Para tanto, fazia-se necessário não somente promover uma aproximação da sociedade em geral em direção aos problemas científicos, mas também aproximar a ciência das questões sociais em voga.

Nos deparamos assim com uma agenda pedagógica bipartida: por um lado, faz-se importante ensinar um plano de educação científica básica de modo que à sociedade fosse possível compreender o desenvolvimento das ciências naturais de sua época e a forma como estas se relacionam com seus valores culturais e mesmo seus problemas quotidianos; por outro, faz-se igualmente importante promover uma reformulação no currículo do cientista, tanto o pesquisador quanto o educador, de modo que a ele fosse possível aproximar a educação científica da vida cotidiana dos alunos. Para tanto, seria necessário que na formação do cientista este tivesse contato com cursos relacionados às ciências humanas, sejam estes relacionados à Sociologia, à Antropologia ou à História. Em Philipp Frank, talvez mais do que em qualquer outro neopositivista imigrante no meio acadêmico da metade do século XX, a preocupação em fazer da vida acadêmica mais do que um ambiente de desenvolvimento das próprias pesquisas, mas um ambiente de discussão e experimentação das possibilidades de tornar uma perspectiva filosófica cientificamente orientada e socialmente engajada um projeto pedagógico de educação científica a partir de uma aproximação recíproca entre ciência e sociedade.

A intenção de Frank de transpor para a esfera de propostas pedagógicas parte dos pontos expressos no Manifesto de 1929, e parte daquilo que em uma outra Viena seria o modelo político-cultural de uma nova sociedade. Considerar, já há 60 anos, que havia a necessidade de aproximação da ciência com a sociedade na qual esta se insere não era uma consideração exclusiva de Frank. No próprio círculo vienense encontramos em Neurath, de modo ainda mais enfático, o projeto de uma remodelação da ordem social a partir de uma aproximação da ciência – e, mais ainda, dos valores que carregam .u/ma concepção de mundo cientificamente orientada. Mas, em grande parte por já circular nos meios acadêmicos e por ter uma experiência com o magistério muito mais extensa que seu colega, para Frank a educação se apresentava como um caminho viável de promoção do projeto filosófico inicialmente formulado em Viena por vias dissociadas do contexto político original.

Uma vez mais vem à luz a distinção interna do círculo no que diz respeito às restrições temáticas e metodológicas da filosofia da ciência. Enquanto Carnap e Reichenbach defendiam uma separação clara entre a filosofia e a história da ciência, nos moldes de uma distinção entre contexto da descoberta e contexto da justificação, Frank voltava os olhos para uma preocupação de natureza distinta: a necessidade de uma estrutura conceitual e metodologia científicas que torna-se tal conhecimento acessível aos alunos. Autor de dois extensos artigos voltados exclusivamente para as condições de se aproximar, pela educação científica, as ciências naturais e as humanidades, Frank encarnava o esforço de aproximação daquilo mesmo que o resto do positivismo lógico parecia se afastar. Nos voltemos, assim, à imagem de Gerald Holton.

Como o positivista de Viena, o autor buscou dentro da própria estrutura acadêmica em que se inseriu as vias para a promoção institucional de um projeto de superação dos distanciamentos entre áreas do conhecimento, uma dificuldade que o autor atribui em grande parte à estrutura departamentalizada das universidades.

Ao final da década de 60, o governo dos Estados Unidos lançou um projeto de promoção da educação científica, como forma de superar o crescente declínio do ingresso de alunos nos cursos universitários de ciências exatas. O projeto, intitulado *Project Physics* – também conhecido como *Harvard Project Physics* – consistia em um curso de ciências reformulado, e baseado em um livro-texto, de autoria de Holton. Nos lembra o autor, em uma entrevista⁷⁴:

Diferentemente de outras editoras norte-americanas, proibíamos a simples tradução. Acreditávamos que, em cada país, deveria haver um grupo que o ajustasse à cultura do lugar, seus interesses e níveis de matemática.

Holton, para explicar sua postura, cunhou o termo “abordagem conectiva” (*connective approach*). Tal abordagem consistiria em uma exposição dos conceitos da física relacionando-os não só ao contexto cultural do aluno, mas também ao momento histórico em que vieram à luz. Percebemos, aqui, a proposta de um ensino das ciências naturais que perpassa o âmbito das ciências humanas, como a Sociologia e História, de modo a conferir à Física não mais uma legitimidade epistêmica sobre seus princípios no contexto restrito de uma comunidade científica, mas uma aceitação destes no corpo da sociedade.

⁷⁴ Entrevista concedida a Bernardo Jefferson de Oliveira e Olival Freire, em 2006, e publicada na revista *Cadernos Brasileiros de Ensino de Física*, na edição do mesmo ano.

Como nos reportam os trabalhos de Holton, Reisch, e Galison, fazer uma divisão do positivismo não perpassaria somente pelas convicções filosóficas de tais pensadores no contexto do alvorecer de sua filosofia, mas nos graus diferentes de adaptação que lhes foram exigidos na ocasião de sua migração para o continente americano. Assim, não se trata somente de definir quem são os positivistas de direita ou esquerda, mas sobretudo mostrar o quão necessário era que tal divisão fosse abandonada num contexto em que a filosofia da ciência se apresentava como aparentemente indiferente a posicionamentos e projetos políticos, e o foco das discussões parecia cada vez mais direcionado para a lógica da ciência. Uso o termo “aparentemente”, posto que, como Reisch nos mostrou (ver Parte 1), tal “despolitização” foi ela mesma motivada por fatores de natureza política. O distanciamento, duplo, entre a filosofia da ciência e a atividade científica, e entre a filosofia e a história da ciência, parecia então urgir aos pesquisadores e teóricos da ciência que tomassem partido: aceitar a condição de filósofos da ciência acarretaria em uma despolitização tanto no sentido forte, como o desengajamento de movimentos políticos e sociais.

O fato de tratar-se de um trabalho de autoria de renomados historiadores da ciência também não deve ser desapreciado. De modo mais forte, tal circunstância torna especialmente chamativo todo o conjunto de trabalhos recentes respectivos ao positivismo lógico. Quando nos damos conta das cisões do século XX, sejam elas entre a história da ciência e a filosofia da ciência, ou seja mesmo dentro do bojo da própria filosofia da ciência, entre perspectivas históricas ou ahistóricas, ainda percebemos uma desatenção latente com a história mesma da filosofia da ciência. Estranhamente, mesmo as tomadas de partido em favor da relevância histórica implicavam em um afastamento das tendências contrárias que do mesmo modo perdia de vista a importância de uma contextualização histórica sobre estas. Em outras palavras: na preocupação de discutir e tentar superar o que acreditavam ser as posições contrárias sobre o desenvolvimento científico, filósofos da ciência parecem ter perdido de vista o próprio desenvolvimento de sua disciplina, e mesmo a filosofia da ciência histórica não concedeu a devida atenção à história da filosofia da ciência. O caso do positivismo lógico acaba, por fim, sendo exemplo de como uma correção histórica é capaz de oferecer aporte para uma revisão na compreensão não somente de uma revolução científica, mas de uma perspectiva filosófica.

2.3. A recepção contemporânea da obra de Otto Neurath e suas contribuições para uma nova compreensão do projeto neopositivista

Os trabalhos de Thomas Uebel, Nancy Cartwright, Jordi Cat, Lola Fleck, entre outros, por seu turno, parece apontar para dois caminhos de investigação: o chamado *Protocol-Sentence Debate*, ou seja, o debate interno do círculo no que diz respeito à forma e ao estatuto epistemológico das sentenças protocolares, a relação entre a vida política e o papel do cientista. Ao contrário de Friedman, cujo trabalho se centrava na questão do apriorismo como concebido pelo neopositivismo e na relação do último com o neo-kantismo e a crise nos fundamentos das ciências naturais e exatas, Uebel concentra sua atenção sobre os trabalhos de Otto Neurath. O foco neste autor, sem dúvida a figura que passa a assumir maior importância nesta retomada do positivismo lógico, é também chave para a compreensão do caráter inovador deste trabalho, em relação à produção anterior relativa ao neopositivismo. Como dissemos no capítulo anterior do trabalho, a figura de Otto Neurath, pela sua atuação tanto dentro do círculo quanto fora, em muito se destacava em relação aos demais membros do Círculo. Ao contrário de Carnap, que mantinha o engajamento político na vida pessoal distante do âmbito dos debates do círculo, Neurath tinha plena convicção da relação intrínseca entre suas posições filosóficas – embora “filosóficas” fosse uma caracterização pouco cara pelo autor – e suas ações na vida política (como espero ter deixado suficientemente explícito na seção anterior do trabalho).

Quando os eventos políticos do final da década de 1930 forçaram a emigração da quase totalidade dos membros do círculo para a América, aonde, como visto no capítulo anterior, todo o viés político foi por uma manifestação do já consolidado empirismo lógico restrita à esfera dos trabalhos acadêmicos relacionados à epistemologia e à filosofia da linguagem, parte dessa transformação é creditada ao falecimento de Neurath. Representante maior da esquerda do círculo de Viena, e também o mais politicamente engajado deste grupo, Neurath foi o idealizador e principal colaborador de todas as iniciativas no contexto político da Viena Vermelha, como os projetos de habitação e educação populares – os quais ele via como elementos intrinsecamente relacionados aos propósitos explicitados no Manifesto de 1929.

Conforme exposto na primeira parte deste trabalho, o debate sobre a constituição das sentenças protocolares, isto é, as sentenças que constituiriam a linguagem da ciência, foi o epicentro da discórdia entre três lideranças do positivismo vienense - Schlick, Carnap e

Neurath. Uebel, por sua vez, dedicou um livro inteiro ao tema⁷⁵. O trabalho, que tinha o provocativo título *Overcoming Logical Positivism From Within*, ainda confrontava na ocasião de sua publicação a visão majoritária de que o positivismo lógico se resumia basicamente a um projeto homogêneo de prescrição de uma metodologia rigorosa na caracterização de enunciados científicos, baseado em uma aproximação do empirismo moderno com o logicismo de Frege e Russell e as concepções anti-metafísicas influenciadas por uma interpretação do *Tractatus Logico-Philosophicus* de Ludwig Wittgenstein. A partir desse trabalho, o autor chamava a atenção para dois pontos de confrontação com a visão recebida do positivismo lógico: a primeira é o ofuscamento, ao longo dos anos, da diversidade de perspectivas inerentes ao projeto de uma concepção científica de mundo. Dentro do círculo conviviam posições tão distintas como as de Schlick e Neurath; e muito se ignorou e ainda se ignora a respeito de tais diferenças. O segundo ponto, derivado deste primeiro, é que ao chamar a atenção para o trabalho de Neurath, Uebel mostra um aspecto do positivismo lógico ainda pouco visto: um ferrenho anti-fundacionismo, mesmo no âmbito da linguagem que deveria servir de suporte à ciência, dando importância a aspectos até então ignorados dentro do contexto da filosofia neopositivista.

Não é de se surpreender que o nome de Otto Neurath tenha tido uma reverberação relativamente menor na história do empirismo lógico comumente retratada pela *received view*: apesar de ser conhecido pela sua erudição em campos diversos quanto História e Lógica, e sempre ter ressaltado a importância que cada um desses campos distintos deve assumir na formação de um cientista – ou mesmo do homem comum - a produção de Otto Neurath se direcionou majoritariamente à promoção do positivismo lógico e da Ciência Unificada como movimentos políticos, como propostas e ferramentas de transformação social. Ao contrário de colegas do círculo, como Gödel ou Waissman, que lidavam com questões de natureza mais técnica relacionadas à filosofia da linguagem ou aos fundamentos da Matemática, poucos trabalhos de Neurath eram dedicados a tais aspectos, à exceção de sua participação no já mencionado debate interno a respeito da estrutura e do estatuto das sentenças protocolares, e mesmo estes eram carregados de um apelo do autor a aspectos pouco apreciados por colegas seus mais interessados nos aspectos estritamente lógicos e epistemológicos das teorias científicas.

Em termos gerais, não é difícil enxergar uma uniformidade superficial de intenções entre os membros do círculo, posto que todos, em linhas gerais, advogam em favor da

⁷⁵ Uebel[1992]

superioridade da ciência – ou, mais especificamente, do cientista - em estabelecer valores a despeito de outras instituições como a Igreja. Do mesmo modo, todos parecem compartilhar da opinião de que essa superioridade da ciência reside no seu caráter objetivo, na sua possibilidade de oferecer uma comunicabilidade, um conhecimento intersubjetivo. A diferença, e este é o ponto-chave da discordância, se funda na questão sobre o tipo de objetividade científica em jogo. De que modo esta objetividade se insere, como ela deve ser promovida. Se por um lado a visão recebida sobre o círculo não está de todo equivocada, mas é sobretudo incompleta, a abordagem de Neurath em particular, e da esquerda do Círculo como um todo, seria, de acordo com Thomas Uebel e Nancy Cartwright, para citar apenas dois de diversos comentadores, a que oferece maior espaço para futuras investigações. A natureza e o método, assim como as considerações procedentes de tais investigações, serão o objeto das seções seguintes.

Sobre o famoso debate sobre as sentenças protocolares, que mencionamos no capítulo anterior deste trabalho, o autor contemporâneo que certamente mais se ocupa do assunto é Thomas Uebel. Além de ter escrito dois livros sobre o tema, publicou diversos artigos sobre o mesmo. Ao chamar a atenção para o debate, o autor não se preocupa somente em relatar as divergências entre os protagonistas ou o teor da discussão – isso seria esperado não fosse o fato, ressaltado pelo próprio autor, de que por muito tempo uma das figuras centrais do debate, Otto Neurath, permaneceu obscurecida em boa parte das referências ao positivismo lógico. Assim, ainda que seu trabalho se apresente no primeiro momento enquanto uma abordagem sobre todo o círculo de Viena, a participação de Otto Neurath, e as contribuições desta para oferecer uma nova perspectiva diante do “círculo em torno de Schlick”, mostram ser, ao fim e ao cabo, o ponto central do argumento do autor – que, além das obras mencionadas, é editor e organizador de outros trabalhos devotados à produção neurathiana tanto filosófica quanto política e econômica. Convém, portanto, investigarmos sobre o sentido que o trabalho de Otto Neurath, à luz das obras de Uebel, contribui significativamente para uma reconsideração sobre o positivismo lógico.

Em primeiro lugar, detenhamo-nos sobre a peculiar estrutura que Neurath alvitra para as sentenças protocolares. Como vimos no capítulo anterior, o positivista de Viena tinha por proposta, na construção de modelos de enunciados científicos, uma estrutura que os tornasse não só facilmente compreensíveis a qualquer pessoa – e aqui, frise-se, nos estendemos a pessoas em geral, para além da comunidade científica familiarizada com jargões técnicos. Como vimos em um momento anterior do nosso trabalho, havia um acordo entre os neopositivistas e mesmo entre cientistas e filósofos próximos ao positivismo lógico sobre as

vantagens de se elaborar um sistema universal de conceitos e relações que possibilitasse a superação de dificuldades de compreensão entre cientistas de diferentes áreas. No entanto, esse caráter de universalidade, em Neurath, assume sentido muito mais abrangente do que o Sentenças protocolares não só caberiam no âmbito restrito de discussões acadêmicas, mas seriam também uma estrutura lingüística imersa mesmo na comunicação cotidiana. Assim, no principal artigo seu relativo ao tema, Neurath ressalta o caráter pedagógico de seu projeto:

Desde os primeiros anos às crianças o dialeto universal despojado de metafísica como a linguagem da ciência unificada historicamente transmitida. Se preparará a cada criança de maneira que se inicie com um dialeto universal simplificado e avance gradualmente para o dialeto universal dos adultos. A respeito disso, parece não haver sentido em delimitar esta linguagem infantil como uma linguagem especial. Em tal caso, seria o caso de se fazer a distinção entre diversos dialetos universais. A criança aprende um dialeto universal primário, do qual se deriva o dialeto universal dos adultos. Aprende um dialeto universal “mais pobre”, que vai enriquecendo gradualmente.⁷⁶

A partir de tal propósito, encontramos dois pontos da divergência entre sua proposta e a de Rudolf Carnap: a primeira delas é o recurso à linguagem natural, recusando-se a adotar uma formalização lógica dos enunciados; a segunda característica, derivada desta, é não asseverar qualquer *status* de superioridade epistêmica ou lógica entre as sentenças protocolares e qualquer outro enunciado, mesmo os cotidianos. Trinta anos antes de Quine publicar seu famoso *Dois Dogmas do Empirismo*, no qual refutava a distinção carnapiana entre enunciados analíticos e sintéticos, já encontramos em Neurath no início da década de 1930 uma crítica à proposta de seu colega, que consistia em construir uma meta-linguagem pela qual se traduziriam os conceitos da linguagem científica natural:

Carnap fala de uma “linguagem primária”, a qual também caracteriza como uma “linguagem referente às vivências” ou “linguagem fenomenalista” (...)

Estas observações poderiam induzir os jovens à busca desta linguagem protocolar, que facilmente conduziram a desvios metafísicos. Ainda quando não seja possível retroceder à metafísica amplamente por meio de argumentos, resulta ser importante, sem dúvida, submeter-se ao fisicalismo em sua formulação mais radical⁷⁷.

Suprimir a distinção entre a linguagem científica e a linguagem natural ordinária era um projeto que, ao nível proposto por Neurath, não parecia encontrar concórdia em qualquer

⁷⁶ Neurath [1932 (1965)], p.207

⁷⁷ Neurath [1932 (1965)], p.207

outro membro do círculo e Uebel é enfático em explicitar o naturalismo neurathiano não somente como uma antecipação do que mais tarde se manifestaria elas críticas quineanas ao programa filosófico de Carnap, mas sobretudo apresentar a especificidade do projeto de Neurath como um projeto alternativo de naturalismo.

Fazer do projeto de uma linguagem científica e de uma unidade conceitual entre diferentes ciências um projeto de transformação social e política era não só algo que distinguia Neurath de membros avessos às posturas do autor, como Schlick ou Waismann, mas era algo que o distanciava mesmo de membros tidos como seus pares, como Carnap ou Philipp Frank. Estes últimos, ainda que manifestassem na posição política e mesmo em gestos de uma vida pública uma afinação com a construção de uma concepção de mundo cientificamente orientada, perpassando por uma postura científica politicamente engajada, sempre foram hábeis em despojar-se de tais apegos em suas publicações. O mesmo definitivamente não pode ser dito de Neurath. Como nos relata Uebel,

Neurath buscou desenvolver algo bastante simples em termos mas, ao mesmo tempo, de difícil compreensão: uma concepção de conhecimento enquanto ferramenta de engrandecimento pessoal, um instrumento de emancipação. O que torna seu projeto interessante é, portanto, não sua antecipação de uma epistemologia naturalizada, mas os objetivos mais amplos subjacentes ao seu naturalismo⁷⁸.

Deste modo, um trabalho de revitalização da obra neurathiana é um trabalho não somente de revitalização do positivismo lógico, mas necessariamente de revisão de uma concepção de tal perspectiva filosófica. Podemos, mesmo, compreender tal projeto ainda como um questionamento sobre a própria caracterização do positivismo lógico enquanto *uma* perspectiva ou *uma* filosofia: por trás de motes aparentemente uníssonos, como “linguagem unificada”, “superação da metafísica” ou mesmo “concepção científica do mundo”, ocultavam-se divergências suficientes para tomar o círculo de Viena, e por extensão o positivismo lógico germânico como um todo, como um movimento que acumulava um emaranhado de posturas não raro inconciliáveis.

⁷⁸

Uebel (1991) *Overcoming Logical Positivism From Within*, p.2

2.4. Carnap, Heidegger, Cassirer e a origem neo-kantiana das perspectivas filosóficas analítica e continental na primeira metade do século XX

Entre os meses de março e abril do ano de 1929 teve lugar na cidade de Davos, Suíça, um debate entre dois representantes do neo-kantismo que à época predominava nas universidades alemãs: o filósofo Martin Heidegger, que havia recentemente publicado sua obra mais famosa, *Ser e Tempo*, e o filósofo Ernst Cassirer, o qual havia completado a pouco tempo os três volumes de sua *Filosofia das Formas Simbólicas*. O debate girava em torno da interpretação de cada um dos autores sobre a *Crítica da Razão Pura* de Kant. Pelo próprio momento no qual ambos os debatedores se encontravam em sua vida acadêmica, chamou a atenção não só de alunos e professores do país, mas também atraiu um grande público internacional. Pra muitas pessoas, o debate era a representação de um momento de transição entre uma visão tradicional e a nova perspectiva que se apresentava na abordagem heideggeriana:

Para Heidegger, o intercâmbio com Cassirer em Davos era uma grande oportunidade. Em um encontro direto com o mais eminente representante do “racionalismo” neo-kantiano de sua época, ele teria a chance de reivindicar ser o autor de um tipo fundamentalmente novo de filosofia, destinada a se colocar contra a hegemonia da tradição neo-kantiana e, do mesmo modo, suplantar as tendências “racionalistas” remanescentes na fenomenologia husserliana. Heidegger podia, mais ainda, fazer isso apresentando uma leitura radicalmente “anti-racionalista” da própria *Crítica da Razão Pura*. Por fim, dadas as diferenças de idade e da carreira dos dois homens (...), ao encontro subjazia todo o drama de uma mudança de gerações.

Dentre os visitantes estrangeiros, constava Rudolf Carnap, que por sua vez havia recém publicado seu *Der Logische Aufbau der Welt*. O contexto político e filosófico no qual se situa o debate, e os eventos que sucederam o encontro de três dos principais nomes da filosofia contemporânea é o epicentro temático do ensaio de Michael Friedman, *A Parting of The Ways* (em português, algo como “uma divisão dos caminhos”).

Conforme foi dito no início deste capítulo, o ainda recente movimento de retomada do positivismo lógico entre os temas contemporâneos em Filosofia da Ciência se caracteriza não mais por uma visão do positivismo lógico ou mesmo do Círculo de Viena em particular enquanto um grupo coeso. Isso se torna explícito no esforço de apresentar os positivistas

vienenses individualmente, ou quando muito comparados a outro colega ou contemporâneo. O ensaio, que segue esta tendência, está longe de esgotar a obra de Friedman concernente ao positivismo lógico (e, como também mostramos no início do capítulo, nem é dentre as suas obras a mais dedicada ao neopositivismo em geral). Contudo, o trabalho de Friedman assumiu grande repercussão, em parte pelos pontos a que chama atenção no seu esforço em expor novos aspectos, senão diretamente relacionados ao positivismo lógico como movimento filosófico, Por sua vez, seu trabalho aborda uma situação diferente, a saber, a discussão da cisão contemporânea entre as chamadas filosofia analítica e filosofia continental. Seu estudo concerne uma influência filosófica particular – o neo-kantismo - na formação intelectual de três personagens proeminentes das principais correntes filosóficas: Martin Heidegger, Ernst Cassirer e Rudolf Carnap.

A iniciativa de abordar essa divisão na filosofia não é o que confere caráter diferenciado ao trabalho de Friedman. Antes dele, a questão já havia sido abordada, anos antes, por Richard Rorty em seu *Philosophy and The Mirror of Nature* e pela filósofa italiana Franca D’Agostini em *Analitici e continentali – Guida allá filosofia degli ultimi trent’anni*, entre outros⁷⁹. A peculiaridade do trabalho de Michael Friedman não está, portanto, no tema mais geral de que trata, mas sim em dois outros aspectos. O primeiro deles é a opção por uma abordagem histórica do problema, não no sentido de uma história do desenvolvimento das questões filosóficas, mas na própria descrição do contexto acadêmico, político e social no qual esta separação entre duas “filosofias”, para o autor, se não se iniciou, ao menos foi sedimentada:

Antes deste encontro não havia tal divisão, ao menos no âmbito intelectual germânico. O empirismo lógico, a fenomenologia husserliana, o neo-kantismo e a nova variante “hermenêutica-existencial” da fenomenologia heideggeriana estavam, antes, engajados em uma série de intercâmbios filosóficos que se remetiam a revoluções que então se estendiam tanto às *Naturwissenschaften* quanto às *Geisteswissenschaften*. Os diferentes movimentos filosóficos naturalmente divergiam e se opunham acerca da interpretação e do significado destas transformações revolucionárias, mas eles ainda falavam a mesma linguagem filosófica e engajavam-se em um mesmo corpo de problemas.⁸⁰

O segundo aspecto é o próprio período a que o autor se atém: no lugar da descrição de uma cisão que teve sua gênese em outro momento da história da Filosofia, como as refutações

⁷⁹ Note-se também a quantidade de trabalhos que se seguiram à publicação de *A Parting of The Ways*, como May[2002], Levy[2003] e Rockmore[2004] – embora só este último se reporte diretamente ao ensaio de Friedman.

⁸⁰ Friedman [2000], p.xi

dos empiristas britânicos ao idealismo alemão⁸¹, Friedman defende que a divisão entre filosofia analítica e continental ao modo como se dá nos dias atuais tem sua origem em um período mais recente, ou seja, a virada da segunda para a terceira década do século XX, época em que tanto a fenomenologia e a hermenêutica quanto o logicismo – se fôssemos apontar aqui tendências marcantes das duas perspectivas – já tinham ganhado cada qual um espaço nas esferas acadêmicas de discussão, já haviam assim angariado sua parcela de adeptos e críticos. Não é interesse do autor – e isso é admitido no prefácio de seu livro e reiterado em Friedman[2002]⁸² – reconstruir toda a história do surgimento das perspectivas, mas detalhar os acontecimentos de um episódio em particular o qual, para ele, foi crucial não só na explicação das aproximações entre três posições filosóficas distintas e das causas de seu posterior afastamento, mas sobretudo nas hipóteses sobre as possibilidades de reconciliação entre elas.

Assim, a discussão se desloca do contexto do surgimento do positivismo lógico na Viena da década de XX para uma abordagem da formação intelectual de um neopositivista em particular – talvez, dentre os membros principais do círculo, o que mais contato teve com uma formação acadêmica em Filosofia (visto que os demais membros do círculo vienense, à exceção de Viktor Kraft e Henrich Neider, têm sua formação mais próxima do âmbito das ciências sociais e, mais freqüentemente, das naturais).

Friedman expõe o contexto geral da discussão – a saber, o debate entre Cassirer e Heidegger, e a posterior interferência de Carnap – para em seguida expor uma breve biografia dos autores e por fim dar ensejo à sua hipótese: levando-se em conta que ambos têm, em suas filosofias, uma mesma referência, o autor acredita ser possível determinar, a partir dos acontecimentos daquela época, a forma como se deu a ruptura no século XX entre duas formas de se estudar e fazer Filosofia, uma ruptura que se estende ao âmbito acadêmico até os dias de hoje, sem que para isso fosse necessário abordar a gênese dessa divisão ao longo da história da Filosofia.

O episódio que é o epicentro temático de *A Parting of The Ways* não é sequer mencionado por Carnap em sua autobiografia, e mesmo suas considerações – ao menos as publicadas - sobre a filosofia heideggeriana se restringem ao famoso artigo *Überwindung der*

⁸¹ Esse momento, em particular, é, junto com as críticas de Frege a Husserl, o mais aceito como marco do surgimento da filosofia analítica e da subsequente divisão das perspectivas filosóficas. Pode-se encontrar um exemplo de tais críticas no ensaio de G.E. Moore intitulado *The Refutation of Idealism*, publicado na revista *Mind* de 1903.

⁸² Cf. Friedman[2002], p.264: “O primeiro ponto que gostaria de chamar a atenção é que o meu livro, naturalmente, não almeja contar toda a história da divisão analítica/continental – ou mesmo toda a história sobre Carnap, Cassirer e Heidegger. É, antes, um livro sobre o encontro de Davos, em particular, e a polêmica reação de Carnap a Heidegger nos anos imediatamente seguintes a esse encontro.”

Metaphysik durch logische Analyse der Sprache, no qual Carnap critica, a partir de uma rigorosa análise semântica, o ensaio *Was ist Metaphysik?*. No entanto, como Friedman mostra, o interesse de Carnap pelo trabalho de Heidegger não só precedeu as críticas expostas em *Überwindung der Metaphysik*, mas se refletiu em um estudo cuidadoso sobre *Ser e Tempo*, além de conversas que teve com Heidegger durante os dias do encontro de Davos. Friedman,

Tanto entre pesquisadores e estudantes da filosofia heideggeriana quanto da filosofia analítica em geral e da obra carnapiana em particular, ainda persiste a ignorância sobre a interseção na formação acadêmica dos dois filósofos, e Friedman direciona parte considerável de seu livro para a reconstrução detalhada de suas biografias no esforço de explicitar as aproximações na esfera acadêmica – ainda que, por outro lado, também reforce o afastamento na esfera política. O que parece ser o propósito da reconstrução do autor é mostrar que Ernst Cassirer, Rudolf Carnap e Martin Heidegger, apesar de serem representantes de perspectivas não só diferentes como aparentemente conflitantes acerca da natureza da Filosofia e das relações desta com as ciências e a sociedade, não obstante têm em suas idéias uma mesma origem: a herança germânica da filosofia kantiana, representada pelo neokantismo que ainda exercia sua influência no meio acadêmico alemão até o início do século XX.

Lançar luz sobre a formação neo-kantiana dos três filósofos como pano-de-fundo para um debate que determinou, segundo o autor, os caminhos da filosofia contemporânea nos anos seguintes nos chama a atenção também pelos resultados dessa pesquisa. Como Friedman nos lembra, o neo-kantismo estava longe de representar uma perspectiva homogênea sobre a filosofia de Kant, e nessas divergências mesmas residia o interesse sobre o debate de Davos. Havia, sobretudo, uma diversidade entre duas escolas: a de Marburg, aonde Cassirer estudou sob a orientação de Hermann Cohen, e a chamada Escola do Sudoeste, formada por um conjunto de universidades da região, por onde Heidegger se formou sob a orientação de Rickert, e pela qual Carnap defendeu seu doutorado sob a orientação de Bruno Bauch – que, por sua vez, foi aluno de Rickert. Segundo Friedman, não obstante tivesse sido aluno de Rickert, o neo-kantismo de Bauch era influenciado não só pela orientação científica de Marburg como pela lógica fregeana⁸³.

A tese de doutorado de Carnap, *Der Raum* (“O espaço”), buscava justamente uma conciliação entre o que ele acreditava ser três formas distintas de espaço: o formal, o intuitivo e o físico. Tal tese era um reflexo da diversificada formação carnapiana, e um esforço do

⁸³ Friedman [2000], p.63

autor em resolver o que parecia ser uma disputa de posições entre matemáticos, físicos e filósofos acerca da natureza do espaço pela defesa de uma pluralidade do sentido do termo “espaço”. O cerne de tal disputa residiria, para Carnap, na falta de clareza de cada perspectiva⁸⁴:

O espaço formal é uma estrutura relacional pura ou uma estrutura de ordenação, desenvolvida no escopo de uma lógica matemática, para a qual o ponto de vista “do matemático” é correto. O espaço físico, em contraste, é um objeto da ciência natural empírica, para o qual o ponto de vista “do físico” é correto. O espaço intuitivo, por fim, é um objeto da intuição “a priori”, para o qual o ponto de vista “do filósofo” é correto.⁸⁵

Ao situar a obra carnapiana – ressaltando a relação desta com o neokantismo, esse resgate histórico de Friedman parece dirigir a discussão sobre as origens do neopositivismo em particular para o plano das origens da filosofia analítica contemporânea, ao mesmo tempo em que joga luz sobre uma tese forte: no neo-kantismo residiria não só as origens das duas perspectivas filosóficas contemporâneas, mas também este é um possível caminho para a reconciliação do antagonismo ainda existente entre analíticos e continentais.

Ao final do ensaio, duas dúvidas parecem não ter sido esclarecidas na forma como este foi conduzido. A primeira destas questões se relaciona à alternância do autor no foco do texto: em determinados momentos o argumento parece caminhar para as divergências políticas entre os autores e a forma como estas se fizeram importantes para a cessão do diálogo entre os três filósofos – mais precisamente, entre Heidegger e seus dois interlocutores; e ora o texto parece focar nas divergências, em especial entre Carnap e Heidegger, no que diz respeito à idéia de objetividade. A aparente confusão em tal alternância é que ao mesmo tempo ela não revela uma relação entre as posições políticas e as filosóficas. E Friedman admite que a divisão entre uma filosofia mais próxima das ciências empíricas ou das humanidades não estabelece um vínculo necessário com as posturas políticas de todos os seus defensores. Como reconhece o autor na última parte de seu trabalho,

Seria uma tolice identificar a divisão entre filosofias “científica” e “humanística” encarnadas na oposição entre Carnap e Heidegger com uma igualmente forte oposição política entre estes. Muitos filósofos “científicos” eram e são conservadores ou mesmo reacionários em suas

⁸⁴ Em Carnap[1922], p.64 apud Friedman [2000], p.64: “[all] parties were correct and could have easily been reconciled if clarity had prevailed concerning the three different meanings of space”

⁸⁵ Friedman[2000], p.64

posições políticas; e não são poucos os seguidores de Heidegger entre os teóricos ditos “progressistas” de sua época.⁸⁶

Não obstante, o autor ressalta que, no caso específico de Heidegger e Carnap, suas posições filosóficas – ao menos na ocasião dos debates – se encontravam intimamente relacionadas às suas posições políticas na época. No caso específico de Carnap, nos chama a atenção o fato de Friedman, em uma nota imediatamente relacionada ao trecho citado⁸⁷, mencionar como exemplo de uma filosofia científica conservadora e anti-semita as figuras de Frege e Bauch, não por contestarmos sua caracterização, mas por serem duas das principais influências no primeiro momento da filosofia carnapiana. Como expusemos no primeiro capítulo, Carnap sempre se manifestou politicamente afinado ao socialismo e chegou a participar ativamente de projetos relacionados à reforma que se ensejava na social-democracia austríaca anterior ao *Anschluss* – ou seja, sua postura política se opunha diametralmente àquela de seus professores, e tais divergências não mudaram o débito de Carnap para com estes autores, em especial Frege, no seu desenvolvimento filosófico⁸⁸.

A Parting of The Ways não é o primeiro trabalho de Friedman a abordar a questão da divisão analítico/continental na Filosofia a partir da influência do neo-kantismo nas filosofias de Carnap e Heidegger. Quatro anos o autor publicou o artigo *Overcoming Metaphysics: Carnap and Heidegger*⁸⁹, no qual são estressados os reflexos do neo-kantismo no pensamento de ambos os autores, o contexto político no qual estava imersa a discórdia, e onde aparece já a supramencionada alternância de foco entre questões filosóficas e posições políticas. No entanto, é no ensaio de 2000 que emerge uma figura um pouco esquecida do artigo de 1996: Ernst Cassirer. Ainda que boa parte do livro se paute por uma análise histórico-conceitual, o capítulo final reserva uma súbita tomada de posição, na direção da possibilidade de uma reaproximação entre as filosofias analítica e continental a partir daquele que, apesar de no momento do debate propriamente dito ter assumido o papel uma das partes disputantes, ao final dele - e pelo resto da história da filosofia contemporânea - tornou-se coadjuvante.

A opção por tomar partido da posição de Cassirer é justificada por Friedman pelas duas vias: a política e a filosófica. A primeira via mostra que Cassirer mantinha boas relações tanto com Heidegger quanto com Carnap e, apesar de ter sido forçado a se exilar na América

⁸⁶ Friedman[2000], p.157

⁸⁷ Ibidem, nota 217.

⁸⁸ A auto-biografia intelectual publicada em Schilpp[1963] é bem enfática na referência a esta influência. Ver, em especial, as passagens entre as pgs.11-12

⁸⁹ Friedman[1996] in:Giere e Richardson[1996]

do Norte após a chegada dos nacional-socialistas ao poder na Alemanha, e das conhecidas afinidades de Heidegger com este regime que o levaram a se tornar reitor da Universidade de Freiburg, tais eventos não implicaram em uma hostilidade entre os dois⁹⁰. A forma como Cassirer reagiu aos eventos políticos, no que tange sua relação com os dois participantes do debate não se deve, dessa vez, a uma simpatia por ambos, mas sim a uma posição aparentemente neutra, avessa aos radicalismos que pareciam assumir politicamente Carnap, à esquerda, e Heidegger, à direita:

Cassirer, como sabemos, era um defensor incondicional da República Weimar. Talvez justamente por isso, por outro lado, ele nunca se setiu atraído pelas orientações sociais e políticas mais radicais adotadas por Carnap e Heidegger respectivamente.(...)Do mesmo modo que sua abordagem diante de questões filosóficas era essencialmente sintética e conciliatória, sua aproximação a questões políticas era não-confrontadora.⁹¹

Na segunda via, ou seja, a da análise da contribuição de Cassirer para uma conciliação entre uma filosofia próxima da lógica e das chamadas *Naturwissenschaften* e outra que, no seguimento de uma tradição fenomenológica e hermenêutica, volta-se antes para as *Geisteswissenschaften*, encontramos sua explicação pela descrição que Friedman faz das idéias de Cassirer, em especial de sua filosofia das formas simbólicas:

O propósito geral de Cassirer é mostrar como todas as diferentes formas simbólicas (da ciência natural matematizada à história da cultura humana, da linguagem natural à moralidade, à religião e à arte) possuem seus próprios modos, distintos, de “validade universal”. São todas expressões do espírito humano, em última instância unitário, uma vez que este busca incessantemente “objetivizar” o mundo ao seu redor. Mas o melhor e mais claro exemplo de tal “validade universal” continua sendo, no melhor estilo da escola de Marburgo, a linguagem da ciência da matemática.

Essa aproximação com Cassirer não representa, em última instância, uma aceitação incondicional de sua filosofia das formas simbólicas. O autor lembra das dificuldades geradas daí, como por exemplo, a explicação sobre como os dois tipos de objetividade – científica e “cultural” - se relacionam entre si e na totalidade das formas simbólicas⁹². É, antes, o reconhecimento de que a Filosofia passou por uma divisão de caminhos, seja qual tenha sido

⁹⁰ Friedman[2000], p.159

⁹¹ Friedman[2000], pp.158-159

⁹² Friedman [2000], p.156

sua causa, a qual implicou em dois diferentes âmbitos de discussão e problemas, que não mais representa uma disputa – posto que mesmo uma disputa implica em um diálogo entre as partes disputantes. Ao fim e ao cabo, a preferência final que Friedman concede a Cassirer parece se fundar na busca deste por uma nova objetividade que ultrapasse os limites da Matemática e da Lógica, ou mesmo das ciências empíricas. A reconciliação nessa divisão de caminhos, mais do que o fim de uma divisão de grupos de autores, obras ou discrepâncias internas em faculdades de Filosofia, representa a reconciliação de duas partes de um mesmo âmbito em que imergem as artes, as ciências, a política e a religião: a cultura.

3 – AO FIM E AO CABO: O MOVIMENTO REVISIONISTA EM PERSPECTIVA

3.1. Das dificuldades:

O direcionamento de um trabalho para os membros do círculo vienense politicamente engajados, isto é, a clara intenção de lançar luz sobre Carnap e Neurath, igualmente chama a atenção para uma disputa interna ainda mais profunda que a estrutura de uma linguagem protocolar ou a forma como se projetariam as ciências especiais na ordenação de uma unidade da ciência. Uma questão que nunca foi resolvida entre os membros, e que ocasionalmente vinha à tona, diz respeito ao papel legado à Filosofia – e, de modo ainda mais preciso, ao filósofo – na concepção científica de mundo. Que a filosofia não tivesse mais o estatuto de uma ciência – de modo que não mais fosse vista como um grupo de enunciados que asseverassem qualquer coisa a respeito da realidade ou pudesse prover algum conhecimento ao homem – era de fato tema de disputa entre os positivistas. Uma vez posto isso, no entanto, a conservação ou não de alguma importância para a atividade do filósofo não era de modo algum consensual. Mas por que tal ponto, desse modo, que em tal desacordo repousa mais do que uma preferência pessoal pela utilização ou não do nome “filosofia” pelo positivismo do século XX, mas que sua aceitação por boa parte dos membros remanescentes do positivismo lógico é ilustração de como estes puderam transitar entre o movimento político da Europa continental para o meio acadêmico dos Estados Unidos.

A principal dificuldade de se bosquejar uma abordagem única sobre o positivismo lógico – e isso pode ser explicitado mesmo nos trabalhos que se propõem a reunir especialmente os membros da esquerda do círculo vienense – é a multiplicidade de interpretações que se reúnem sob um mesmo termo-chave. Assim, quando se lê nos escritos neopositivistas que a linguagem científica é essencialmente fisicalista, que as sentenças protocolares são constitutivas desta nova linguagem científica, ou que a concepção científica do mundo, nas palavras do Manifesto de 1929, “tem por objetivo a ciência unificada”⁹³, não podemos nos furtar de perguntar: qual o fisicalismo aqui proposto? O que se está dizendo por “ciência unificada”? Qual a natureza e estatuto das sentenças protocolares a que se está

⁹³ Carnap et al.[1929], p.10

referindo? E, como a produção recente deste revisionismo parece nos mostrar, muito dos equívocos atualmente encarnados nesta “visão recebida” do positivismo lógico repousam justamente sobre uma generalização de tal movimento a partir do vigor de determinadas interpretações em detrimento de outras. Assim, poderíamos sintetizar o revisionismo histórico por duas vias investigativas: uma primeira, empenhada em lançar luz sobre os “esquecidos”, isto é, as idéias e autores que ao longo dos anos foram legados ao ostracismo acadêmico, o que não indicaria sequer uma superação de suas idéias, mas – o que é ainda pior – a interrupção de diálogo com estas; e uma segunda, direcionada para a reconstrução dos eventos de modo a explicar como se deu o obscurecimento de tais idéias e a primazia de outras.

Ensejar um agrupamento e divisão entre os filósofos que tiveram ou não o devido reconhecimento a partir dos anos subseqüentes à Segunda Guerra é um trabalho que também exige cautela. Seria simplista, por exemplo, tomar a hipótese de que, na divisão a que nos remetemos no primeiro capítulo entre uma “direita” e uma “esquerda” política do círculo de positivistas vienenses reside a mesma divisão entre os que foram “lembrados” e os que foram “esquecidos” - e para isso bastaria lembrarmos de Rudolf Carnap: o filósofo de Jena, admitido representante da esquerda neopositivista, é reconhecido até hoje como um dos principais nomes da filosofia analítica do século XX. Mesmo Philipp Frank, ainda que tenha tido reconhecimento menor que seu colega, teve uma carreira de relativo sucesso mesmo após a emigração para os Estados Unidos ao final da década de 1930 e manteve um prestígio acadêmico até o final de sua vida.

Desde o início do presente trabalho nos referimos ao grupo de recentes comentadores como um “movimento revisionista”. Do mesmo modo, nos parece ser de igual importância pensar sobre o que nos legitima caracterizar tal compêndio de pesquisas como um “movimento”. Podemos mesmo dizer que formar a base argumentativa que justifique tomar tais estudos como trabalhos engajados em um mesmo movimento – no sentido de um projeto conjunto com uma agenda própria – acabou por ser um pressuposto e norteador de nossa questão primordial.

Ainda a respeito das dificuldades de dar cabo de nosso trabalho, percebemos que considerar a possibilidade de uma agenda implícita em tal grupo de comentadores, isto é, um programa que estivesse para além de uma retificação histórica e conceitual, nos seria uma tarefa de certo modo arriscada, posto que estaríamos sob a constante temeridade de atribuir a autores intenções que não lhes cabiam. A pergunta, desse modo, não seria propriamente pelas causas de uma retomada do positivismo lógico, mas sim de quais aspectos de tal retomada podemos nos valer para colocarmos nós mesmos questões contemporâneas em filosofia da

ciência, sendo ou não este o intento dos autores. Seriam justificadas, assim, as suspeitas de estarmos conferindo a tal projeto características que não passassem de mera especulação.

Ao considerarmos a possibilidade de uma agenda política e/ou filosófica específica em um trabalho nos atribuímos uma tarefa especialmente difícil. Em primeiro lugar, porque a existência ou não de tal agenda não é explicitada nos próprios trabalhos, à exceção de pequenos trechos em introduções ou conclusões dos mesmos. Se nos guiássemos tão somente pela letra dos textos, dificilmente chegaríamos a uma resposta que nos indicasse mais que um programa de correção na história da filosofia da ciência. Não desmerecendo a importância de tal correção, mas um trabalho de tal natureza, por maior que seja sua relevância na história da filosofia da ciência, acabaria por manter o positivismo lógico enquanto uma filosofia tão datada quanto o era antes de tais estudos. Ademais, nossa pesquisa, quando não mais voltada à história do positivismo que tais comentadores se empenham em trazer à luz, mas especificamente à empresa de colocar em perspectiva o trabalho de tais comentadores, teve que lidar com as parcas auto-referências dos autores de tais trabalhos. O objetivo das seções seguintes desta última parte de nosso estudo, portanto, concerne, além de um breve panorama sobre os temas tratados em separado nas partes anteriores, nossos apontamentos acerca de tal possível agenda comum (e mesmo das possibilidades de se inferir tal agenda).

3.2. Das alegadas razões para o revisionismo:

No intento de apresentar os indícios sobre as razões de tal projeto, remeto-me à introdução do livro *The Legacy of Vienna Circle: Modern Reappraisals*, de Sahotra Sarkar:

Um interesse significativo pelo empirismo lógico ressurgiu no início dos anos 1980. Isso não indicava qualquer retorno generalizado às posições advogadas pelos empiristas lógicos, mas antes, sua fonte de interesse era predominantemente histórica, parte de um desejo de compreender a história da filosofia do século XX.(...) Arquivos começaram a ser explorados de modo a expor intrincados detalhes das relações entre os empiristas lógicos, e entre estes e outros movimentos sociais e culturais dos anos 1920 e 1930.(...) Aos poucos, conforme progredia essa pesquisa histórica, emergia uma abordagem filosófica sobre este movimento mais positiva do que aquelas comuns nos anos 1960 e 1970. (...) Enquanto por um lado não é difícil de explicar ou mesmo apreciar tal interesse histórico, por outro é menos claro o porquê de tal reavaliação estar assumindo espaço.

Parece haver pelo menos três razões dignas de menção para tal reavaliação relativamente positiva: (1) posto que mais de uma geração se passou entre o auge do movimento e meados dos anos 1980, os novos comentadores puderam buscar uma visão mais ponderada acerca das contribuições e falhas do empirismo lógico mais facilmente do que aqueles comentadores – especialmente nos anos 1960 – que sentiam a necessidade de reagir à dominação da filosofia neopositivista; (2) a exegese histórica revelou que os empiristas lógicos guardavam uma variedade de visões mais complexas e interessantes do que as que lhes eram atribuídas; e (3) de fato, as diversas alternativas ao empirismo lógico enquanto filosofia da ciência, formuladas nos anos 1960 e 1970 não cumpriram suas promessas. Indo mais além, e de modo ainda mais controverso, tais alternativas (inclusive o realismo científico) se mostraram menos férteis e consistentes que o empirismo lógico.⁹⁴

Nos detenhamos um pouco sobre o último parágrafo, no qual Sarkar expõe três razões para tal trabalho. Quanto à primeira razão, podemos nos apoiar na afirmação, anteriormente defendida, de que na ocasião da própria superação do que se supunha ser o positivismo lógico como um todo não havia espaço para a compreensão do desenvolvimento de tal perspectiva. Isso justificaria o fato de só aproximadamente três décadas depois um trabalho que submetesse ao jugo de uma contextualização histórica tanto o positivismo lógico quanto sua auto-proclamada superação, chegando assim ao que Sarkar situa como a segunda razão para tal retomada. Nos restaria, por fim, a terceira razão, que mostra ser a mais forte. Para fundamentá-la, pontuemos as questões que buscamos tratar ao longo da seção anterior:

1. De acordo com o que defendem Reisch, Friedman e Richardson, a tese clássica de que as propostas apresentadas por Kuhn em sua *Estrutura das Revoluções Científicas* colocariam por terra todo o projeto neopositivista reside em um equívoco tanto de natureza conceitual - ou seja, de uma compreensão acerca do verdadeiro estatuto concedido por Carnap, e sustentada em maior ou menor grau por outros correligionários do círculo vienense, ao domínio de validade dos conceitos científicos – quanto de natureza histórica, por ignorar as intenções deste de aproximar o projeto kuhniano da agenda do projeto da ciência unificada, balizando-se em grande parte no fato de o trabalho de Kuhn ter sido primeiramente publicado no segundo volume da *International Encyclopedia of Unified Science*.

2. O trabalho de Uebel e Cartwright, entre outros, se apóia não mais em uma revisão conceitual do trabalho de um autor, mas, antes, em trazer à luz as suas idéias, obscurecidas ao longo das décadas, como forma de a partir destas, delinear uma nova concepção de

⁹⁴ Sarkar[1996] *The Legacy of Viena Circle: Modern Reappraisals*; pp.xi-xii

positivismo lógico, muito mais ampla que a visão recebida ainda parcialmente vigente. Ao focar na amplitude de projetos de Neurath, os autores propõem não só uma expansão da compreensão comum acerca do positivismo lógico, mas defender a tese de que em Neurath, principalmente, pela forma específica com que destoava de seus colegas, oferece em seus trabalhos um arcabouço teórico que requer, ainda que não uma completa transfiguração da visão recebida, ao menos o suficiente para compreender tal movimento como um projeto muito mais amplo e heterogêneo do que se acreditava até as décadas recentes.

3. A reconstrução histórica, por sua vez, expõe consonâncias até então desconhecidas entre o positivismo lógico e outros movimentos na política e nas artes; mais ainda, ao invés de tão somente propor um paralelismo entre as idéias de tais movimentos, a contextualização histórica se propõe a fundamentar uma aproximação *de facto* entre os membros do círculo vienense e os representantes dos demais movimentos.

Poderíamos nos perguntar a que alternativas em especial Sarkar estava se referindo, além do já citado realismo científico. A importância de nos perguntarmos por isso, e de chamarmos a atenção para este último ponto da hipótese de Sarkar reside nos parágrafos acima que resumem os pontos defendidos na seção anterior. Examinando o que se coloca em questão nos trabalhos, nos parece, sem dúvida, que havia uma intenção dos autores de oferecer uma réplica: de modo simplificado, uma réplica à visão recebida, que não raro é tida por tais autores como uma caricatura; de modo um pouco mais aprofundado, uma réplica às filosofias que buscaram superar tal positivismo. Contudo, mais do que expor o fracasso de tais perspectivas, havia um interesse ainda maior: aproximar o positivismo lógico daqueles que clamaram tê-lo superado.

Como dissemos, os trabalhos em quase sua totalidade enfocam autores específicos, quando muito em comparação com algum outro próximo. De todo modo, não há trabalhos sobre o positivismo lógico que abordem de uma só vez todos os autores. Isso seria suficiente para explicitar a diversidade de posições, mas o revisionismo vai além, e reforça justamente as diferenças entre tais autores. Como também foi afirmado, os trabalhos se dividem em dois tipos: a reinterpretação e o resgate. No primeiro tipo se insere basicamente o tratamento da obra de Carnap à luz de uma perspectiva anti-fundacionista, aqui situada em relativo acordo com seu colega Neurath e assim sustentando as aproximações não só políticas mas também filosóficas da esquerda do círculo vienense; no segundo tipo, por sua vez, se insere a grande obra recente relativa ao trabalho de Otto Neurath, perpassando tanto por seus trabalhos de

natureza filosófica e científica quanto o levantamento de sua biografia, mostrando como tais esferas aparentemente distintas de sua vida se mostram intimamente relacionadas. Pela restrição no escopo de autores tratados, e pela forma específica como se abordou cada autor,

Como ressaltamos anteriormente, não é fácil, à primeira vista, enxergar proximidades entre todos os autores, ou mesmo entre os principais destes, que torna-se possível enxergá-los sob a ótica de um projeto comum. Autores como Friedman direcionam clara atenção à obra carnapiana, e as relações com as transformações científicas de sua época, posicionando o positivismo lógico à luz da filosofia kantiana que o precedeu, e da filosofia kuhniana que o sucedeu; autores como Uebel e Cartwright, por seu turno, optam por questionar as bases fundacionistas do projeto neopositivista à luz principalmente da obra de Neurath, e outros como Galison, Holton e Reisch por sua vez se balizam na reconstrução específica da atmosfera sócio-cultural em que germinou e se desenvolveu a filosofia científica.

A hipótese aqui desenvolvida, por sua vez, é que se pode enxergar a partir do que foi exposto – e incluímos aqui o abreviado corpo de projetos exposto pelo *Institut Wiener Kreis* – que, de modo semelhante ao que tais comentadores contemporâneos fazem em relação aos positivistas vienenses, nos é lícito, ao menos pelos trabalhos que encontramos, abordar estes pesquisadores contemporâneos sob a ótica de uma agenda “filosófica” ou acadêmica, perguntando-nos a quem estes podem estar se dirigindo no escopo de um debate contemporâneo em filosofia e história da ciência.

No volume de 1998 da revista *Philosophy of Science*, Friedman publicou um artigo intitulado *On The Sociology Of The Scientific Knowledge and Its Philosophical Agenda*. O trabalho se apresenta desde seu início com um elogio e uma crítica ao projeto de elaboração de uma sociologia da ciência. O elogio se arrola no caráter inovador de tal projeto que, ao aplicar métodos de história social a importantes eventos da história da ciência foi capaz de ampliar de modo significativo a compreensão geral acerca dos contextos sociais, culturais e políticas de tais eventos; a crítica, por sua vez, reside nas posições filosóficas de tal projeto e suas aspirações de repelir o caráter universal de conceitos como objetividade, racionalidade e verdade, submetendo-os todos aos limites de circunstâncias sócio-culturais. Tal crítica nos soaria estranha a princípio, considerando a leitura do que o próprio autor nos apresentou em outros trabalhos. O que seria o “a priori relativizado”, por exemplo, senão uma forma de ele mesmo colocar em cheque, apoiando-se em uma nova interpretação do neopositivismo, o mesmo estatuto de universalidade e atemporalidade de tais conceitos?

Contudo, a crítica de Friedman reside menos na concepção em si que nas implicações que, segundo o autor, foram deduzidas a partir de tal relativização – as quais se resumem a um

projeto que, inspirado principalmente na obra do Wittgenstein tardio (da época das *Investigações Filosóficas*), colocaria por terra a filosofia tradicional⁹⁵. O que Friedman propõe, em lugar de restringir tal projeto ao escopo das ciências, torná-lo compatível com um estudo sobre a própria história da Filosofia, o que perpassaria, por sua vez, por um estudo que, com as mesmas ferramentas voltadas para a reconstrução histórica de revoluções científicas, abarcaria uma contextualização histórica, política, cultural e social acerca da gênese dos conceitos filosóficos que a própria sociologia da ciência pretendia derrubar:

Ainda que haja de fato importantes motivos para que disputas acerca do relativismo filosófico tenham emergido precisamente neste contexto intelectual, eu urgiria aos historiadores da ciência filosoficamente preocupados a resistir à tentação de se tornar partidários em tais disputas e, ao invés disso abordar tanto a filosofia quanto a ciência de um modo histórica e contextualmente sensível. Deveríamos almejar, em particular, transcender o tratamento amplamente assimétrico da ciência e da filosofia que se origina no trabalho de ruptura de Thomas Kuhn acerca das revoluções científicas. Ao mesmo tempo, contudo, a história da filosofia não recebe qualquer atenção, mas antes é retratada de modo estereotipado como um conflito entre uma visão nova e progressista e “a” tradição – no qual a última é tida como um monólito indiferenciado e normalmente não especificado pro completo. É perfeitamente normal, claro, que novos movimentos intelectuais tratem a história da filosofia deste modo. Meu ponto aqui é tão tomente mostrar que agora é tempo de historiadores da ciência filosoficamente preocupados avançarem para além deste estágio.⁹⁶

Assim, o elogio e a crítica tecidos por Friedman ao projeto de uma sociologia da ciência tal qual proposto pelo programa forte são ambos os motes para a sugestão do autor de um novo programa, algo como uma “sociologia da filosofia”, ou, ainda, uma história da filosofia da ciência. Mais do que o interesse específico pelo positivismo lógico, o que se mostra a nós quando nos focamos nas propostas metodológicas implícitas em tais trabalhos e explícitas na supracitada passagem, Seria o momento, portanto, de pensarmos se não já não havia nos trabalhos de Reisch, Galison, entre outros, desde poucos anos antes, uma resposta positiva ao convite de Friedman.

Os autores do movimento revisionista abordados no presente estudo são, em sua quase totalidade, membros do chamado *Institut Wiener Kreis*. Este instituto, fundado em 1991 sob a direção de Friedrich Stadler na Universidade de Viena, é indubitavelmente o mais forte elemento agregador de autores e fomentador de pesquisas relativas ao revisionismo do espólio neopositivista. Na *homepage* do instituto, lemos que seus auto-proclamados propósitos são

⁹⁵ Friedman [1998], p.241

⁹⁶ Friedman [1998], pp.241-2

(...)a documentação e o desenvolvimento continuado do trabalho do Círculo de Viena na ciência e na educação popular, áreas que até o momento vinham sendo negligenciadas, assim como a manutenção e aplicação de um modo de pensar analítico lingüístico, racional-crítico e lógico-empírico, assim como a construção de uma filosofia científica e uma concepção de mundo em conjunção com correntes de caráter sócio-cultural.⁹⁷

E na seqüência lê-se:

Um dos objetivos principais do Instituto é democratizar o conhecimento e a ciência enquanto um processo de esclarecimento [*enlightment*], contrapondo-se a todas as formas de pensamento irracional, dogmático ou fundamentalista no contexto de uma sociedade, e levando em conta os recentes desenvolvimentos em uma pesquisa internacional.

Como podemos perceber pelas passagens supracitadas, se por um lado tal projeto de reavaliação do positivismo lógico não perpassa pela adoção de uma metodologia afinada por completo à corrente filosófica analítica – visto os recursos à reconstrução histórica como a principal diferença - por outro são observáveis influências do positivismo lógico tal qual proposto pelo círculo de Carnap e Neurath nesses pensadores contemporâneos. Evidenciamos, assim, que mais do que um projeto de uma correção da história da filosofia da ciência, é possível compreendermos tal movimento como a retomada de uma agenda filosófica até bem pouco tempo legada ao obscurecimento. Notemos, em especial na segunda parte da citação, a recorrência a termos como “esclarecimento” e o ataque ao pensamento “irracional” e “dogmático”, e faz-se inevitável a comparação com o manifesto de 1929.

Contudo, se seguimos por esse caminho, é igualmente prudente termos em conta o fato de que, uma vez que não estamos mais no contexto histórico, político e filosófico no qual estavam imersos os positivistas vienenses, em que contexto se insere tal proposta de revigorar uma concepção de mundo de oitenta anos atrás. A filosofia, academicamente, certamente não goza mais do mesmo status do início do século, e a ciência não passa mais pelas mesmas transformações conceituais em questão nos primeiros anos após o surgimento da mecânica quântica e da teoria da relatividade. O que se coloca em questão, portanto, é não mais o julgamento sobre a certeza das bases pelas quais se funda a ciência, mas o próprio

⁹⁷

Texto retirado da homepage do instituto (http://www.univie.ac.at/ivc/e_institut/index.htm) no dia 15/06/08.

questionamento sobre a possibilidade de se instituir tais bases, as mesmas que, décadas antes foram enumeradas pelo filósofo Robert Merton que assegurariam à ciência seu *status*⁹⁸.

Uma investigação que almeje abarcar não somente as intenções internas expostas em trabalhos particulares, mas o próprio escopo de debates correntes na ocasião do surgimento de tal proposta revisionista, depreca de nós perceber em que medida se dá tal aproximação com o positivismo lógico histórica e socialmente contextualizado fora de seu contexto histórico e social – o que, por seu turno, exige uma compreensão do próprio contexto histórico e acadêmico em que se insere tal projeto, tarefa esta que será o escopo da próxima seção.

3.3. Esboço de uma contextualização

Como dissemos no início da segunda parte deste estudo, pode-se dizer que tal trabalho de reavaliação do positivismo lógico teve seu começo nos anos 1980. Contudo, é igualmente importante frisar que foi a partir dos anos 1990 que este ganhou força, com considerável aumento no número de publicações relativas ao tema. Os anos de 1990 foram igualmente marcados pelo que se convencionou chamar as “guerras da ciência” (ou “*science wars*”).

Em 1996, a revista *Social Text* publicou um artigo do físico norte-americano Alan Sokal. No artigo, intitulado “*Transgressing the boundaries: towards a transformative hermeneutics of quantum gravity*”⁹⁹. O que chamou a atenção foi a publicação quase simultânea em outro periódico, *Lingua Franca*, no qual o autor revela a peça pregada: o artigo publicado na *Social Text* era um apanhado de contra-sensos sem qualquer amparo científico – e, mais ainda, que tais contra-sensos não de sua autoria, mas inspirados em idéias diversas de autores que, de modo genérico, seriam referidos como “pós-modernistas”. Embora o embuste tivesse o teor de uma brincadeira aos olhos públicos, suas intenções não o eram, como o autor reporta no artigo em que confessa o intento do trabalho:

⁹⁸ Em 1942, em um artigo intitulado “Science and Technology in a Democratic Order” publicado no periódico *Journal of Legal and Political Sociology* (e republicado em 1973 sob o título “The Normative Structure of Science” na coletânea *The Sociology of Knowledge: Theoretical and Empirical Investigations*), Robert Merton afirma o que seriam os quatro imperativos institucionais norteadores do ethos científico, expressos pelo acrônimo CUDOS: comunismo (Communism), segundo o qual as descobertas e avanços científicos são de domínio público; universalismo (Universalism), de acordo com o qual as diferenças culturais como raça ou nacionalidade não justificam a exclusão de descobertas científicas; desinteresse (Disinterestedness), isto é, a afirmação de que, ainda que na vida pessoal os cientistas sejam as mesmas de qualquer outro homem, na atividade científica é exigida deste uma integridade moral para com seu trabalho maior do que boa parte das demais atividades humanas; e por fim, “ceticismo organizado” (Objective Skepticism), pelo qual

⁹⁹ Sokal [1996]

Por que eu fiz isso? Ainda que meu método fosse satírico, minha motivação é absolutamente séria. O que me preocupa é a proliferação não somente de uma forma de pensamento frouxo e sem sentido *per se*, mas de um tipo particular de pensamento frouxo e sem sentido: aquele recusa a existência de realidades objetivas, ou (quando confrontado) admite sua existência conquanto minimize sua relevância prática. No seu melhor aspecto, uma revista como a *Social Text* levanta importantes questões que cientista algum deveria ignorar – questões, por exemplo, respectivas ao modo como o financiamento estatal e corporativo influencia o trabalho científico. Infelizmente, o relativismo epistêmico pouco faz para levar adiante discussões sobre tais temas.

De modo abreviado, minha preocupação diante da disseminação de um modo subjetivista de pensar é tanto intelectual quanto política. Intelectualmente, o problema com tais doutrinas reside no fato de serem falsas (quando não simplesmente destituídas de sentido). *Há* um mundo real; suas propriedades não são simplesmente construções sociais; fatos e evidências *de fato* importam. Que pessoa sã sustentaria algo diferente? Não obstante, muito da teorização acadêmica contemporânea consiste justamente em tentativas de anuviar estas óbvias verdades – estando a absurdidade completa de tudo isso oculta por meio de uma linguagem obscura e pretensiosa.¹⁰⁰

As declarações de Sokal, por sua vez, não consistem somente uma crítica severa aos limites do desconstrutivismo subjacente à aparente troça. A forma que o autor usou para explicar as intenções de seu trabalho representou a convergência de o que parecia ser um conflito de natureza estritamente acadêmica para uma discussão política. O ponto de pauta não era somente um conflito sobre o estatuto epistemológico de enunciados científicos, ou a importância de sua. Implícita à discussão estava um claro debate político. Se enquanto admitido defensor de um realismo científico, o autor era criticado pela via filosófica, por outro seu trabalho gerou protestos tanto dos editores da *Social Text*, quanto de intelectuais de esquerda em geral, que o taxaram de “conservador”.

Não tenciono com tal ilustração afirmar que há uma correlação histórica entre o que se chamou de “o caso Sokal” e o início de um movimento que trouxesse novamente ao centro do debate o até então esquecido neopositivismo do início do século XX – por um lado contrapondo-o à sua visão recebida e, ao mesmo tempo, ao que este mesmo se tornou a partir do fim da segunda metade do mesmo século. Tal hipótese seria improvável pelo próprio conflito de datas, posto que à altura da publicação de Sokal e das “guerras da ciência” já havia um trabalho bem desenvolvido de reinterpretação do positivismo lógico. A menção a tal evento é, antes, uma ilustração do contexto em que se insere tal proposta. Se o caso Sokal

¹⁰⁰

Sokal [1996a], p.4

marcou a transposição de uma questão acadêmica para a esfera pública¹⁰¹ não obstante podemos entendê-lo também como a radicalização de uma tensão já existente antes entre partidários de uma corrente pós-modernista e outra realista científicista. Que tal discordância tenha se transmutado em uma suposta divisão entre direita e esquerda políticas foi motivo de igual espanto para o físico, ele mesmo um admitido esquerdista.

Assim, o debate não é entre uma postura politizada e outra despolitizada, posto que ambas as partes recorrem ao debate de teor político para se defender. Esbarramos, aqui, de fato, na acusação mútua entre realistas e/ou racionalistas contemporâneos e pós-modernistas. E não deixa de ser curioso que ambas as partes parecem arrogar-se das mesmas virtudes políticas e acusar o opositor dos mesmos vícios. Assim, ambos – racionalistas/realistas e pós-modernistas – afirmam-se como defensores dos valores democráticos, em prol de uma sociedade livre, na mesma medida em que ambos respondem às mesmas acusações de colocar por terra justo aquilo do que se afirmam baluartes.

Para qualquer dos partidos deste conflito intelectual, não parece mais haver espaço para uma ciência livre da contextualização. O que se coloca em questão, por sua vez, são os limites de tal contextualização e os posicionamentos políticos que se implicam em tais trabalhos. Tal ponto remete-nos ao que afirma o escritor norte-americano Francis Wheen no livro *Como a Picaretagem Conquistou o Mundo: Equívocos da Modernidade*,

É amplamente justificado um questionamento acerca das pretensões científicas de uma objetividade absoluta e desinteressada: não é necessário ser desconstrucionista para notar os imperativos políticos e econômicos que alimentaram a determinação do presidente Kennedy de pôr um norte-americano na Lua, nem os gastos do presidente Reagan com o programa “Guerra nas Estrelas”. Mas o subjetivismo desenfreado dos pós-modernistas alimentou suas ilusões e despertou da modorra os monstros mais primitivos. Eles levaram algum tempo para perceber que seu lema do “vale tudo” combinava harmoniosamente com os argumentos dos defensores de Hitler, a exemplo do historiador britânico David Irving, que afirmou que nenhum judeu foi morto em câmaras de gás em Auschwitz.¹⁰²

O que Wheen parece afirmar, e que Sokal defendeu anos antes de modo ainda mais peculiar, são as conseqüências nefastas de uma radicalização do relativismo e, de modo geral, do pós-modernismo. Que se questionasse a validade absoluta e atemporal do amparo

¹⁰¹ O caso transferiu o epicentro do âmbito de discussão dos periódicos acadêmicos para seções de jornais de grande circulação de todo o mundo. Intelectuais a quem Sokal direta ou indiretamente se referia, a exemplo de Jacques Derrida, passaram a ser convidados a se manifestar em jornais a respeito da questão. Para um panorama geral das “guerras da ciência”, ver *Science in Society*, de Massimiano Bucchi, em especial cap.9; sobre a posição específica de Sokal, ver, além dos artigos aqui referidos, o livro *Intellectual Impostures*, em especial o “Postscript” ao artigo da *Social Text*.

¹⁰² Wheen[2004], pp.115-6

conceitual em que se pautam os enunciados científicos, ou se levasse em conta a ciência enquanto uma instituição imersa em um contexto social, político e mesmo econômico que em maior ou menor grau norteasse o surgimento de novas pesquisas e tecnologias, não é absurdo – e, como já mostravam anos antes os sociólogos da ciência, e antes destes alguns positivistas austríacos, segundo os protagonistas de nosso estudo, tal caracterização não é nova ou tampouco nociva ao desenvolvimento científico. O que se coloca para tais autores como preocupante são as implicações de se tomar mesmo a história da ciência, que na esteira da filosofia kuhniana se afirmou como um relevante horizonte para a compreensão do desenvolvimento científico, não mais como um ponto firme. O problema, enfim, é quando mesmo a própria contextualização histórica, política e social perde qualquer ponto de apoio pela supressão pós-moderna da carga significativa da noção de “fato”. Não caberia aqui um prolongamento maior sobre as questões envolvidas nas guerras da ciência, bastando a compreensão desta como um conflito de natureza intelectual - não obstante assumisse contornos políticos – que marcou o final do século XX.

Voltando ao grupo de autores do revisionismo, nos chama a atenção, uma vez mais, uma coincidência de fatores – quando tudo o que temos de concreto são coincidências e o fim é a elaboração de uma hipótese, cabe portanto reforçar tais coincidências na medida do possível. Colocando de modo resumido, o positivismo que aqui se apresentou por meio dos trabalhos recentes – ou ao menos uma parcela considerável deste - pode ser caracterizado como um movimento politicamente engajado (e, principalmente, um engajamento de esquerda), defensor de um convencionalismo lingüístico e de uma perspectiva filosófica em que valores culturais, políticos, artísticos e científicos mesclam-se em uma única concepção de mundo. Na mesma medida, autores como Uebel e Cartwright – em especial o primeiro – e em certa medida Reisch defendem, no escopo das idéias de Otto Neurath não só o aspecto anti-fundacionista, mas sobretudo seu caráter anti-reducionista e pluralista.

Nos detenhamos agora sobre o último trecho da citação acerca dos objetivos do *Institut Wiener Kreis*: contrapor-se, ao mesmo tempo, a todas as formas de fundacionismo, irracionalismo e dogmatismo. Ainda que, ao contrário do que fizeram os positivistas de Viena, tal plano não se dirija diretamente a autores ou movimentos que representem tais posicionamentos a serem combatidos, e ainda que estabelecer uma associação desse tipo acabe por conter uma indissociável carga especulativa, cabe a nós nos perguntarmos por tais posições.

Tomado o contexto de um debate entre adeptos de um realismo científico e partidários de um relativismo pós-modernista, é particularmente complicado situar um movimento que

propõe reinterpretar um movimento filosófico de modo a “desconstruir” a visão recebida de tal movimento – o que poderia ser visto como um aceno ao pós-modernismo – na mesma medida em que reafirma o vínculo de tal projeto com uma forma específica de objetividade, não realista mas ainda assim cientificista. O que se pode apreender, de fato, além do que já foi dito nas seções anteriores, é que, se não há um compromisso com as convicções epistemológicas fundacionistas em que Sokal ancora suas críticas ao subjetivismo pós-moderno (como a veemência com que o físico defende a existência de um mundo externo), por outro há uma clara relutância em adotar-se o “vale-tudo” do relativismo.

Pelo contrário: quando Reisch ou Galison afirmam os fatores políticos que contribuíram para a construção de uma visão limitada do amplo campo de idéias que compunham o círculo de Viena, ou quando Friedman ressalta a relevância da ascensão do nacional-socialismo na Alemanha e na Áustria na interrupção de um debate profícuo entre Carnap e Heidegger, mais do que fazer uma mera desconstrução dos fatos relatados de uma versão histórica oficial, os autores propõem antes uma clarificação sobre eventos que permaneciam até então obscuros. Assim, feita a correção de natureza histórica, não haveria uma desconstrução ou a atribuição de um novo sentido para antigos conceitos, mas sim expor, em contraponto a uma visão equivocada, o verdadeiro caráter do trabalho dos filósofos estudados.

4. CONCLUSÃO

Que o positivismo lógico em si não tenha sido o objeto primordial de nossa pesquisa, isso se mostra em especial pela segunda seção, e não acredito que seja ainda necessário um desenvolvimento maior de tal argumento. O que acabamos por sugerir, por outro lado, é que o positivismo lógico de Viena, mesmo para tais pesquisadores revisionistas, é também ele um elemento secundário, um estudo de caso para sustentar pontos específicos próprios dos autores de tal revisionismo. Elencamos abaixo tais pontos:

1. O estabelecimento uma relação de identidade entre todo o positivismo lógico e a tradição filosófica analítica desmerece uma extensão considerável da produção de tal movimento, a saber, a obra de Otto Neurath;
2. Por outro turno, estabelecer uma mesma relação de identidade entre a filosofia analítica como uma proposta politicamente neutra, a exemplo do trabalho de Carnap, denota uma desatenção com a importância de acontecimentos políticos - tanto na Europa da primeira metade do século XX quanto na América do Norte na sua segunda metade – para tornar tal filosofia da ciência despojada de uma agenda política.
3. Na mesma medida, é possível encontrar na obra tanto de Carnap quanto de Neurath elementos de aproximação com correntes da filosofia da ciência que clamam ter superado o positivismo lógico que, ironicamente, permitiria compreender ambos os autores como precursores de tais propostas. Em Carnap, por meio de uma análise do caráter que as estruturas lingüísticas assumem em seu *Logical Syntax* enquanto convenções lingüísticas e uma reinterpretação do seu *Aufbau*, busca-se aproximar a filosofia carnapiana como um projeto de relativização histórica daquilo que em Kant se apresentava como sintético a priori – uma relativização que se estenderia mesmo ao que o próprio Carnap tomou como enunciados analíticos; em Neurath, pelos seus diversos trabalhos relativos à unidade das ciências, ao caráter político do movimento neopositivista, às referências ao marxismo e à sua concepção específica de fisicalismo, almeja-se explicitar como no autor encontramos rudimentos do que mais tarde, em certa medida, veio a se chamar de “pós-modernismo”, visto que as críticas que o pós-modernismo arrogava-se ter tecido primeiramente ao positivismo lógico já foram,

internamente e décadas antes, ensejadas pelo principal representante político do positivismo austríaco.

Por fim, o intento desta última parte, de contextualizar o debate historicamente como forma de inferir uma agenda política e filosófica, também merece uma ponderação. O fito de submeter tal projeto revisionista ao escrutínio de seu próprio programa para a filosofia da ciência é passível ainda de ser ele mesmo posto a uma revisão e futuras considerações. Ao contrário do que Friedman ou Galison fizeram com a filosofia científica dos positivistas de Viena, ainda não estamos em condições de contextualizar tal movimento à luz de um passado ou de um desenvolvimento futuro. Ao mesmo tempo, considerando que tal revisionismo ocorre no momento exato em que o abordamos, dar conta da totalidade de seu alcance seria um projeto no mínimo arriscado.

Tematizamos aqui, por nosso turno, uma investigação sobre o projeto de uma nova proposta de interpretação do positivismo lógico, na mesma medida em que buscamos indícios, em diferentes graus, de um corpo de sugestões para o filósofo da ciência contemporâneo – seja nos moldes de um novo programa de pesquisa em sua área, seja no alvitre de uma agenda política. Se tal movimento de fato alcançará os objetivos a que se propôs, quais as perspectivas futuras de um programa metodológico deste tipo para a filosofia das ciências, e as repercussões de tal proposta em um debate mais amplo no qual conceitos como “objetividade” e “razão” se inserem na esfera onde se mesclam ciência, política e cultura - a requisição por tais repostas só pode ser legada ao futuro.

REFERÊNCIAS

- AYER, Alfred J. (ed.) [1959]. *Logical Positivism*; New York: Free Press
- AWODEY, Steve; KLEIN, Carsten (eds.), [2004]. *Carnap Brought Home: The View from Jena*. Full Circle: Publications of the Archive of Scientific Philosophy. Volume 2. Chicago: Open Court
- AXTELL, G. [1993] “In the Tracks of the Historicist Movement: Re-Assessing the Carnap-Kuhn Connection” In: *Studies in History and Philosophy of Science*, V.24. pp.119-146
- BLUMBERG, Alan & FEIGL, Herbert [1931]. “Logical Positivism: a New Movement in European Philosophy” In: *Journal of Philosophy* 28, pp.281-96
- BUCCHI, Massimiano [2004] *Science in Society: An introduction to social studies in science*, New York: Routledge
- CARNAP, Rudolf [1959 (1928)] *Überwindung der Metaphysik durch logische Analyse der Sprache* trad. “The Elimination of Metaphysics Through Logical Analysis of Language” In: AYER [1959], pp.60-81
- _____. [1961(1928)] *Der logische Aufbau der Welt* trad. *The Logical Structure of the World*, Berkeley, University of California Press
- _____. [1963], “Intellectual Autobiography”, In SCHILLP [1963] pp.3-84
- _____. [1987 (1932)] *Über Protokollsätze* trad. “On Protocol Sentences”; *Noûs*, Vol. 21, No. 4, pp. 457-470.
- _____. [1937]. *Logische Syntax der Sprache* trad. *The Logical Syntax of the Language*; Chicago: Open Court
- CARNAP, Rudolf, HAHN, Hans, NEURATH, Otto. [1986 (1929)]. *Wissenschaftliche Weltauffassung – Der Wiener Kreis* trad. “A Concepção Científica do Mundo - O Círculo de Viena” In *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*.10, pp.5-20
- CARNAP, Rudolf, MORRIS, Charles W., NEURATH., Otto (eds.) [1955 (1938)]. *International Encyclopedia of Unified Science Volume 1*. Chicago: The University of Chicago Press
- CARTWRIGHT, Nancy, FLECK, Lola, UEBEL, Thomas [1996]. *Otto Neurath: Philosophy Between Science And Politics*; Cambridge University Press

- CARTWRIGHT, Nancy, CAT, Jordi, CHANG, Hasok. [1996]. "Otto Neurath: Politics and the Unity of Science" In: GALISON, Peter & STUMP, David (eds) [1996]. *The Disunity of Science: Boundaries, Contexts, and Power*; Stanford: Stanford University Press
- DAHMS, Hans-Joachim [2004]. "*Neue Sachlichkeit* in the Architecture and Philosophy in the 1920s" In: AWODEY & KLEIN [2004], pp.357-75
- FEIGL, Herbert [2004 (1955)]. "Aims of Education for Our Age of Science: Reflections of a Logical Empiricist" In: *Science & Education* V.13; pp.121–149
- FRANK, Phillip [2004 (1947)]. "The Place of the Philosophy of Science in the Curriculum of the Physics Student" In: *Science & Education* V.13; pp.99–120
- _____. [1957]. "Introductory Adress" In: *Synthese*, V.16, pp.15-9
- FRIEDMAN, Michael [1996]. "Overcoming Metaphysics: Carnap and Heidegger" In: GIERE & RICHARDSON [1996], pp.45-79
- _____. *Reconsidering Logical Positivism*. New York: Open Court
- _____. [2000]; *A Parting of The Ways*; New Work: Open Court
- _____. [2002]. "Carnap, Cassirer and Heidegger: The Davos Disputation and Twentieth Century Philosophy" In: *European Journal of Philosophy* V.10, N.3; pp.263-274
- _____. [2004] "Carnap and the evolution of the a priori" In: AWODEY & KLEIN [2004] pp.101-16
- _____. [2007] "Coordination, Constitution and Convention: The Evolution of the A Priori in Logical Empiricism" In: RICHARDSON & UEBEL [2007]
- FRIES, Horace S. [1942] "On the Unity and Ethical Neutrality of Science" In: *The Journal of Philosophy*, Vol. 39, No. 9, pp. 225-234.
- _____. [1944] "On The Unification of Science" In: *The American Journal of Economics and Sociology*; V.3, N.2; pp.193-200
- GABRIEL, Gottfried [2004]. "Introduction: Carnap Brought Home" In: AWODEY & KLEIN[2004], pp.3-24
- GALISON, Peter [1991]. "Aufbau/Bauhaus: Logical Positivism and Architectural Modernism" In: *Critical Inquiry* 16, 709-52
- _____. [1996] "Constructing Modernism: The Cultural Location of the *Aufbau*" In: GIERE & RICHARDSON [1996] pp.17-44
- GALISON, Peter & STUMP, David (eds) [1996]. *The Disunity of Science: Boundaries, Contexts, and Power*; Stanford: Stanford University Press
- GIERE, Ronald [1996]. "From *Wissenschaftliche Philosophie* to Philosophy of Science" In: GIERE & RICHARDSON [1996] pp.335-54

- GIERE, Ronald & RICHARDSON, Alan (eds.); [1996]. *Origins of Logical Positivism*. Minneapolis: University of Minnesota Press
- GINSBURG, Edward B. [1932] “On the Logical Positivism of the Viennese Circle” In: *The Journal of Philosophy*, Vol. 29, No. 5., pp. 121-129.
- GLOCK, Hans-Johann [1997]. *Dicionário Wittgenstein*; Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor
- HALLER, Rudolf [1991]. “The First Vienna Circle” In: UEBEL [1991] pp.95-108
- _____. [1991a]. “On Otto Neurath” In: UEBEL [1991], pp.21-32
- HARDCASTLE, Gary L. and RICHARDSON, Alan W. (eds.) [2003] *Logical empiricism in north america* ; Minneapolis : University of Minnesota.
- HOLTON, Gerald [1992]. “Ernst Mach and The Fortunes of Positivism in North America” In: *Isis*, V.32, pp.27-52
- _____. “Philipp Frank at Harvard University: His Work and His Influence” In: *Synthese*, 153, pp.293-311
- IBARRA, Adoni; MORMANN, Thomas; [2003] “Engaged scientific philosophy in the Vienna Circle: the case of Otto Neurath” In: *Technology in Society* V. 25; pp. 235–247
- JANIK, Alan & TOULMIN, Stephen [1991]. *A Vienna de Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Campos
- KALLEN, Horace M. [1946]. “The Meanings of ‘Unity’ Among the Sciences, Once More” In: *Philosophy and Phenomenological Research* 6, pp. 493-496.
- _____. [1946a]. “Reply” In: *Philosophy and Phenomenological Research* 6, pp. 515-26
- _____. [1946b]. “An Annotation to The Annotation” In: *Philosophy and Phenomenological Research* 6, pp. 528-9
- _____. [1946c] “Postscript: Otto Neurath 1882-1945” In: *Philosophy and Phenomenological Research* 6, pp. 529-33
- KRAFT, Viktor [1986(1950)] *Der Wiener Kreis* trad. El Circulo de Viena. Madrid: Taurus Ediciones
- KRUSE, Cornelius [1935]. “The Eighth International Congress of Philosophy” In: *The Philosophical Review*, Vol. 44, No. 1, pp. 46-56.
- _____. [1938] “The Ninth International Congress of Philosophy” In: *The Philosophical Review*, Vol. 47, No. 1, pp. 64-70.
- KUHN, Thomas [1990] “The Road Since *Structure*” In: CONANT & HAUGELAND pp.90-104
- MACH, Ernst & Lowie, Robert [1947]. Letters from Ernst Mach to Robert Lowie

- MARGENAU, Henry [1941]; “Foundations of the Unity of Science” In: *The Philosophical Review*, Vol. 50, No. 4., pp. 431-439.
- MATTHEWS, Michael R. [2004]. “Reappraising Positivism and Education: The Arguments of Philipp Frank and Herbert Feigl” In: *Science & Education* 13; pp.7–39
- MORRIS, Charles W. [1946]; “The Significance of the Unity of Science Movement” In: *Philosophy and Phenomenological Research* 6, pp. 508-515.
- NAGEL, Ernest [1944]. “The Eighth International Congress of Philosophy” In: *The Journal of Philosophy*, Vol. 31, No. 22., pp. 589-601.
- NEMMETH, Elizabeth [1996]. “Otto Neurath’s Vision Between Science Utopia and Encyclopedia” In: NEMMETH & STADLER [1996], pp.6-20
- _____. [2007]. “Logical Empiricism and the History and Sociology of Science” In:
- NEURATH, Otto. [1921] “Anti-Spengler” in: NEURATH[1973]
- _____. [1935]. *Developpement du Cercle de Vienne et l’Avenir de l’Empirisme Logique*. Paris: Hermann
- _____. [1938] “Encyclopaedism as a Pedagogical Aim: A Danish Approach” In: *Philosophy of Science*, Vol. 5, No. 4, pp. 484-492
- _____. [1944]. *Foundations of the social sciences*. Chicago: University of Chicago Press.
- _____. [1946]. “After six years” In: *Synthese*, V.5, 77–82.
- _____. [1946a]; “The Orchestration of the Sciences by the Encyclopedism of Logical Empiricism” In: *Philosophy and Phenomenological Research*, V. 6, N. 4, pp. 496-508.
- _____. [1973]. *Empiricism and Sociology*. ed. Marie Neurath and Robert S. Cohen. Dordrecht : D. Reidel
- _____. [1959 (1935)]. *Soziologie im Physikalismus* trad. “Sociology in the framework of Physicalism” In: AYER [1959]
- _____. [1959 (1932)]. *Protokollsätze* trad. “Protocol-sentences” In: AYER [1959]
- RICHARDSON & UEBEL [2007], pp.278-304
- OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de & FREIRE, Olival [2006] “Uma conversa com Gerald Holton” (entrevista) In: *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, V. 23, N.3, pp. 315-28
- O’NEILL, John. [2003] “Unified science as political philosophy: positivism, pluralism and liberalism” In: *Studies in History and Philosophy of Science* V.34, pp. 575–596
- O’NEILL, John, UEBEL, Thomas. [2004]. “Horkheimer and Neurath: Restarting a Disrupted Debate” In: *European Journal of Philosophy* V12; N1; pp. 75–105
- PARRINI, Paolo & SALMON, Wesley [2003] *Logical Empiricism: Historical & Contemporary Perspectives*; University of Pittsburgh Press; USA

- PINTO DE OLIVEIRA, José Carlos [2007]. "Carnap, Kuhn and Revisionism: On the publication of *Structure in Encyclopedia*" In: *Journal for General Philosophy of Science* 38, pp.147-57
- PRIEST, Graham; [2002] "Where's Philosophy at the start of Twenty-First Century"; *Meeting at the Aristotelian Society, Senate House, University of London in 2nd December 2002*
- REISCH, George A. [1991]. "Did Kuhn Kill Logical Empiricism?" In: *Philosophy of Science*, V.58, N.2, pp. 264-277
- _____. [2005] *How the Cold War transformed Philosophy o Scieece: To the Icy Slopes of Logic*, Cambridge: Cambridge University Press
- _____. [2007] "From the 'life of the present' to the 'Icy Slopes of Logic': Logical Eppiricism, The Unity of Science Movement, and the Cold War" In: RICHARDSON & UEBEL [2007] , pp.58-87
- RICHARDSON, Alan [2004]. "Tolerating Semantics: Carnap's Philosophical Point of View" In: AWODEY & KLEIN[2004] pp.63-78
- RICHARDSON, Alan & UEBEL, Thomas (eds.) [2007]. *The Cambridge Companion to Logical Empiricism*. New York: Cambridge University Press
- ROCKMORE, Tom [2004] "On the Structure of Twentieth Century Philosophy" In: *Metaphilosophy* V.35, N.4, pp.466-478
- SARKAR, Sahotra. [1996]. *The emergence of logical empiricism : from 1900 to the Vienna Circle /* Publication New York : Garland
- SCHILPP, Paul Arthur [1963] *The Philosophy of Rudof Carnap*; La Salle: Open Court
- SOMERVILLE, John [1936]. "The Social Ideas of the Wiener Kreis's International Congress" In: *The Journal of Philosophy*, V.33, N.11.; pp. 295-301
- SMITH, Barry[1989] "Austrian Origins of Logical Positivism" in: GOWER[1989] pp.34-57
- STADLER, Friedrich; [1993] *Scientific philosophy : origins and developments*; Boston: Kluwer Academic
- _____. (ed.) [2006]. *The Vienna Circle and Logical Empiricism: Re-avaluation and future perspectives*; USA: Kluwer
- _____. [2006a] "What is the Vienna Circle?" In: STADLER[2006], pp.xvi-xxviii
- _____. [2007] "The Vienna Circle: Context, Profile ad Development" In: RICHARDSON & UEBEL, pp.13-40
- UEBEL, Thomas (ed.) [1991] *Rediscovering the Forgotten Vienna Circle: Austrian Studies on Otto Neurath and the Vienna Circle*, USA: Kluwer

_____. [1991a] *Overcoming Logical Positivism from Within. The Emergence of Neurath's Naturalism in the Vienna Circle's Protocol Sentence Debate*; Rodopi

_____. [1996] "Anti-Foundationalism and The Vienna Circle Revolution in Philosophy" In: *The British Journal for the Philosophy of Science* 47(3), pp.415-40

_____. [2004]. "Education, Enlightenment and Positivism: The Vienna Circle's Scientific World-Conception Revisited" In: *Science & Education* V.13; pp.41–66

_____. [2004a]. "Carnap, the Left Vienna Circle, and Neopositivist Antimethaphysics" In: AWODEY & KLEIN [2004], pp.247-78

_____. [2005]. "Political philosophy of science in logical empiricism: the left Vienna Circle" In: *Studies in History and Philosophy of Science* 36; pp. 754–73

_____. [2007]. "Philosophy of Social Science in early logical empiricism: the case of Radical Physicalism" In: RICHARDSON & UEBEL [2007], pp.250-77

_____. [2008]

WERKMEISTER, William H. [1936]. "The Second International Congress for the Unity of Science" In: *The Philosophical Review*, Vol. 45, No. 6, pp. 593-600.

WHEEN, Francis [2004]. *Como a Picaretagem Conquistou o Mundo*; Rio de Janeiro: Record.